

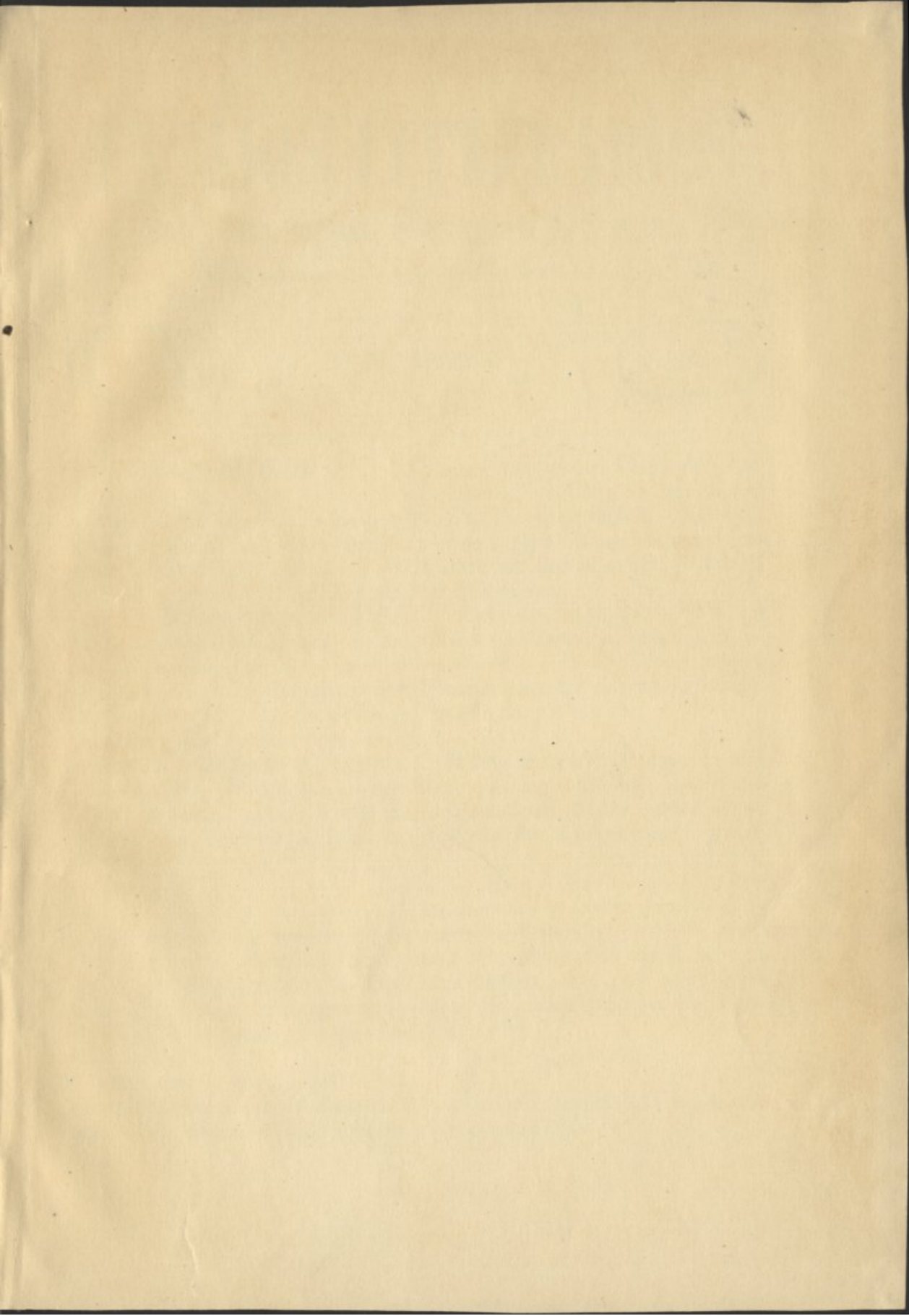
ENSAIOS LITTERARIOS

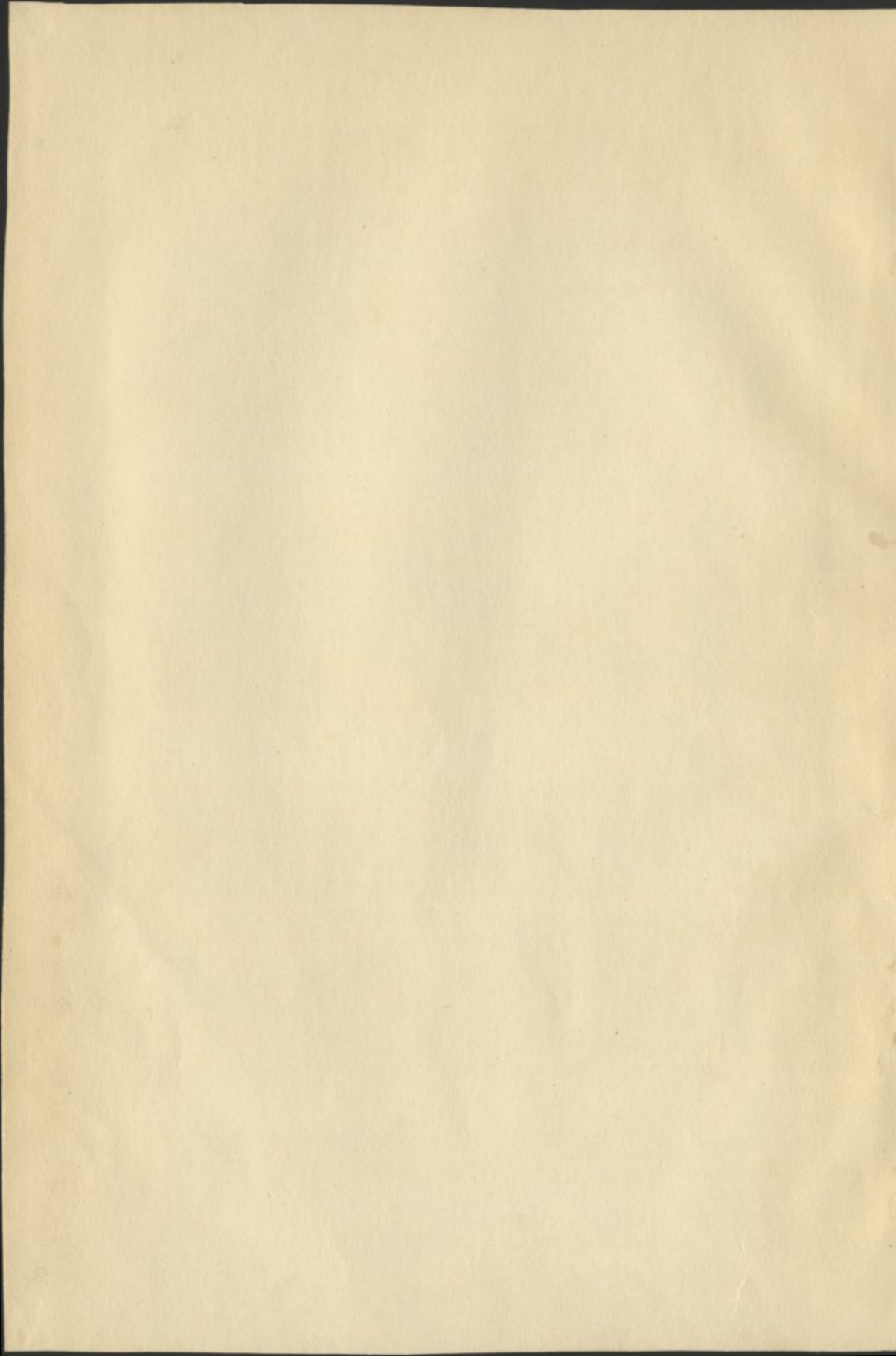
1861-62



10
5
18

ISMAEL A. CHUVAS
ENCADERNADOR
C. DOS APOSTOLOS
COIMBRA







ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDEGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.



14 DE DEZEMBRO

329
pml



INTRODUCCÃO

Assim como ao vegetal são necessarios os vivificantes raios solares, assim a publicidade é mister a um mal despontante amor da litteratura, o qual semelhante ao germen d'uma planta se desenvolve em ramos e depois produz flores, que seria uma impiedade cortar, quando desabrocham frageis e palidas, porque mais tarde, animadas pelos beneficos raios do sol, podem tornar-se fortes e coloridas. —Tivemos este pensamento e elle fez nascer em nosso espirito a idéa de crear este jornal, idéa que, animados pela publica approvação, hoje pômos em pratica.

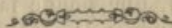
Offerecemos hoje ao publico nossas primeiras produções confiados em que elle as receberá, attendendo ás diminutas forças de quem as produzio e vendo n'ellas os nossos primeiros Ensaios litterarios.

Intitulamos o nosso jornal — ENSAIOS LITTERARIOS—por conhecermos quanto convem a nossos escriptos este

titulo, e que se outro lhe dessemos sahiriamos d'um plano em que nossas poucas forças permittem que caminhemos, para irmos aventurar-nos n'outro em que ellas nos prohibem tentar a marcha.

— ENSAIOS LITTERARIOS — é pois o titulo do nosso jornal, titulo que julgamos dá a conhecer nossas idéas e nossas aspirações, e previne o leitor a respeito do que vae lêr.

Já dissemos quão espinhosa é a carreira que vamos incetar, e que quasi nenhuma são nossas forças; hoje repetimos isso accrescentando que só poderemos levar ávante esta empresa, se o publico receber nossos—ENSAIOS LITTERARIOS— como as primeiras flores de mal arraigado arbusto, que, senão as collocar ao abrigo da sua benevolencia serão pelo mais fraco sôpro da critica lançados por terra desfolhadas.



A penna é o sceptro do sabio, a cornucopia da civilisação.

Destruição da cidade de Dabul por D. João de Castro

COMMEMORAÇÃO HISTORICA

Hoje 14 de Dezembro de 1861 faz 314 annos que D. João de Castro, quarto visorrei da India, filho de D. Alvaro de Castro, governador da casa do civel, em Lisboa, acommetteo e destruiu a cidade de Dabul, pertencente ao Idalcão.

A causa do ataque foi a seguinte:

O Idalcão tendo sabido, que D. João de Castro lhe tomára a fortaleza de Podá, derrotára os seus capitães e se tornara outra vez senhor das terras de Salsete, e julgando-se offendido, mandou á pressa o capitão Calabatecan com 20:000 homens, sendo 3:000 de cavallaria, a tomar outra vez as terras, que D. João de Castro lhe conquistara, e a fazer guerra á cidade de Gôa.

Calabatecan entrou pelas terras de Salsete e as retomou.

Tendo-se isto sabido em Gôa, immediatamente se reuniram, em casa do Bispo, os principaes da cidade; e não se sabendo o que se havia de fazer, o governador d'ella se offereceo para ir com a sua gente combater o inimigo. Foi unanimemente approvedo.

Os vereadores porém, apenas souberam da tenção do capitão, e estando scientes de que o exercito inimigo era mui grande, foram a casa do Bispo e ali mandaram-no chamar, representando-lhe, que não saísse de Gôa a atacar os inimigos, não que elles tivessem medo, mas sim porque, se por um acaso elle fosse derrotado, a cidade ficava sem defensão alguma.

Os vereadores taes cousas disseram, que foi forçoso ao capitão o não sair da cidade. A unica cousa, que poude fazer, foi mandar aviso de tudo a D. João de Castro.

D. João de Castro, tendo sabido pelo aviso do capitão o que se passava, ficou mui zangado contra os vereadores: em con-

sequencia escreveu-lhes immediatamente a reprehendel-os, e juntamente escreveu tambem ao capitão a ordenar-lhe, que com toda a sua gente o esperasse em Agaçaim, porque queria ir a Salsete.

Apenas D. João de Castro tinha escripto e enviado estas cartas, embarcou com a sua gente para Gôa.

Tendo chegado defronte da cidade de Dabul, pertencente ao Idalcão, em razão das offensas feitas por este ao rei de Portugal, resolveu atacal-a. A ordem foi dada aos capitães da armada para estarem promptos ao outro dia.

Ao amanhacer do dia seguinte acommetteo a barra, indo adiante D. Alvaro, seu filho, e, sem embargo das bombardas, que da cidade lhe atiravam, dirigio-se para a praia d'ella.

D. Alvaro de Castro, como lhe fôra ordenado, desembarcou com 2:000 homens e com as Naires do rei de Cochim: na praia achou o Tanadar da cidade, acompanhado de muita gente, com quem teve um grande combate: de parte a parte houve alguma perda, porém os inimigos foram repellidos.

Depois d'isto, D. João de Castro tendo desembarcado, dividio as tropas em dous corpos, dos quaes tomou o commando de um e deu o do outro a seu filho.

Assim, dividido o exercito em dous corpos, atacaram a cidade. Houve mui grande resistencia, porque todos os seus moradores pelejavam.

Os nossos porém iam com tal impeto, que, ainda que os inimigos defendessem mui bem a cidade, comtudo ella foi tomada e os seus habitantes expulsos.

Os despojos foram tantos, que com menos da terça parte, todos os navios foram cheios. Depois de estarem todos satisfeitos, lançou-se o fogo á cidade, e de tal modo foi destruida, que não ficou nada em pé.

Diogo de Couto nas suas decadas da Asia, fallando da destruição de Dabul, exprime-se assim:

« Queimarão-se assi em terra, como no rio, muitas naos, e embarcaçoens de toda

a sorte, ficando aquella misera cidade convertida em caruões, e cinza. Em fim o castigo foi tal, que em quanto durar a India, durará sua memoria.»

Depois d'isto D. João de Castro, victorioso, embarcou, e deu á vela para Gôa.

A. M. D'ALMEIDA.

Effeitos do amor

CAPITULO I.

Luz e Luiza.

N'uma triste noute do mez de Fevereiro do anno de 1859 se passava o seguinte :

Um joven e uma joven se encaminhavam alta noute por caminhos oppostos para o caes do Sodré em Lisboa.

Não vão já os leitores imaginar, que se tractava d'um *rendez-vous* : pelo contrario tractava-se d'um terrivel crime !

Estes jovens, que um terrivel acaso ia reunir, não eram conhecidos um do outro : ambos jovens e bellos, já caminharem para o crime !

Porém, para não fazer esperar os leitores mais tempo, já lhes vou dizer, qual o crime, que elles premeditavam.

O crime, era o ultimo remedio dos desgraçados, o suicidio!!!..

Seria o amor, que os fazia attentar contra a vida? Não. O mancebo suicidava-se por estar enfasiado da vida, a joven por desespero!...

O mancebo era filho do defunto visconde de... , e a joven era costureira : não digo já, qual a sua familia, pois que mais adiante teremos occasião de o saber.

Collocados em tão diferentes graus de sociedade, como se vê, o acaso, o terrivel acaso os ia reunir no mesmo dia, á mesma hora e no mesmo sitio para um crime.

Como já dissemos, a noute era triste : densas nuvens cobriam o ceu, e só de vez em quando deixavam brilhar algum pallido reflexo da lua.

Não obstante isto, os jovens caminhavam mui depressa : a joven comtudo foi a que primeiro chegou ao caes do Sodré : depois de ter olhado para o magestoso Tejo, ajoelhou e orou : depois levantou-se.

A este tempo o mancebo chegava á borda do rio, e ia já para se lançar á agua, quando as nuvens se apartaram, e a lua deixou ver ao mancebo uma joven em pé e olhando tristemente o rio.

A lua apenas se mostrou alguns segundos, mas este tempo foi sufficiente ao mancebo para admirar e namorar-se da donzella, que, o rosto pallido e lindos cabellos louros espalhados pelos hombros, olhava em pé e silenciosa o Tejo. Mil diferentes pensamentos atravessaram a mente do joven: nem um só instante duvidou, que a donzella se queria suicidar.

N'este instante a moça exclamando: meu Deus, perdoae-me! lançou-se ao rio.

O joven, como fascinado, e sem se lembrar de que tambem alli ia para se suicidar, correu para o sitio, em que ainda ha pouco a donzella estava, e começou anciosamente a olhar o rio: um segundo depois vio luzir um vulto: como elle era excellente nadador não duvidou em se lançar ao rio, não para se suicidar, como instantes antes meditava, mas sim para socorrer a moça.

Alguns minutos depois, o mancebo sustentava no meio do caes de Sodré a joven desmaiada: ignorando em que sitio ella moraria, estava n'uma triste perplexidade, quando a joven lançou um triste e prolongado ai!

Passados dous minutos a joven tinha completamente voltado a si.

Ao mancebo, que lhe perguntou onde morava, ella nada respondeu.

Instantes depois, e como já o dia começasse e amanhecer, ella murmurou — Deus assim o quer! —, e depois, voltando-se para o mancebo, que permanecia calado ao pé della, e que se não caçava de a olhar, lhe disse, pondo uma mão no peito:

— Meu amigo, eu não posso fazer mais

do que agradecer-vos, porém Deus um dia vos recompensará.

— Porém, menina, diga-me onde mora, para eu lá a conduzir.

— Obrigado, mil vezes obrigado, porém eu não tenho necessidade de que vós me conduzaes: se fosse rica accitaria com todo o gosto, porém como sou pobre, não vos quero mostrar a minha miseria.

— Mas antes de nos separarmos, prosequio ella, depois de um momento de silencio, diga-me o seu nome, para que eu peça a Deus para si uma feliz vida.

— O meu nome, menina, só vos faria conhecer um desgraçado, pois que d'ora em diante a felicidade me é interdicta. Se comtudo me quereis dar alguns momentos de alegria, dizei-me o vosso nome.

— Como vol-o hei de eu dizer, se vós não me quereis dizer o vosso!

— Pois bem, eu lh'o digo, mas ha de ser com a condição de que tambem me ha de dizer o seu.

— Eu chamo-me Luiz, disse o mancebo, e vós menina?

— A mim chamam-me Luiza, respondeu ella: depois, olhando melancolicamente o mancebo, prosequio: adeus, meu salvador, até dias mais felizes.

— Adeus! disse o joven machinalmente, e sem saber o que dizia.

Luiza, depois de ter tornado a olhar para o mancebo, affastou-se precepidamente.

Luiz permanecia fixo, e como retido por uma força sobrenatural no mesmo lugar, e sem deixar de seguir com a vista a formosa Luiza, que continuava a affastar-se, olhando comtudo de vez em quando para traz.

— Foi-se, disse o mancebo voltando a si; e n'isto deitou a correr a ver se ainda alcançava Luiza, porém todos os seus esforços foram baldados, pois que não chegou a encontral-a.

Apesar de ver que a não encontrava, continuou a correr, como um insensato, pelas ruas. Correu tanto, que chegou a um sitio, em que soffucado, cahiu desmaiado.

(*Continua.*)

CRENÇA

I

No ar se chocam as nuvens,
Rebomba ao longe o trovão;
Ruge o mar, encapellado
Por medonho furacão.

Co'o furor da tempestade
Lindo batel naufragou:
E o bravo e déstro piloto
Já nas ondas se abysmou.

De ramo em ramo fugindo,
Sem abrigo algum achar,
Corre só meiga avesinha,
Temerosa, sem trinar.

Busca em vão a companheira
Que na selva se perdeu,
Do rijo vento batida,
Quem sabe se pereceu? . . .

N'um prado, quasi crestada,
Eis a rosa, — a linda flor — ;
Soffrendo a dura tormenta,
Tem perdida a rubra cór...

Mas de repente o sol brilha
Dando á terra mimo e luz:
A flor, ha pouco inda murcha,
Já bella agora, seduz!

A ave em terno gorgoio
Ergue um hymno ao Creador:
Um hymno puro e singelo,
Todo espr'ança e todo amor!

De luctar quasi cançado
Acha o nauta salvação,
Que arrostando contra as vagas
Tinha a fé no coração.

II

Quando a crença nos conforta
Não sentimos nunca a dor;

A estrella que então nos guia
Tem um brilho seductor :

Quando mais tarde a procella
Da vida o norte encobrir,
Ai de nós, se densas trevas
Lhe apagarem seu fulgir !

Dezembro, de 1860.

ZILU.

ALBERTINA

Historia da meia noute

INTRODUÇÃO

Embora as historias de fantasmas sejam hoje taxadas de mentirosas, quem é que, tendo prolongado a leitura d'uma dessas historias até alta noute, não sente um suor frio percorrer o corpo, quando a bronzada voz dos sinos brada meia noute? Quem é que depois d'uma d'essas leituras, dirigindo-se para o leito onde vae buscar no somno abrigo contra o terror involuntario que o opprime, se atreve a olhar em torno de si? E quem é que depois, tendo-se deitado no leito, não vê estranhos fantasmas vaguearem em torno de seu quarto, e tendo adormecido cansado já da vã lucta que em si travou para as expellir da sua imaginação, não continua em sonhos a ser o ludibrió d'essas apparições? . . .

Não serão estes factos bastantes para que acreditemos na volta á terra d'esses entes que já desataram o fragil laço que os prendia ao mundo material para irem habitar o mundo dos espirites?.. Ouvi-me, philosophos e dizei-me ao ouvido, para que ninguem mais vos ouça quantas vezes de dia negastes a existencia de tal volta, e quantas vezes de noute, acordados por um ruido qualquer, que o silencio nocturno torna mysterioso, lançando amedrontados a vista em torno de vosso quarto, e vendo branquejar, talvez, que d'uma parede, sobre a qual os raios

da lua caiam de chapa, metteste prudentemente a cabeça debaixo da roupa?

Lêde a historia seguinte ; lêde-a á meia noute, e se ella não vos impressionar mandae para aqui vosso nome a fim de que nós o transmittamos á posteridade como o d'um ente excepcional.

I

... Meia noute, hora de solemnes
e profundissimos mysterios...
M.º * * * CASTELLO D'ESTALLENS.

N'um quarto do primeiro andar d'uma casa da rua da Calçada, dorme placidamente em seu leito um mancebo cujo rosto alumia o avermelhado clarão de uma lamparina, collocada junta com um par de pistolas sobre uma mesa.

O quarto tem duas portas, uma das quaes fica defronte do leito e dá para um corredor, e outra fica perto da mesa em que está a lamparina, isto é, a dous metros de distancia do leito.

Como o quarto é muito espaçoso, a claridade que n'elle derrama a luz da lamparina, vae diminuindo progressivamente até á porta opposta ao leito, a qual fica em completa escuridão.

Do alto de todas as torres de Coimbra soam doze badaladas lentas e sonoras, annunciando que está findado o dia 14 de Outubro de 1839. Á primeira badalada o mancebo acorda sobresaltado, e lançando-se para fóra do leito exclama, como ameaçando alguem que elle tinha a certeza de o estar ouvindo : bom, vae principiar a comedia, e eu cá estou para applaudir. — Ao mesmo tempo toma as pistolas de cima da mesa e dirige-se para a porta que fica ao pé d'ella.

As ultimas vibrações do bronze vão morrer ao longe, levadas pelo forte vento que faz, quando o mancebo abrindo a porta ouve o chiar dos gonzos da outra e se volta immediatamente para esse lado com as pistolas engatilhadas. Porém neste momento uma rajada de vento precipitantando-se atravez

as portas entre-abertas, apaga a lamparina. O mancebo que já tinha feito pontaria para o lado da porta, que lhe fica frenteira dispa para as pistolas. O clarão da pólvora incendiada, sem duvida lhe deixou ver algum estranho espectáculo, porque cahiu no chão desmaiado, pronunciando estas duas palavras: Meu thio. . .

(Continúa.)

A. COELHO.

variedades.

Os Nomades

Nomades é o nome que antigamente se dava a diversos povos, que não faziam mais do que apascentar rebanhos: não tinham casa fixa: paravam onde eram melhores as pastagens.

Os mais celebres nomades foram as da Africa, que habitavam entre a Tingitania e Mauritania, e que foram chamados *Numides*. Salluste pretendeu, que era uma colonia de Persas vinda á Africa com Hercules. Os nomades da Asia habitavam as bordas do mar Caspio. Os nomades da Scithya europea erravam nas regiões, que hoje percorrem os pequenos Tatars.

O mez de Novembro

No tempo dos antigos Romanos, Novembro era o nono mez, porque então não havia ainda Janeiro e Fevereiro, isto é, eram só dez. O mez de Novembro não tem senão 30 dias: elle estava sobre a protecção de Diana.

Ausone representava Novembro, sob a figura d'um padre d'Isis, vestido de panno de linho, a cabeça calva ou rapada e apoiado sobre um altar, onde estava a cabeça d'um cabrito montez immolado á deusa. Esta personificação do mez de Novembro era porque nas calendas d'este mez se celebravam as festas d'Isis.

Além d'isto celebravam-se tambem em Novembro as Neptunaes, os jogos populares, as Liberaes e os sacrificios mortuarios.

A igreja catholica celebra neste mez o dia de todos os Santos e o dia dos fieis defuntos.

Rosa de ouro

No dia 24 d'Abril de 1842 teve lugar a apresentação da *Rosa d'ouro*, enviada pelo Papa a Sua Magestade a Rainha D. Maria II. Juntamente com ella veio um breve onde se lia: « Que esta flor representava Jesus Christo e sua Mãe, que á maneira de rosa, enche o ceu e a terra do cheiro de angelica suavidade, para que tal rosa seja para estes reinos precursora de toda a prosperidade, e que nelles floreja e se estenda a religião.»

A esta cerimonia esteve presente toda a côrte: ha mais de tres seculos que não a havia.

Igrejas em Roma

Calcula-se terem sido construidas em Roma 303 igrejas: 2 no seculo 2.º, 9 no 3.º, 17 no 4.º, 8 no 5.º, 12 no 6.º, 5 no 7.º, 11 no 8.º, 7 no 9.º, 1 no 10.º, 7 no 11.º, 8 no 12.º, 16 no 13.º, 8 no 14.º, 30 no 15.º, 93 no 16.º, 62 no 17.º, e 7 no 18.º

O mez de Dezembro

O mez de Dezembro, em latim *december*, significa dez, ultimo mez do anno no tempo dos antigos Romanos. Dezembro, assim como os tres mezes antecedentes, já não está em concordancia com a ordem em que se achava, desde que Julio Cesar mudou o principio do anno, que era no 1.º de Março, para o 1.º de Janeiro.

O imperador Commodo tentou dar o seu nome aos 4 ultimos mezes, em vez dos que tinham; mas como Commodo era um tyranno, depois da sua morte, os mezes tomaram outra vez o mesmo nome.

O mez de Dezembro estava collocado sob a protecção de Vesta: neste mez celebravam-se muitas festas, entre as quaes se notavam as em honra de Fauno e Saturno. A primeira era no dia 5 ou nas nonas.

Horacio diz o seguinte :

*Quum tibi nonne redeunt decembres
Festus in pratis vacat otioso
Cum bove pagus.*

As Saturnaes, festas estrondosas, que os modernos preencheram pelo carnaval, começavam a 17. O dia 25 de Dezembro, dia do solstício do inverno, era muito festejado pelos povos antigos, assim como o é agora pelos modernos.

Este concurso unanime se explica pela volta do sol, que começa, entrando no capricornio, a voltar desde então para nossos climas. O dia 25 de Dezembro foi pois celebrado sob os diferentes nomes, que eram attribuidos ao sol como sendo o dia do seu nascimento.

Francisco Dandolo

Desde 8 de Janeiro de 1328 até 31 de Outubro de 1339, foi doge de Veneza, Francisco Dandolo. Antes de ser elevado a esta dignidade, tinha sido enviado, em 1313, como embaixador, ao Papa Clemente 5.º para obter, que este retirasse a excomunhão, que tinha lançado á republica veneziana.

Tendo-se lançado aos pés do Pontífice, com uma cadeia de ferro ao pescoço, declarou, que se não levantaria, em quanto não tivesse obtido a absolvição da sua patria. Clemente 5.º se compadeceu e reconciliou Veneza com a Igreja.

Esta aventura fez com que dessem a Dandolo o sobrenome de *cão*, que elle guardou toda a vida. Durante sua administração, os Venezianos, encerrados até então nas suas lagôas, estenderam sua dominação sobre a terra firme, conquistaram Trevue, Ceneda e Conegliano, terras pertencentes á familia Scala, e tomaram sob sua protecção os Carraras, senhores de Padua, de quem asseguraram a independencia.

CHRONICA

Ai! tempo, tempo, como tu corres mal para o pobre chronista, sem um roubo, sem um assassinato, sem um suicidio! Sae de casa o misero, esperando observar algum facto digno de ser noticiado, e quando já cansado de percorrer ruas, ouvindo gritar — aqui d'elrei — e voltando-se cheio de esperanza de ver commetter algum crime horrendo á luz do dia, não vê mais que um malvado garoto de cuja bôca escapou aquelle irrisorio grito! Com o coração oppresso por mais aquella desillusão, continua sua investigação, e eis que partindo d'alguma taberna, gritos de — mata, mata, esse ladrão — lhe vem restituir a esperanza. Dirige-se para o lugar d'onde partem os gritos afim de se informar do ladrão; mas, oh! infelicidade suprema! o ladrão é um gato! Apoquentado por estes e outros episodios desesperadores volta para casa o pobre chronista e ahi sentado á sua banca em vão espera que toque ao fogo ou que desabe alguma morada de casas na vizinhança. . . . E o que faz elle n'estes casos supremos, apoquentado pelo redactor, que não se importa se ha ou não noticias, mas que quer chronica para o jornal? Escreve algumas chorôsas linhas as quaes possam compadecer o leitor. . . Mas, ah! ainda agora reparo que intitulei o que estou escrevendo de — Chronica — e que isto vae cheirando hem pouco a chronica. E que chronica quer o leitor se faça d'esta cidade de Coimbra, tão esteril em acontecimentos? Todavia o leitor quer noticias e eu para o contentar noticiar-lhe-hei o que ha mais importante.

Nos dias 10 e 11 houve exequias pelo eterno descanso d'El-Rei fallecido, na igreja da Misericordia, que estava armada funebremente. No dia 11 houve ahi oração funebre recitada pelo Sr. Padre Alves Matheus.

Consta que os academicos naturaes do Minho vão formar uma sociedade d'instrução e recreio. Mui louvavel é este desejo de dar assim um impulso á civilização.

Espera-se n'esta cidade o nosso illustre poeta o Sr. Mendes Leal, que vem assistir á representação do seu drama — O dia da redempção — que ha de subir á scena no novo Theatro de S. Christovão naoute do dia 22 proximo.

Dizem que a aclamação de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, será celebrada no dia 22 d'este mez.

E aqui faço ponto final pois nada mais ha de novo. F.

CHARADAS

1.^a

« Nunca antes; que mania!
— Diz furibunda minh' avó —
N'este *quarto*, quando o vejo,
É depois do jantar só » 1

« Minha velha rabugenta,
Sabe usar de caridade:
Pois não vês qu' eston aqui?! »
— Lá isso é verdade 1

Pateta! não adivinhas
O que todos veem cá?!
Olha, que não adivinhar,
Isso acontece só lá..

Só com ella sei andar!
Meu caro, vou passear.

J. P.

2.^a

A prima foi nome proprio
De muito nosso antepassado. 1

A segunda um appellido
Que ainda hoje é usado. 1

Se a ultima letra lhe mudas
Tens do campo uma parte... 2

O todo d'esta charada
Boas novas pôde dar-te. A. C.

ENSAIOS LITTERARIOS

Condições d'assignatura.

PARA COIMBRA.

Por trimestre.....	280 réis.
Por mez.....	100 réis.
Avulso.....	60 réis.

PROVINCIAS.

Por trimestre.....	310 réis.
Por mez.....	120 réis.

Quem arranjar 6 assignaturas realisaveis receberá um exemplar *gratis*.

Os Srs. Assignantes das Provincias terão a bondade de enviar o importe da sua assignatura em estampilhas, n'uma carta subscriptada a Antonio Maria d'Almeida, rua das Colchas n.º 3, onde é a redacção.

Agradecem-se os escriptos enviados á redacção, que, quer sejam ou não publicados não serão restituídos.

Assigna-se e vende-se na rua das Covas, loja do sr. *José de Mesquita*.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANNOS EM COIMBRA

POR

A. A. F. de Albuquerque.

Este interessante livro destina-se a narrar uma parte da historia das antiguidades e monumentos de Coimbra: descrever os typos das diversas classes coimbricenses, entre as quaes avulta o lente, o estudante, o artista, o commerciante, a dama, a tricana, o aldeão, etc.; apontar as bellezas de Coimbra com a maior e mais precisa exactidão.

PREÇO DE CADA EXEMPLAR

Para os srs. assignantes.....	300 rs.
Avulso.....	400 »

Assigna-se em todas as lojas de livros de Coimbra, e na Imprensa Litteraria.

Para fóra só se remettem exemplares pagos adiantado.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 2.

1 DE JANEIRO

1862

Destruição da cidade de Damão por Martim Affonso de Sousa.

COMMEMORAÇÃO HISTORICA

Sendo governador da India o famoso D. Nuno da Cunha, chegou a Gôa nos fins do anno de 1533 Martim Affonso de Sousa, com uma armada: El-rei D. João 3.º mandava á India com o cargo de Capitão mór d'ella: os capitães das naus, de que se compunha a armada, que Martim Affonso de Sousa commandava, eram Simão Guedes, Tristão Gomes de Grãa, Diogo Lopes de Sousa e Antonio de Brito.

Apenas Martim Affonso de Sousa chegou a Gôa, D. Nuno da Cunha, sabendo, que elle vinha com o cargo de Capitão mór do mar, e juntamente uma armada, com a qual, lhe disse, fosse conquistar Damão.

Martim Affonso immediatamente partio com a armada, levando em sua companhia Manoel de Sousa de Sepulveda, João de Sousa Lobo, D. Diogo d'Almeida, Martim Corrêa, Francisco de Sousa e Fernão de Sousa de Tavora: estes eram capitães dos diferentes navios de que se compunha a armada.

Em Chaul reuniram-se as armadas de Diogo da Silveira e de Vasco Pires de Sampaio á de Martim Affonso de Sousa. Ao todo compunha-se a armada de quarenta vélas e quinhentos homens bem armados, entre os quaes se contavam illustres cavalleiros.

Martim Affonso achou a cidade de Damão arrazada, á excepção da fortaleza: os seus próprios defensores, em numero de quinhentos, entre turcos e Resbutos, se tinham acolhido a ella.

Martim Affonso tendo desembarcado de noite chegou á fortaleza ao amanhecer, por um caminho, que ia dar ao lado contrario ao que estava voltado para o rio. Os espingardeiros, que levava, tendo feito affastar a maior parte da gente, que estava nas muralhas, dirigiu-se sobre ellas uma escada, pela qual subio Francisco da Cunha, que quiz ser o primeiro, assim como sempre tinham sido os seus antepassados. Estando este para lançar as mãos ás muralhas, a escada, que era mui velha, quebrou, e o arrastou na sua queda, com os mais, que atraz d'elle subiam.

No entretanto os inimigos tendo aberto uma porta do outro lado da fortaleza, preparavam-se para fugir, quando os Portuguezes, dando d'isso fé, acudiram: houve ahí um forte combate, em razão de os Portuguezes quererem entrar e os inimigos sahir.

Diogo Alvares Telles foi o primeiro, que entrou, e atraz d'elle seguiram-se muitas outras pessoas: n'um terreiro, que estava dentro da fortaleza, achavam-se muitos inimigos, entre os quaes haviam mais de 50 de cavallo: os Portuguezes os atacaram, e, apesar da sua grande defeza, foram expulsos e mortos.

Depois da victoria, Martim Affonso de Sousa mandou arrazar a fortaleza: em seguida embarcou e partio para Dio.

O rei de Cambaia tal terror concebeo d'este successo, e tal temor d'outros maiores, que offereceu a paz ao rei de Portugal, por meio do seu embaixador Xacoez, com a doação da cidade de Baçaim e suas terras firmes: alem d'isto fez outras conceções ao rei de Portugal.

Damos aqui a narração da destruição de Damão, porque faz hoje annos, 1 de Janeiro, que isto aconteceo. A. P. D'ALMEIDA.

O 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

A 31 de Janeiro de 1580 expirava em Almeirim, depois d'anno e meio de desgraçada governação, o Cardeal-Rei D. Henrique, sem haver designado verdadeiro successor á corôa de Portugal, pois que a nomeação da junta dé 5 membros, para governar o reino depois da sua morte, mais um palliativo foi que outra cousa.

Oito pretendentes havia ao throno portuguez, tres dos quaes mostravam terem direitos á corôa, mas direitos puramente imaginarios; taes eram a côrte de Roma, e as rainhas Catharina de Medicis de França, e Isabel d'Inglaterra. Os outros 5 eram os netos de D. Manoel, dois dos quaes tinham em verdade direito ao reino, por descenderem, por linha masculina, d'aquelle rei, como eram D. Catharina, Duqueza de Bragança, filha do infante D. Duarte, e o prior do Crato, D. Antonio, filho, que se dizia legitimo, do infante D. Luiz. Os outros 3 eram Philippe II de Hespanha, filho da infanta D. Isabel, Manoel Filisberto, Duque de Saboya, filho da infanta D. Beatriz, e Raynuicio, principe de Parma, tilho da infanta D. Maria.

Com quanto o direito estivesse todo da parte da Duqueza de Bragança, e do prior do Crato, não obstante isso, Philippe II de Hespanha, como visinho e principe poderoso, mandou logo entrar um grande exercito, ás ordens do Duque d'Alba, pelas fronteiras de Portugal, passando d'este modo por cima dos direitos dos mais pretendentes.

O reino infelizmente não tinha forças que oppor a esta invasão; que todos os seus melhores filhos lá haviam ficado em Africa; razão porque Philippe II foi reconhecido rei de Portugal nas côrtes, que se para isso convocaram em Thomar.

D. Catharina não se oppoz a esta injustiça que se fizera á sua casa; mas o prior do Crato, menos prudente, fez que o acclamassem Rei de Portugal em Santarem; e, marchando á frente de um pequeno exercito, chegou por vezes ao encontro do castelhano. D. Antonio, sendo por fim sempre vencido e derrotado, teve que se refugiar em França, onde morreu, dando-se-lhe na sepultura o titulo de rei.

Livre d'este pretendente e socegado sobre as intenções da Duqueza de Bragança, a quem no intanto tinha como quasi prisioneira, Philippe II se deu todo á administração do reino.

Mas com quanto elle nas côrtes em Thomar houvesse jurado guardar os foros do reino (que eram os mesmos que havia ao reino promettido D. Manoel, quando, por sua mulher D. Isabel, succedia nas corôas de Castella e Aragão), comtudo, pouco a pouco, cada artigo foi sophismado, faltando-se ás promessas que elle jurara em Thomar e depois rectificara em Lisboa. E os crimes, como sempre em casos identicos succede, começaram logo este reinado, pois que a maior parte das vezes bastava uma simples palavra ou uma innocente acção mal interpretada para qualquer pessoa, sem distincção de classe, ser arrebatada d'improviso, e logo levada á Torre de S. Julião, d'onde, pela noute adiante, a arremessavam ao mar: e a tal numero chegou por fim o d'estes corpos, que as redes dos pescadores

nada mais traziam que cadaveres humanos; a instancias até dos pescadores teve de ir em procissão o Arcebispo de Lisboa benzer o mar — « para que elle (como succedeu) tornasse a pagar o tributo de peixe que d'antes costumava — » (*)

Se Portugal, sob o reinado de Philippe II, apesar de todas as suas promessas, já havia começado a sentir o mal que fizera em se haver entregado a Castella, agora mais o sentio com o governo de seu filho Philippe III; por quanto as desgraças e vexames do reino se pode dizer que triplicaram n'este reinado. Philippe III, como bom filho, queria por todos os modos usar para com Portugal a maxima de seu pai — *que era a um principe melhor ser senhor de um reino arruinado e seguro; que florente e poderoso* — ; e por isso de tudo lançava mão para seguir á risca esta politica maxima; assim é que, apenas subio ao throno, mandou fazer levas de gente, para mandar á guerra de Flandres; depois, quando em 1609 fez as treguas com a Hollanda, d'ellas excluiu as conquistas portuguezas, de tal modo que as mais ricas possessões de Portugal vieram a cahir quasi todas em poder dos hollandezes, sem que de Hespanha sahisse o mais leve socorro para as conservar, ou pelo menos resgatar; tal succedeu em Guiné em que a guerra durou 3 annos, e o mesmo se deu na India e no Brazil.

Dentro em pouco, das desgraças externas passou Portugal a soffrel-as tambem internas, dando-se, a esta tyrannia mais principio no reinado de Philippe IV. O reinado d'este principe começou com bem poucos auspicios de felicidade para este reino; foram logo augmentados os tributos, que de excessivos passaram a ser intoleraveis, e, o que mais era, sem que Philippe IV se desse o incommodo de convocar côrtes; assim no sal se lançaram novas contribuições, dobraram-se as sizas, lançou-se o real de agua por todo o reino, augmentaram-se os direitos nas caixas d'assucar, recolheram-se

as rendas destinadas a resgate dos captivos, etc., etc., etc.; e com todo este desconcerto de medidas deu causa o governo castelhanos a se o povo de Lisboa abalançar a quebrar com pedradas as janellas do Paço. Quasi tambem por este meio tempo a cidade da Bahia cahia em poder dos hollandezes, que bastantes esforços fizeram tambem para se assenhorearem de Pernambuco.

Com quanto até aqui os portuguezes, com a sua proverbial paciencia, tivessem soffrido todos estes vexames sem se queixarem, todavia a nomeação de D. Gaspar de Gusmão, Conde-Duque de Olivares, para primeiro ministro, veio agora fazel-a perder pouco a pouco; pois começou logo por nomear, para exercer o cargo de Secretario d'Estado em Madrid, a Diogo Soares, dando o mesmo emprego em Lisboa a Miguel de Vasconcellos, creaturas suas e de que se elle servia para a seu bel-prazer tyrannisar o povo portuguez, que de morte odiava.

Dado o primeiro passo na senda da oppressão, os outros pouco os custa a dar.

Receberam ordem os 3 estados da cidade de Lisboa para se juntarem, a fim de se lhes participar negocio urgente. Veio a junta á igreja de Santo Antonio, e ahi o Conde do Prado, D. Luiz de Sousa, expoz a ordem de Philippe IV, que pedia ao reino, alem das antigas imposições, mais 500 mil cruzados fixos cada anno, concedendo-se ao reino, como grande favor, a mercê de escolher a melhor forma de contribuição.

Os animos dos ouvintes não se poderam conter de indignação ao ouvirem tal pedido, e, de mais a mais, feito sem se convocar côrtes. O Conde de Sabugal, D. Francisco de Castello Branco, respondeu que todos os que alli estavam haviam jurado guardar os costumes de Portugal, e que assim lhes não era licito votar em similhante materia fóra de côrtes; sabindo da igreja tanto que disse estas resolutas palavras, seguido de todos os circumstantes. Esta briosa resolução de tal modo irritou o Conde Duque, que logo demittiu todos os governadores da cidade.

(Continua)

A. NOBERTO.

(*) Conde de Ericeira — Port. Rest.

ALBERTINA

Historia da meia noute

II

Ainda que á testa d'esta narração estejam as palavras — historia da meia noute, não imagine o leitor que todas as scenas d'ella se passam a essa hora, porque se eu não narrasse algumas passadas á luz do dia a historia ficaria sem duvida inintelligivel. Ora entre a noute, em que teve lugar a mysteriosa scena, a que assistimos no capitulo antecedente, e a seguinte passam-se scenas cujo conhecimento é mister para intelligencia d'esta historia, por isso rogo ao leitor me queira seguir até uma sala d'uma casa da rua Larga, theatro d'uma d'essas scenas.

.....
 Á doce claridade, que na sala derramam os raios d'um sol de Outubro, passando atravez as cortinas de cambráia das janellas, vê-se uma moça e um mancebo, sentados em cadeiras uma defronte da outra, e um pouco afastada d'elles uma senhora idosa lendo attentamente um livro. A moça, cujas formas elegantes cingem luctuosas vestes, deve ter 19 annos. O rosado de suas faces, contrastando com a pallidez que cobre o resto de seu rosto, denuncia a mais terrivel das enfermidades — a phtisica. Seus negros olhos traduzem a paz e bondade de coração angelico. Seus cabellos pretos são contidos por uma redesinha menos preta que elles.

O mancebo é alto e elegante. Seus olhos castanhos exprimem a felicidade d'um ente que tem a certeza de ser amado pela dama de seus pensamentos. Estão conversando.

— Desvarios da tua imaginação, diz o mancebo, são essas apparições, Albertina.

— É em vão que te cansas, Paulo, replicou Albertina, para arrancar de minha mente essas ideias, que chamas supersticiosas, porque eu tenho a certeza de aquellas apparições serem reaes, e não effeitos da imaginação.

— Mas em que tens tu essa certeza, Albertina?

— Essa certeza tenho-a aqui; e a joven dizendo isto colloca a mão sobre o coração. Vi meu pae, continua ella, vi-o tal qual elle era vivo. Diz-me o coração que foi bem elle e não a sua mera imagem que se apresentou a meus olhos. Olhava-me com aquelle seu olhar tão terno; sorria-me com aquelle seu sorriso tão meigo; fallava-me com aquelle sua voz tão amiga. Depois foi-se; desapareceu como branco fumo n'um azulado ceu d'estio.

A joven cala-se. Duas lagrimas deslisam de seus olhos.

Estatico o mancebo contempla Albertina e a pesar seu dos labios lhe escapam estas palavras: Não o vistes só tu, Albertina, eu tambem vi teu pae. Ah! Foi n'uma noite bem terrivel. . . Desde esse fatal dia, em que tu perderas um pae e eu um thio amigo, sempre á meia noute ouvia mysteriosos ruidos percorrer a minha casa. Meu espirito recusava prestar a esses ruidos uma causa sobrenatural. Pensava eu que talvez esses dous rapazes meus amigos, que eu acolhera em casa andassem divertindo-se á minha custa causando taes ruidos. Ha duas noites elles tornaram-se insupportaveis. Levantei-me e acendi uma lamparina.

Lancei por acaso os olhos para a porta do gabinete em que outr'ora teu pae escrevia; a frouxa claridade d'uma vela passava atravez as gretas da porta. O cheiro da cera queimada chegou a meu nariz junto aos putridos vapores que derramam os cadaveres. Fiquei mudo, petrificado, e semi-morto. Os primeiros raios do sol começavam a esclarecer meu quarto, quando retomei o uso dos sentidos.

Então se me apresentou á memoria aquella noute tão mysteriosa. Meu espirito continuava a recusar aquelles factos como sobrenaturaes. Chamei sonho a este ultimo facto. O dia passou para mim veloz mas pesaroso; a noute aproximava-se com uma rapidez incrivel.

As trevas da noute começaram a substi-

tuir a claridade do dia. Eu achava-me forte para luctar contra a superstição se ella quizesse invadir meu espirtto. Ceci ás nove horas e ás dez deitava-me depois de ter carregado um par de pistolas e acendido uma lamparina.

Fechei os olhos e estive assim até á meia noute sem poder adormecer.

Apenas deu meia noute saltei logo para fóra do leito, tomei as pistolas e dirigi-me para o gabinete, que era d'onde partiam nas noutes antecedentes os primeiros ruidos. Ao abrir a porta do gabinete percebi que abriam a do corredor. Voltei-me para esse lado com as pistolas engatilhadas. O vento apagava n'este momento a lamparina. Tremulo disparei as pistolas e ao clarão da pólvora incendiada vi...

— Quem? interroga Albertina anciosa.

— Teu pae, responde Paulo agitado, teu pae sobre quem havia quatro dias tinham lançado a pedrasepulchral.

(Continúa.)

A. COELHO

Ordenados dos Lentes da Universidade de Coimbra, na epocha da mudança de Lisboa, no seculo 14.º

Je n'enseigne pas, je raconte.

MONTAIGNE.

Por provisão de 15 de Fevereiro da era de 1309, transferio el-rei D. Diniz, de Lisboa para Coimbra, a universidade que havia fundado na capital, entre fins do anno de 1289 e principios do anno de 1290.

É de crêr que os salarios dos lentes da universidade fossem então os mesmos na cidade de Coimbra, que na cidade de Lisboa. Ao menos não deveria ser grande a variação.

Os salarios dos cathedraçicos da universidade eram assim em Coimbra, no seculo 14.º:

Mestre de leis..... 600 libras
de decretaes..... 500

Mestre libras
» de physica..... 200
» de grammatica.... 200
» de logica..... 100
» de musica..... 75
Conservador (1.º)..... 40
» (2.º)..... 40

O que faz um total de 1:755 libras, que, a razão de 36 réis a libra, prefaz a somma de 63\$180 réis por anno.

Além da auctoridade de Severim de Faria, e do Elucidario de Viterbo, com Fr. Joaquim de Sancto Agostinho, vê-se este valor de 36 réis, da libra d'esse tempo, no texto da Ordenação Manuelina, Liv. IV. Tit. I. Era este que era o valor commum. As libras d'ouro de D. Diniz valiam então 160 réis.

Por esta fôrma, vinham a ser então assim, em moeda d'agora, esses ordenados dos lentes, que eram pagos em duas prestações eguaes, pelo S. Lucas e pelo S. João Baptista de cada anno:

Mestre de leis..... 21\$600 réis
» de decretaes.... 18\$000 »
» de physica..... 7\$200 »
» de grammatica.. 7\$200 »
» de logica..... 3\$600 »
» de musica..... 2\$700 »
Conservador (1.º).... 1\$410 »
» (2.º)..... 1\$410 »

O mestre de decretaes era o que lia canones: o mestre de physica era o que lia medicina. Era d'uso dar-se então o nome de physicos aos facultativos.

A theologia não fazia parte do quadro disciplinar da universidade. Ensinava-se nas sés e nos conventos religiosos. E nem ainda se ensinava cómo faculdade em todos elles. Era só nos principaes.

Constam estes ordenados dos lentes de Coimbra, d'uma escriptura pública entre el-Rei D. Diniz, e o mestre da cavalleria da ordem de Christo, D. João Lourenço, com o seu convento, celebrada em Santarem aos 18 de Janeiro da era de 1361, anno de Christo de 1323.

É de crêr que não houvesse então na universidade, n'esses tempos da mudança de

Lisboa para Coimbra, senão uma só cadeira para cada uma das seis disciplinas do quadro escolar: — uma para o direito, outra para os canones, outra para a medicina, outra para a grammatica, outra para a logica, e outra para a musica.

A graduação disciplinar, «attenta a ordem da nomeação dos salarios dos professores, e o valor descendente dos honorarios de cada lente», era, de certo, esta mesma que se indica.

Parece, que não havia ainda separação systematica dos estudos, em estudos maiores e estudos menores.

No entanto, os *trivios* e os *quadrivios* disciplinares eram conhecidos desde remota antiguidade. Na practica, porém, tudo apparece promiscuo.

Braga. PEREIRA CALDAS.



Versos para recitar em familia

Puro canto de paz e ventura
Elevêmos aos pés do Senhor,
Que abençoá do Ceu nas alturas
A alliança fraterna de amor.

Esta santa amizade, esta crença,
Estes laços tão santos de irmãos,
São talvez só na terra as doçuras
De que os gozos não são nunca vãoos.

Oh! que o tempo, veloz, inconstante,
Jamais quebre tão doce união;
Que respeite os sinceros affectos
Da sincera ternura d'irmão.

Novo anno brilhante d'esp'ranças
Nova aurora vae hoje surgir;
Aos felizes risonha se ostenta
Apontando formoso porvir.

Nós aqui, n'este amavel conjuncto,
Bem felizes, ditosos sem par,
Da amizade fruindo as doçuras,
Nada temos, porém, que invejar:

Mas mil votos de fé no futuro
Ouso erguer junto aos pés do Senhor,
Que abençoá do Ceu nas alturas
A alliança fraterna de amor.

31 de Dezembro ZILU

variedades.

O mez de Janeiro

Janeyro é o primeiro mez do anno, e tem 31 dias. Este mez tinha sido consagrado a Jano, antiga divindade romana: as festas feitas em sua honra celebravam-se nos dias 1 e 8, apesar d'o primeiro de Janeyro, assim como o de todos os outros mezes, ser consagrado a Juno, mulher de Jupiter, rei dos deuses.

Alem d'estas festas celebravam-se no mez de Janeyro outras, taes como as Agonaes no dia 9, as Carmentaes no dia 14, os jogos Palatinos a 17 etc.

No dia 1 de Janeyro os Romanos se davam as boas festas: os amigos mutuamente enviavam presentes. Os artistas, para bem começarem o anno, tinham o cuidado de bosquejar a sua obra. Segundo diz Ovidio, o deus Jano lh'o prescrevera n'estes termos:

*Tempora commisi nascentia rebus agendi
Totus ab auspicio, ne foret annus iners*

Jancourt diz, que esta idéa era mais racionadora, que a dos antigos christãos, que jejuavam no 1.º de Janeyro, para se differencarem dos Romanos, que n'esse dia celebravam a festa de Jano. A. P. D. A.

A ordem de S. Janeyro

A ordem de S. Janeyro foi instituida no anno de 1738 por Carlos, rei das Duas-Sicilias, que ao depois se tornou de Hespanha, sob o nome de Carlos 3.º

As insignias são uma cruz d'ouro com

oito pontos orlados de maçanetas, cercadas de flor de liz, esmaltada de branco, tendo no centro a imagem de S. Janeiro, e sobre o reverso uma medalha esmaltada d'azul, com um livro d'ouro, no centro, carregado de duas galhetas de guelas e acompanhado de duas palas de sinople: a fita é azul ce-este. Esta ordem, abolida em Napoles em 1806, foi restabelecida em 1814, por occasião da restauração dos Bourbons.

P. D'A.

Filippe d'Orleans

Filippe d'Orleans, quinto filho de Filipe de Valois, nasceu em 1336 e foi o primeiro, que teve o titulo de duque d'Orleans.

Foi-lhe concedido este apanagio por ter casado com Branca, filha de Filipe o Bello. Como a regra feudal exigia, que um ducado comprehendesse duas castellanias, o rei tambem lhe fez dom do condado de Beau-gency e de nove outros senhorios. O duque Filipe combateu em Poitiers e foi em 1360 enviado á Inglaterra, como refens, para assegurar o resgate do rei João. Morreo em 1375, sem posteridade legitima, e o ducado d'Orleans voltou para poder da corôa até 1392, epoca em que Carlos 5.º o deu a seu irmão Luiz.

ALMEIDA.

SORRISO!

Como é bello ver as vagas
Transparentes a correr;
As brisas, doces, fagueiras,
No seu constante gemer.

Como é puro o verde campo
Todo esmaltado de flores,
Quando n'elle então gosamos
As delicias dos amores!

Como é bello de manhã
O trinar do rouxinol,

Como encanta ao fim da tarde,
O brilhante pôr do sol!

Quão lindas são as estrellas
Lá no Céu a scintillar!
A noite, quanto formosa,
Á frouxa luz do luar.

Mas, que a brisa, inda mais bello
Mais que a vaga e mais que a flor,
É o tão virginal sorriso
De Maria. . . . O MEU AMOR!!

22 de Novembro de 1861.

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

CHRONICA DE LISBOA

V. ex.ª já por certo ficou surprehendida com o titulo d'esta secção que, pela benevolencia dos redactores d'este periodico, vem hoje tomar logar n'estas columnas. Pois para satisfazer a sua eterna curiosidade, minha senhora, passo a prometter a v. ex.ª, sob minha palavra de cavalheiro, um bosquejo rapido em todos os numeros dos succedimentos mais interessantes d'esta vaidosa *coquette*, d'este emporio da illustração e da pasmaceira chamada Lisboa.

Macilenta e triste, limpando a espaços as faces ha pouco humidas de pranto, ella ahi começa novamente a affogar as magoas da desgraça nas ondas do prazer. E como ella vae formosa e seductora ás diversões, fazendo sobresair a doce pallidez do collo e do rosto junto ás luctuosas vestes! — Ao Price! Ao Ciniselli! Á rua dos Condes! Ás Variédades! Ao Gymnasio! A D. Maria II! A S. Carlos! Ao monstro marinho! Eia, accorramos que estou faminta de alegrias; tenho chorado muito, e preciso es-paíreer!

É este pouco mais ou menos o unisono brado que Lisboa solta pelas suas tres mil

bocas. E não ha resistir-lhe; porque pedem vozes feminis, e ao pedido vae junto o olhar meigo, o gesto angelico, o sorriso malicioso! O pae e a mãe cedem á filhinha; a thia confidente de segredos intercede pela enamorada neta; a avó quinquagenaria cede ás recordações do passado saudoso.

Em S. Carlos applaude-se a estridente voz da Bendazzi, saída da feia boca do seu feio rosto; festejam-se os trilos e as melodias da Laborde, porque se commemoram os triumphos de uma mulher interessante e de uma cantora de boa escola; sauda-se com phrenesi o Fraschini, porque elle tem o bom gosto de dormir em scena para nos fazer crescer os desejos de o ouvir, e de vez em quando acorda para nos endoidecer com as maravilhas do seu canto; consentem-se o Guicciardi e o Della Costa por benevolencia, e pateiam-se as dançarinas porque as suas pernas, por muito vistas, parecem malfeitas!

No D. Maria II vê-se impassivel a Emilia das Neves na *Medéa* apunhalar a natureza e a arte, e não se lhe diz por condescendencia: — Artista não esfolhes na tragedia os louros que te deu o drama e a comedia; e applaude-se o Theodorico no *Prestigiador*, porque chora e ri e grita e corre e empalma e representa um typo que é sublime porque não o ha por cá.

No Gymnasio pasma a gente ante um prestigiador que a final faz menos prestigios que o Theodorico. E ri a bandeiras despregadas do Izidoro e do Taborda na comedia: — *Cosinha, casa de jantar, e sala, e na Por causa de um sobrescripto.*

Nas Variedades vê-se pela millessima vez a *Loteria do diabo*, que apesar da falta do galhoteiro Izidoro, desafia a hilaridade da garrida burgueza, e do pasmador marido que toma a serio o Sataniel e o seu cumplice.

Nos Condes cantam-se as glorias patrias ao som do hymno da *Restauração de Portugal.*

No Price e Ciniselli discute-se a pericia artistica das Mariani e dos Anglo-Ameri-

canos, e a elegancia das amazonas e dos cavallos.

Os passeios tem estado sem musica e pouco concorridos; aridos como a estação; tristes como o paiz.

Despedindo-me hoje da apreciavel leitora tenho a honra de lhe affiançar que as modas estão estacionadas, e recommendar-lhe a leitura dos *Contos do tio Joaquim*, interessante collecção de historias populares, saídas ha pouco dó prelo; dos *Contos sem arte* escriptos em mais portuguez estylo e mais philosophicamente traçados—do *Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V*, sentimental retrato do saudoso monarcha; e peço a v. ex.ª que se não foi do seu aprasimento a leitura desta insossa *Chronica*, se vingue d'este seu creado lendo a do numero seguinte.

RESENDE.

CHARADA

Rê, rê, rê, rê.....	1
Meu parente.....	2
Preposição.....	1
E é quente.....	1

Quem me no inverno dera
Nos pés, de dia uma ter!
Como feliz eu seria
Sem de frio nunca tremer!

A. N.

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS NO N.º 1.º

1.ª — *Sola.*

2.ª — *Mensageiro.*

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 3.

15 DE JANEIRO

1862

Batalha das Linhas d'Elvas.

COMMEMORAÇÃO HISTORICA

Elvas, uma das melhores praças portuguezas, está situada na provincia do Alentejo. Em 1659 os Castelhanos a cercarão de tal modo, que nenhuns soccorros podiam entrar n'ella. A 11 de Janeiro de 1659, um pequeno exercito portuguez, sahido de Estremoz, marchou para Elvas a soccorrer os sitiados, que estavam em tal mingua de viveres, que havia dias em que morrião 300 pessoas. Este exercito acampou a 13 do mesmo mez no sitio da Amoreira. O conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, para dar aos sitiados a certeza da sua chegada, mandou disparar a artilheria ao que respondeu a da praça e a do forte de Santa Luzia. André de Albuquerque e o conde de Mesquitella, que tinham ido reconhecer os alojamentos inimigos, voltaram a annunciar ao conde de Cantanhede que seria muito difficil, se não impossivel, rompel-os. O conde porém apesar d'isto não quiz mudar de resolução atacando as linhas n'outro sitio.

O general inimigo, D. Luiz d'Aro, considerando a pequenez do nosso exercito, julgava, que a vista só dos seus entrancheiramentos o faria fugir. Os Portuguezes porém sempre valorosos não se atemorizaram com a vista d'elles; pelo contrario animosos esperavam o dia seguinte para atacal-os.

O tão desejado dia seguinte amanheceo enevoado.

Logo ao romper da manhã o espanhol D. João Pacheco sahio do seu acampamento com alguns batalhões a observar o nosso exercito. Tendo porém visto, que elle não tinha mudado de acampamento, nem pegado em armas, foi immediatamente participal-o ao seu general, que, convencido de que n'aquelle dia não seria atacado por causa da nevoa, mandou retirar da linha opposta ao nosso acampamento os terços e a cavallaria, que de noute a tinham guardado.

Parece que o sol esteve á espera que se retirassem os sitiadores para se mostrar em todo o seu esplendor, como o fez ás 8 horas.

Como na vespera se tinham dado as ordens para o combate e o exercito estava armado, sem detença alguma se poz em ordem de marcha: antes de marchar o conde de Cantanhede fez uma patriotica falla. O exercito n'um só brado patenteou a seu general a anciedade em que estava de atacar os inimigos. Immediatamente o general deo a ordem ao exercito de marchar a atacar os inimigos

D. Sancho Manoel, governador d'Elvas, logo que percebeo a marcha do exercito, ordenou a Simão Correa da Silva, ao Conde de S. João e a Diogo Gomes de Figueiredo, que com a sua tropa marchassem para o ribeiro de Chiches para d'ahi o soccorrer. Marchava este, quando o commandante es-

panhol, reconhecendo pelo som das trombetas o seu engano, montou á pressa a cavallo e marchou com os Terços em desordem. Como o circuito das linhas era mui grande, quando os nossos chegaram á parte, que pretendiam atacar, apenas alguns batalhões inimigos em desordem se lhe oppuzeram.

O nosso exercito já tinha chegado ás linhas: Diogo Gomes de Figueiredo com os infantes que commandava, avançou e immediatamente os soldados lançando ao fosso as faxinas, que trasiam, começaram a abrir uma brecha. Não obstante a opposição, dentro em pouco alguns batalhões formaram dentro da linha. D. João Quintanal, chefe da cavallaria inimiga começou então com 500 cavalleiros a descer do monte de N. S. da Graça, com intenção de romper a nossa infantaria.

D. João da Silva, despresando o perigo, segundo o costume dos Portuguezes, saio então da praça e tanto a tempo que achou ainda espaço entre a cavallaria inimiga e a nossa infantaria. Atacando então o inimigo o obrigou a recuar de tal modo que os nossos soldados começaram logo a gritar VICTORIA!!!

Accorreo então um grande troço de cavallaria, que atacando os da sortida, pelo grande excesso de numero, os obrigou a recuar, o que não fizeram sem grande combate. Continuou o nosso exercito marchando até ao alto da serra e quando já era impossivel resistir ao impeto dos inimigos, foi soccorrido por Diniz de Mello de Castro e Achim de Tamaricourt. Assim ajudados os batalhões da praça voltaram e obrigaram os inimigos a fugir.

Seguir todas as fazes d'esta batalha seria couza mui difficil e alem d'isso não compativel com a pequenez d'este jornal. Por consequencia basta dizer que os Portuguezes, ainda que poucos, venceram um exercito de 14000 infantes e 3500 cavalleiros, e alem d'isto tomaram 17 peças, 15000 armas, muitas bandeiras, munições etc; foram feitas prisioneiras, mais de 5000 pessoas. As-

sim acabou uma batalha, em que consistia a esperança e a liberdade dos Portuguezes.

A. P. D'ALMEIDA.

0 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

(Continuação)

Em fins do anno de 1634 chegou a Lisboa, com o cargo de Vice-Rainha, a Duqueza de Mantua; com o que, ainda mais uma vez, os foros do reino foram sophismados, pois a princeza, alem de ser uma mulher, era estrangeira, e estava, portanto, fóra do quadro dos governadores do reino, que Philippe II jurara em Thomar serem sempre portuguezes; mas o Conde-Duque bem se lhe dava d'isso.

Para tratar do tributo dos 500 mil cruzados, que o Duque de Olivares não de todo havia ainda perdido as esperanças de alcançar, *creou este ministro*, em Madrid, a Junta do Dezempenho. Ordenou logo á Junta o Conde-Duque mandasse a todos os corregedores de comarcas lançassem a tal contribuição dos 500 mil cruzados.

O poyo d'Evora, apenas soube as ordens que tinham vindo ao corregedor, logo em pezo lhe cahiu sobre a casa, que deixou em cinzas, e tudo quanto se n'ella achava; foi depois soltar os presos, e a noute, apesar das exhortações d'alguns fidalgos, quebrou com pedradas as janellas da casa do Arcebispo. Como porem as desgraças passadas incitavam á prudencia os cabeças do motim, estes, todas as ordens e avizos necessarios, passavam em nome de um celebre doudo da cidade, chamado Manoel, que se depois ficou conhecendo pelo nome de Manoelinho d'Evora.

A um tempo quasi, todos os lugares vi-

sinhos se sublevaram; e em Villa-Viçosa chegou-se a dar vivas ao Duque de Bragança, impedindo elle a sua continuação, e fazendo quanto em si cabia para serenar a tempestade popular.

Não tardou muito que de todos estes motins se tivesse noticia em Madrid; e o Conde-Duque logo fez marchar para as fronteiras de Portugal uma força de 8:000 homens; antes porem de fazer cahir sobre a provincia sublevada esta força, que, para honra de seus povos, se deve dizer, lhe não metia medo, fez o Conde-Duque uma proposta tão extravagante, depois de muitos alvitres que não surtiram effeito, que querendo serenar o povo, inda mais o irritou; e vinha a ser ella, irem apresentar-se na cõrte, de cada um dos lugares sublevados, o Juiz e Procurador do povo, que, tanto que estivessem juntos, se vistiriam de sacco, e, com as cordas ao pescoço, entrariam em publica audiencia a pedir a El-Rei perdão pelos seus povos, devendo Philippe IV estar sentado no throno cercado de toda a corte, e embaixadores (*).

O povo, porém, logo presumiu que uma tal ordem era apenas um pretexto para o Conde-Duque apanhar em Madrid os principaes dos amotinadores, afim de que, com a vida, pagassem as culpas dos outros: mas, se bem o Conde de Linhares houvesse prometido a sua pessoa em penhor dos que fossem a Madrid, inda mesmo assim esta subtil medida não surtiu o desejado effeito; pois que os dous principaes amotinadores, Cezinando e Barradas, se formalmente recusaram a sahir d'Evora para Madrid; com o que tão irritado ficou o Conde de Linhares, que os mandou sahir da sua presença; e assim deu causa a elles publicarem, que punham fora d'Evora o Conde de Linhares, se elle, por sua livre vontade, não sahisse da cidade n'essa mesma tarde. O conde sahio, é verdade; mas, alguns dias depois, grande parte dos amotinadores foi preza, e, ou enforcada, ou desterrada, tendo-se

ainda a tempo salvado Cezinando e Barradas, que so em estatua foram executados.

(Continúa)

A. NOBERTO.

Effeitos do amor

CAPITULO 2.º — TRES JOVENS

Romance original

Um mez depois, n'um segundo andar d'uma boa casa da rua da Prata, um mancebo estava sentado n'uma cadeira, com os cotovellos apoiados sob uma mesa de pau preto.

Este mancebo de rosto palido, e que está tão pensativo é o nosso Luiz.

Eram 11 horas da manhã.

Luiz permaneceu pensativo, até que sentiu bater à porta do famoso aposento, que occupava. Levantou-se precepidamente e foi abrir a porta a um mancebo, que immediatamente entrou, depois de ter saudado d'um modo respeitoso o nosso joven.

Luiz apresentou-lhe a mão, que elle se não atreveu a tocar.

— Oh! Meu querido amigo e salvador, sede mais convivente, e não tão acanhado. Depois de eu vos ter dado tantas provas d'amizade, ainda me tratais assim!

— Perdoè-me, Sr. D. Luiz, mas eu sou de gente mui ordinaria para ser seu amigo.

— Eu avalio-vos pelo vosso coração e não pela vossa classe. Que me importa, que sejais de classe inferior à minha, se tendes um coração bom e generoso!

— Ah! Reconheco perfeitamente o favor, que V. Ex.ª me quer fazer, porém não posso uzar d'elle. Jámais me atreverei, Sr. D. Luiz, a tratál-o com familiaridade. V. Ex.ª fará de mim tudo o que quizer, pois que eu lhe sou dedicado em corpo e alma, porém eu jamais ousarei chamar-lhe meu amigo. Conheço mui bem a minha posição para me abalançar a tal.

— Quão nobre coração tendes, meu ami-

(*) Conde de Ericeira. Port. Rest.

go! Chamai-me porém ao menos uma vez vosso amigo, que é o maior favor, que me podereis fazer. Sim! eu vol-o peço, além dos favores, que já me fizesteis, fazei-me mais este, e eu vos ficarei agradecido para sempre.

Luiz já não podia conter a sua emoção: n'este tempo, olhou para o mancebo, que nós chamaremos Jorge, e viu-lhe correr silenciosamente duas lagrimas pela cara abaixo.

Não se pôde conter por mais tempo: correu para Jorge e abraçando-o ficaram ambos silenciosos a chorar.

Porém pouco depois Jorge soltou-se dos braços do amigo, e lhe perguntou:

— Ides hoje melhor de saúde, Sr. D. Luiz?

— Vou sim, meu amigo. Obrigado pelo vosso interesse.

— A respeito do que V. Ex.^a me pediu, ainda nada pude saber, disse Jorge depois d'um momento de silencio.

— Pobre de mim! murmurou D. Luiz deixando-se cahir sobre uma cadeira.

— Pobre mancebo! murmurou Jorge n'um á parte. Tão joven e já padecer tanto!

Depois de terem permanecido callados durante alguns minutos, Jorge, dirigindo-se a D. Luiz, lhe disse:

— Adeus, Sr. D. Luiz, até amanhã.

— Vinde, vinde, meu amigo, que sereis sempre bem recebido. O que eu desejo é que amanhã me tragais melhores novas, e venhaes com melhores disposições para me chamardes vosso amigo.

— Farei o possivel, Sr. D. Luiz, retorquiu Jorge: e, depois de ter feito uma cortezia, ausentou-se.

— Que bondoso moço! exclamou D. Luiz, depois de Jorge ter sahido.

— Quanto o amo! disse Jorge consigo ao sahir da casa de D. Luiz. Se fosse possivel, proseguio elle, achar a menina, que elle procura, quanto eu não seria feliz! Dava dez annos da minha vida para o ver feliz.

Meia hora depois tornaram a bater á porta da habitação de D. Luiz

— Entre quem é, disse elle, saindo da especie de lethargo, em que tinha ficado, quando Jorge saio.

Entrou um mancebo mui bem vestido, e que se chamava o conde de * * *

D. Luiz foi ao encontro d'elle, e ambos se abraçaram ternamente.

— Já sei, que me tens vindo procurar muitas vezes, porém eu não tenho podido fallar-te, disse D. Luiz.

— Sim, sim, tenho vindo algumas vezes procurar-te, porque estava admirado, assim como todos os teus amigos, de te não ver nem nas sociedades, nem nos theatros; porém sempre me diziam, que me não podias fallar. Mas... diz-me uma couza, porque estás tão palido? Por ventura tens estado doente?

— Sim! essa é a cauza, porque a sociedade me não tem visto.

— Mas a doença foi grave?

— Foi um pouco grave, e é por isso, que não recebia ninguem, porque não queria que se soubesse, que eu estava em perigo de vida.

— Pois estivestes em perigo de vida! exclamou o moço conde, não podendo deixar de empallidecer.

— Sim. Porém, graças aos esforços d'um honrado mancebo, estou já fóra de perigo.

— Oh! diz-me, diz-me depressa, quem é esse joven, para que eu corra a abraçá-lo.

— É um impossivel, disse tristemente D. Luiz.

— Impossivel! e porque é impossivel?

— Ah! isso é uma historia mui longa.

— Conta-ma então, eu t'o peço encarecidamente.

— Hoje não pôde ser, porque estou mui cansado: porém, se cá queres vir amanhã ás 10 horas eu t'a contarei.

— Então, adeus até amanhã.

— Até amanhã ás 10 horas.

En'isto apertaram as mãos: o conde saio, D. Luiz recostou-se n'um sophá, e abi adormeceu pouco depois.

(Continúa)

A. P. D'ALMEIDA

Os Martyres de Marrocos

16 de Janeiro

Fanaticos os antigos povos christãos julgaram que impondo a divina lei de Christo com o gladio em punho, tributavam uma homenagem ao Creador.

De toda a parte correram christãos a alistar-se sob o pendão da cruz; por quasi todo o universo resoaram então dous gritos formidaveis: era o nome de Deûs proferido por milhares de boccas sanguinosas de christãos; era o nome d'Allah sahido de turbas de infieis.

Em todos os pontos pugnava fiel com infiel, em todos os pontos era arvorado no meio da carnificina o pendão do Deus da Paz.

Então por toda a christandade começaram a surgir homens inspirados pela luz divina, que foram prégar o evangelho ao infiel, empunhando em vez do gladio um crucifixo, vestidos de estamenha, em lugar d'uma cotta de ferro, levando nos labios em vez de gritos guerreiros a palavra de Deus e no coração em lugar da sede de victoria o desejo de ganhar a corôa do martyrio.

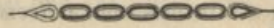
Entre alguns d'esses homens, cujo nome a historia e a igreja nos lega, appareceram os frades da ordem dos menores de S. Francisco, Adjuto, Acursio, Berardo, Otho e Pedro, naturaes de Toscana.

Escudados pelo Amor de Deus foram elles em 1220 espalhar os preceitos do evangelho pelo imperio de Marrocos que então governava Miramolim, o qual informado da sua chegada, logo que entraram na cidade, os mandou vir á sua presença e com o proprio punho os matou depois do que entregou-os a seus subditos que os arrastaram pelas ruas da cidade e os lançaram n'uma fogueira, cujas chamas respeitaram milagrosamente suas cinzas.

O infante D. Pedro, irmão de D. Affonso II achava-se então em Marrocos e de noute apoderou-se d'aquellas cinzas, que enviou a Coimbra mettidas em dous caixões, que trouxe uma mula guiada por um creado do

infante, chamado Affonso Pires. Com pomposas festas as receberam em Coimbra e depositaram-as no mosteiro de Santa Cruz.

Ámanhã, 16, commemora a Igreja a morte d'estes cinco martyres. A. C.



Escala proporcional da Pobreza, nos diversos paizes da Europa.

...c'est un simple éveil que nous donnons....

ALIBERT

A distribuição proporcional da indigencia, nos diversos paizes da Europa, não é um assumpto ermo d'importancia social.

A estatistica é a chave mestra da resolução de problemas de subida transcendencia. A sua applicação ao problema da miseria não podia, nem devia fazer excepção á these.

A escala proporcional da pobreza, nos diversos paizes da Europa, devida ao illustrado hespanhol D. Ramon de la Sagra, não passa de uma correlação approximativa. No entanto, não é destituida d'importancia para o assumpto.

N'esse intuito a transcrevemos, coordenada de menos para mais, em ordem aos numeros comparativos de população:

Inglaterra....	1	pobre	em	6	habitantes
Paizes-Baixos	7	»	»	»	»
Suissa.....	10	»	»	»	»
Allemanha...	20	»	»	»	»
França.....	20	»	»	»	»
Austria.....	25	»	»	»	»
Dinamarca...	25	»	»	»	»
Italia.....	25	»	»	»	»
Portugal....	25	»	»	»	»
Suecia.....	25	»	»	»	»
Hispanha....	30	»	»	»	»
Prussia.....	30	»	»	»	»
Turquia.....	40	»	»	»	»
Russia.....	100	»	»	»	»

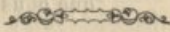
Na Europa em geral calcula-se 1 pobre em cada 20 habitantes, como média approximada.

Estes pequenos quadros estatísticos hão de dar de si utilísimos resultados. Hão de ser á base segura para a formulação das grandes leis sociaes. Com elles, e por meio d'elles, tudo se estudarà, como cumpre, por conta, pezo e medidas.

E para o dizermos com a *Revista Popular*, T. IV. p. 220: — *ninguem, medeamente instruido, ignora que a estatística é a base mais solida da administração.*

Braga

PEREIRA CALDAS



ASPIRAÇÕES!

Que teu halito de rosas
Uma só vez eu respire;
Beba eu n'elle o fêl da vida,
Ou de gozo a vida expire!
PINTO RIBEIRO.

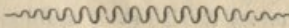
Teu bello rosto, que por entre as nuvens
Diviso á tarde, quando foge a luz,
Semelha virgem do pincel de Rubens,
Mas tem um riso que d'amor seduz!

Mas tem uns olhos que me fallam ternos
Em doces fallas, que o pincel não dá;
Promettem gozos porventura eternos,
Que amor, eterno para nós será.

Porque este fogo, que meu seio alenta,
Nem póde a campã consumil-o, não!
Fuja-me a vida, que a paixão rebenta
Mais firme n'alma e mais vivaz então!

Solto do laço, que me prende á terra,
Talvez rasgasse do mysterio os veus:
Depois contigo, quanto amor encerra
De puro e santo, me levára aos Ceus!

Ah! se assim fôra, que importára a morte
A quem só vive d'um sorriso teu?
Que fôra a vida, se tivera em sorte
Teu labio unir ao terno labio meu?!
1861 L. C. SIMÕES FERREIRA.



Variedades.

Descoberta do tabaco

Esta planta foi encontrada pelos portuguezes no Brasil, e d'ahi veio para Portugal

no meado do seculo 16.º; e o Cardeal Sancta Cruz, nuncio em Lisboa, a levou para Roma, onde foi chamada — erva de Sancta Cruz, — sendo pouco tempo, depois de introduzida, prohibido o seu uzo como prejudicial á saude.

Quasi ao mesmo tempo, em 1559, Nicot, embaixador de França em Portugal, levou esta planta para aquelle paiz, apresentando-a á Rainha Catharina de Medicis, da qual tomou o nome chamando-se — herva da rainha, — ficando o nome do introductor consagrado pelos botanicos ao genero inteiro, a que chamaram — Nicotina.

O nome de tabaco foi-lhe dado pelos hispanhoes no golfo do Mexico, onde elles a encontraram.

Portugal, França e Italia foram pois os centros, donde o tabaco se espalhou por toda a Europa com extraordinaria rapidez, e aqui se naturalizou de tal maneira, que cresce por toda a parte onde cahem as sementes.

Fumado, mascado e tomado em pó é hoje o tabaco d'um uzo tam geral, que se tornou uma materia importante de cultura e commercio, e uma grande fonte de receita publica para a maior parte dos estados.

Parece realmente impossivel como diz o Doutor Hoefer, que uma planta venenosa, nauseabunda, com um sabor acre, com um cheiro repugnante, não sendo conhecida senão pelas suas propriedades deleterias, tenha tido tão grande influencia sobre o estado social de todas as nações; se tenha tornado um objecto do commercio tão extenso: e a sua cultura se tenha muito mais rapidamente diffundido, do que a d'outra qualquer planta util.

O tabaco encerra em si um principio alcaloide particular a — nicotina — que é um dos venenos mais energicos que se conhecem: a nicotina concentrada, diz o medico Briand, mata tão rapidamente como o acido cianhydrica, vulgarmente chamado acido prussico.

É a este alcaloide, pouco sensivel ainda assim nas folhas simplesmente seccas, que é devida a especie de embriaguez que sen-

tem os fumadores, e a excitação das membranas nazaes que sentem os que cheiram, e effeitos que para uns e outros são um grande prazer.

Coimbra 16 de Dezembro de 1861.

LEAL.

Fundação de Coimbra

Coimbra, que antigamente esteve no sitio onde hoje se encontram as ruinas de Condeixa a velha, estava sujeita ao Imperio Romano quando um diluvio de Barbaros inunda a Hespanha. Os Alanos sob o commando de Resplandiano occuparam a Lusitania, os Suevos, Vandalos sob o commando de Hermenerico fizeram assento na Galiza cuja metropole era Braga. Por morte de Resplandiano fica Ataces governando os Alanos. A ambição de tomar territorio dominou Ataces, e o sceptro de Coimbra fugiu da mão a Hermenerico. Ataces senhor de Coimbra a arrasa e despovoa. Encantado porem da formosura do Mondego e da amenidade de seus campos lança juncto d'ella os alcerces d'uma nova Cidade a que dá o nome de Collimbria (oiteiro das chuvas) que por corrupção se ficou chamando Coimbra.

J. REBELLO.

Talassio

N'um dia de hódas não se ouvia na antiga Roma, e isto quasi *ab urbe condita*, outro grito senão *Talassio! Talassio!* mil vezes repetido. Parece que este uso se originara do seguinte facto: Quando se deu o rapto das Sabinas, houve alguns homens da classe baixa, que, lançando a mão a uma das mais bonitas Sabinas, e com medo de que homens de mais elevada condição lh'a quizessem roubar, começaram a gritar pelas ruas por onde passavam: *Talassio! Talassio!* como querendo dizer com isto que a levavam a Talassius; ora é bem que se diga que este tal Talassius era um rapaz de boa familia, que todos bem conheciam, e de quem todos gostavam. Por esta razão, os que

elles encontravam, batiam as palmas de contentes, e se punham tambem a gritar—*Talassio! Talassio!* D'aqui viera o costume de dizer em altas vozes esta palavra aos que se casavam; pois é fãma, que o casamento da linda Sabina com Talassius fôra o mais feliz que era possivel. N.

~~~~~

### DEM... VEM!...

Vós, meu anjo, do *Catete* (1) á margem  
Gozar da aragem, que embalsama os ares;  
Ouvir da brisa o ciciar de amores  
Entre os verdores dos gentis palmares.

Ouvir o canto do *Guardá* (2) saudoso  
No mais umbroso da floresta virgem;  
E ver na praia o contorceer das vagas  
Nas duras fragas em feroz vertigem!

Gozar da sombra d'estas verdes palmas,  
Fugir ás calmas d'este sol ardente;  
Banhar teus membros de mimosa alvura  
Na lymphá pura da fugaz corrente.

Lograr d'um mimo divinal, infindo...  
Que o rosto lindo faz tingir de pejo...  
Do gozo, ó virgem, devassar arcanos,  
Viver mil annos no fruir d'um beijo!...

Aqui, sosinhos, n'um suave enleio  
No brando seio da mansão querida,  
Fallando ambos d'um porvir visado,  
Verás n'um sonho deslizar-se a vida!...

(1.<sup>a</sup>) Um rio do Brasil.

(2.<sup>a</sup>) Ave brasileira.

~~~~~

CHRONICA DE LISBOA.

Permitta-me a indiscripção d'uma pergunta. — V.^a Ex.^a já visitou a capital? No caso affirmativo supplico-lhe que não volte cá mais. Em o negativo tomo a liberdade de lhe esboçar os horrores que por cá vão, para V.^a Ex.^a não se impôr o supplicio de a visitar em tão perigosa phase. Lisboa, minha senhora, está povoada de pantanos que o misero transeunte se vê forçado a vadear. E não ha salto de botinha por mais elevado, galocha de caoutchouc, por mais impremeavel, que se lhe attreva. Quanto

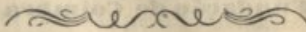
mais casquilha é a rua, quanto mais arrebicada é a dama tanto mais salientes são as camadas de materias putridas que lhe invadem as arrendadas saias, as preventivas calças (invenção que eu desejára ver proscripta!) e os estofados vestidos. A camara de Lisboa, n'um excesso de zelo administrativo querendo poupar as damas á poeira no Estio, condemnou-as a um diluvio de lama no inverno! Isto posto, não receio expol a a um abysmo ainda mais profundo, dando-lhe conta dos bailes de mascaras no Caffé-Concerto, porque V.^a Ex.^a, por certo com receio da lama, não virá a Lisboa, e não ouvirei o seu affectuoso papá, ou o seu susceptivel esposo prohibir-lhe a leitura d'estas linhas por lhe despertarem desejos que V.^a Ex.^a não tinha. A formula patriarchal do casto namoro á janella ou na igreja, vae acabando. Já se não suspira na rua, de noite, ao ar livre, com a fronte voltada para as estrellas e os olhos fictos no objecto amado; nem se ajoelha na igreja ante a divindade terrestre que adoramos, simulando render cultos aos santos do altar. A conversa na escada ás escuras substituiu os gagarejos na rua. O passeio á tarde suppriu os extasis da igreja. Os bailes do Caffé-Concerto facilitaram os *render-vous* amorosos. Ama-se, deseja-se uma entrevista, um aperto de mão, a transmissão de um segredo? inverga-se um *dominó* e vae-se ao baile de mascaras. Aquella atmospherá vaporosa respira amor, ternura, sensaboria e — tollice. Espirito ahi encontra-se abundante — no botequim. Dança se, chasqueia-se e ri-se; mas sae-se d'alli ou cheio de aborrecimento e de somno ou louco de esperanças pela *Laura* — que se leva pelo braço.

Os circos de Price e Ciniselli continuam a ser o enlevo da multidão, que, acorrendo alvoraçada aos seus espectaculos, deixá os melhores theatros como o deserto da Lybia. Prefere-se hoje um palhaço a um actor, — um cavallo a uma actriz, uma cambalhota, uma pi rueta, um salto mortal a uma comedia de Scribe, a um drama de Octave Feuillet, a uma harmonia de Rossini, Meyerber ou Verdi. Em vão se annuncia em S. Carlos *J Barbieri, Lucia, Luisa Miller*; em vão se representa magistralmente em D. Maria II *As duas nobrezas, Faze bem não olhes a quem*, e outras composições delicadas dignas d'um publico illustrado, porque elle, esse publico extravagante e voluvel prefere ir para o Campo de Sanct'Anna ou para o Price recordar-se das barbarescas diversões do amphitheatro, e das truánices e diterios dos jograes dos tempos antigos.

Volveu á scena o *Prestigiador*, unica peça que contradiz o que ahi affirmo. O Julio Machado está a concluir a publicação das *Scenas na minha terra* que, ao que ouvi, são mais portuguezas que os *Contos ao luar*. O Andrade

Ferreira vae publicar um volume de contos que tem o titulo de — *Sem titulo* (?) O E. Coelho está escrevendo um drama para o concurso dramatico; e eu estou massando tão horrivelmente V.^a Ex.^a que faço aqui ponto final offerendo lhe os meus respetos até ao numero seguinte.

RESENDE



CHRONICA DE COIMBRA

Os habitantes d'esta mui aborrecida e lamacentá cidade deixaram apparecer nos labios um satisfactorio sorriso lendo o annuncio da 2.^a recita no theatro de D. Luiz. Ávidos de tudo, que possa perturbar a monotonidade da sua existencia, elles ahi correram buscando no palco um antidoto contra os abrimentos de bocca.

Subiu á scena o drama original portuguez de Eduardo Coelho — *A oppressão e liberdade* — que agradou.

Matta nada deixou a desejar no papel de Anselmo. A Sr.^a Julia soube ganhar o applauso dos espectadores, pelo bom desempenho do papel de Leonor, indo além de toda a expectativa. Galião comprehendeu e desempenhou perfeitamente (principalmente no 1.^o acto) o papel violento de Corregedor. Moita no papel de carcereiro conservou os espectadores em continuo riso. José Francisco, o *franciscano*, Perdigão, o *juiz do povo*, Jacintho, *Barradas*, *Fetraz*, o *alcaide*, desempenharam bem os seus papeis. O povo apesar de não saber berrar (o que admira) colheu as palmas da plateia. O scenario pintado pelo sr. Gonçalves fez optimo effeito, por isso damos parabens a seu auctor. Todos tiveram repetidas chamadas.

Na comedia, *A chavena de chá*, Jacintho, o *barão*, a Sr.^a Julia a *baroneza*, Domingos, *Tinoco*, José Francisco, o *escudeiro*, foram muito applaudidos e chamados ao proscenio. Finalmente tudo concorreu para que os espectadores adormecessem sómente em casa.

Consta que vamos ter espectaculos no theatro academico. Oxalá, que sim.

Recebemos o 2.^o numero da *Flor do Mondego*, jornal que se principiou a publicar n'esta cidade. Queira Deus que ella tenha uma feliz e prospera vida.

Laus Deo.

A. C.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 4.

1 DE FEVEREIRO

1862

FRANCISCO SÁ DE MIRANDA

Um dos homens, que na litteratura tem mais illustrado Portugal, é sem duvida alguma Francisco Sá de Miranda, nosso patricio. Este varão, ainda que poucas obras fez, contudo foram ellas excellentes, principalmente na época em que viveu.

Nasceu elle em 1495: por isto se vê, que, alem de ter sido bom escriptor, o foi n'uma época mui afastada Gonçalo Mendes de Sá e D. Philippa de Sá foram seus pais. Estudou leis, mais para satisfazer vontades, do que por gosto. Foi um grande letrado e doutor na Universidade, que então estava em Coimbra.

Logo que se finou seu pai, Sá de Miranda deixou-se das escolas, e a tanto chegava o desejo de viver em solidão, que não acceitou os empregos que lhe offereceram. D'ahi em diante a philosophia moral foi sua unica occupação.

Alem do patrio, desejando ver outros climas, foi até á Italia, passando pelos logares mais celebres da Hespanha: visitou Veneza, Roma, Milão, Napoles, Florença, Sicilia, etc.; em seguida voltou á patria, onde era extremamente amado. Tendo chegado a Lisboa demorou-se ali por algum tempo; D. João 3.º então reinante, o estimou muito, assim como os Principes e nobres, que, *res admirabilis!* em vez de o odiarem pela privança que tinha com el-rei, pelo contrario lhe queriam bem. Por isto se deve conhe-

cer, melhor do que por outro algum modo, o quanto seu character era bom e sua alma generosa.

Porém, *como não ha regra sem excepção*, aconteceu que uma pessoa da côrte, mui poderosa, por certas causas lhe tomou odio: Sá de Miranda d'isto sabedor, pelo seu natural bondoso immediatamente abandonou a Capital, e recolheu-se a uma quinta, que possuia perto de Ponte de Lima, chamada a *Tapada*.

Francisco Sá de Miranda, alem dos dotes já mencionados, possuia o da excentricidade; para prova d'isso veja-se o seguinte:

« Briolanja d'Azevedo, mulher já idoza e feia, vivia em companhia de seus irmãos. Francisco Sá de Miranda, talvez por ser mui bondoso e amada de todos, a foi pedir em casamento a seus irmãos: a estupefacção d'estes foi tamanha, que lhe disseram lh'a não concediam, sem elle a vê.»

Teve dous filhos legitimos, um chamado Gonçalo Mendes de Sá, o outro Jeronimo Sá de Miranda.

Compoz Sá de Miranda em proza duas comédias, tão bem feitas e moraes, que D. Henrique, rei de Portugal, as fez representar na sua presença, e as mandou imprimir, para que se não perdessem. Escreveu «Obras poeticas» publicadas em Lisboa por Manoel Lyra em 1575, e muitas outras principalmente em verso.

Morreu sua mulher no anno de 1555: seguindo se diz, Sá de Miranda depois d'isto

só compoz um soneto em honra d'ella, e apenas para ouvir missa, sahio á rua. Sá de Miranda amava muito a caça dos lobos, assim como a muzica. Morreu em 1558 de idade de 63 annos. Está enterrado na Igreja de S. Martinho de Carreredo, juntamente com sua mulher e seus cunhados. Martim Gonçalves da Camera lhe mandou embellezar a sepultura, e pôr-lhe um epitaphio em Latim.

A. P. ALMEIDA.

O 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

(Continuação)

Se bem que o povo no Algarve tambem se revoltasse contra o novo tributo, no entanto o castigo foi prompto e expédito; pois o Duque de Medina Sidonia entrou logo a fronteira com uma força de 6:000 homens, e os amotinadores foram logo presos, enforcados, desterrados para as galés, etc.

Socegada assim a revolução por um modo, que ainda hoje a politica hespanhola em nada alterou, o Conde Duque imaginou a queda do reino de Portugal, reduzindo-o a simples provincia castelhana, a fim de para o futuro ficar sujeito ás mesmas leis tributarias, sem ter que replicar.

N'este intuito, chamou o ministro a Madrid as pessoas mais gradas de Portugal; para o que receberam da Duqueza de Mantua, vindas de Madrid, cartas, em que, lhes, o Duque de Olivares pedia passassem á cõrte, a fim de com elle terem certa conferencia de grande alcance para Portugal. Sahiram pois para a cõrte as principaes pessoas, assim em sangue, como em letras, em numero de 14: e ahi, em certo dia, e a certa hora, cada uma d'ellas teve conhecimento de que queriam tirar a Portugal, sem elle ser ouvido, a sua regalia, dan-

do-se Philippe IV livre do juramento feito em cõrtes, pois a perfidia dos portuguezes o d'elle desobrigava.

Os nobres reagiram e protestaram contra esta proposta de reduzir Portugal a provincia castelhana, pois nada mais elles tambem podiam fazer: e com isto ficou o Conde Duque tão enfurecido, que fez correr as mais despoticas ordens contra Portugal — « não havendo lei que se não rompesse, « privilegio que se não quebrasse, extorção são que se não fizesse. » (*)

Ao mesmo tempo que os nobres sabiam para Madrid, se offercia ao Duque de Bragança, D. João, — que a cõrte de Madrid bem conhecia ter direito á corõa portugueza, e só com o fim de o afastar do reino —, o governo de Milão com todas as preeminencias com que fõra dado ao cardeal infante D. Fernando, que passava a governar Flandres.

O duque, entendendo o designio, se escusou com razões, que lhe foram aceitas, mais por dessimulação, que por vontade.

Surtindo, em parte, mau effeito esta primeira medida do Conde Duque, passou elle a outra, e para esse fim mandou fazer grandes levas de gente por todas as comarcas do reino, pretextando a guerra de França, sendo tambem o Duque de Bragança obrigado a dar de suas terras mil vassallos armados; e todos os galiões, que pelos portos do reino se encontrassem, tiveram ordem de se incorporar em na esquadra castelhana.

Todas estas injustas ordens se praticaram, sem que uma voz contra ellas protestasse; e o Conde Duque, satisfeito com este exordio, esfregava de contente as mãos, julgando indubitavel a victoria. A tal ponto chegava o seu descaramento, que publicamente, sem pejo nem vergonha, vendia todos os officios e honras, sempre com o pretexto das grandes despezas da guerra.

(Continúa)

A. NOBERTO.

(*) Conde de Ericeira. — Port. Rest.

Nas primeiras composições do engenheiro ha sempre alguma cousa de suave e candido, de puro e ameno como o nascer d'um sol de primavera. Os primeiros passos na senda litteraria são dados sempre sobre rosas cujos espinhos se desconhecem; e avia sto jardim se pôde comparar a litteratura onde se plantam flores do coração para vir portventura a colher fructos do espirito.

E tanto não julgamos a comparação paradoxal, que havemos observado perder o coração, quasi commumente, em doçura e ingenuidade, o que o espirito alcança em desenvolvimento.

Sendo essa uma vista, que nos desconsola, porque não conhecemos outomno que compense as graças da primavera: aquelle, sempre meditativo e triste, esta, risonha e festiva sempre!

As flores do coração pertence a poesia, que em seguida publicamos, verdadeiro ramalhete pelo perfume que recende em cada estrophe, pelo mimoso matiz que lhe adorna cada verso. Alli é tudo abril, a que nem mesmo falta leve sombra de melancholia e saudade, que vem carregar o quadro, e fazer-lhe sobresahir os encantos:

É uma poesia de sentimento sincero, que nos faz vibrar na lyra d'alma notas eguaes. São versos para admirar e sentir...

Nem mais dizemos d'ella, porque temos de a apresentar, e desejamos não antecipar encómios, que haja de merecer dos leitores, em nome de quem a agradecemos á sua joven auctora.

L. C. SIMÕES FERREIRA.

Flores do Tumulo

Qual jasmim, a rosa, branca
Junto da campa nasceu:
A sombra da cruz tu vives
Sem doce orvalho do ceu?

Rega-te o pranto da virgem
Ajoelhada, só, no chão,
Quando vem depôr á tarde
Singela, triste oração?...

Perto da rosa, a saudade
Tambem brotou e floriu;
Curvada á sombra do cedro,
A aurora não lhe sorriu!

Mas tens o calor d'um peito,
Que te affaga como irmã;
Tens o halito da orphã
Puro sópro da manhã!

Rôxo goivo, emblema triste
Da mais cruel desventura;
Sob o cypreste, dos astros
Não vês sequer a luz pura!

Mas tens a mão caridosa
De sentida e terna amante;
Tens por zéphyro da tarde
Seu respirar anhelante!

A virgem é como a rosa,
Como ella pura nasceu;
Trocou as galas do mundo
Por cinzas d'um mausoleu!

A orphã, como a saudade,
Jamais o lucto deixou;
Entre os vivos solitaria
Melhor vida emfim buscou!

O mancebo, qual o goivo
Batido da tempestade,
Vem desfolhar no retiro
Bellezas de mocidade!

Flores irmãs na desgraça,
Cerradas nos mausoleus,
Sois na terra imagem viva
Da alma voando pr'a Deus!

Resende

HENRIQUETA ELIZA

ALBERTINA

Historia da meia noite

III

As seis horas da tarde do mesmo dia, Paulo sentado á sua banca deixa pender melancolicamente a cabeça na dextra.

Mil pensamentos agitam a mente de nosso heroe.

Que pensamentos são esses?

Dizel-o é um impossivel porque nem elle os exprime por palavras nem no rosto, esse

espelho da alma, que nosso heroe tem, por assim dizer, embaciado, pois os labios cerrados reprimem os sorrisos quer amargos, quer doces, as palpebras meio fechadas, mal deixam ver os olhos, que fitam o sobrado sem o verem, a elevada testa não apresenta a mais leve ruga e as sobrancelhas negras são immoveis.

Em quanto analysamos o rosto de Paulo, um mancebo, que deve ter 27 annos, de mansinho entra no quarto e vem collocar-se atraz de nosso heroe.

— Estás tão pensativo, Paulo, diz elle batendo-lhe brandamente no hombro.

Paulo estremece e fica silencioso.

— Não fallas, continúa o outro mancebo.

D'esta vez Paulo resolve-se a fallar.

— Mal sabes, diz elle, o que pensava ha pouco.

— Então o que era?

— Pensava, se em verdade as almas depois de abandonarem a terra voltam a ella.

— Ah! ah! ah! que philosophia a tua!

Pois tu acreditas em almas do outro mundo?

— Não acredito em almas do outro mundo mas parece-me que devem haver alguns factos sobre que assentem as crenças do povo.

— Mas que diabo de mania é essa?

Como se operou em ti essa mudança de philosopho para supersticioso? Acaso te visitou algum fantasma?

— Basta, Jorge. Falla-me com franqueza, tu não crês em fantasmas?

— Ah! ah! ah! tu enlouqueceste certamente.

— Fallemos sériamente. Julgas uma chimera voltar um morto á terra?

— Ouve, Paulo, diz Jorge com seriedade; quando começaste a fallar, julguei queres tu experimentar-me, por isso ria-me de tuas perguntas; porém agora, como vejo serem ellas sérias, vou responder com franqueza.

Não creio em appareições, porque aquelles, que Deus chama para si, já cumpriram sua missão sobre a terra, e nada mais, ha

entre elles e os vivos, e portanto é loucura pensar, que voltam ao mundo.

Jorge e Paulo ficam calados.

Entretanto myriades d'estrellas brilham no ceu e a lua mira-se nas aguas do Mondego.

O vento, que na véspera estivera impetuoso, hoje mal faz abrir alguma porta.

— As tuas convicções não me convencem, diz Paulo depois de momentos de silencio. Certamente mudarias d'opinião se acontecesse contigo o que comigo acontece.

— Então viste alguma alma do outro mundo, hem? pergunta Jorge, sorrindo ironicamente.

— Talvez, responde Paulo.

— Estou cá com os meus desejos de ver a tal senhora.

— Dezejas isso muito? pois então dorme hoje no meu quarto.

— Aceito o convite que me fazes. Adeus até logo, diz Jorge sahindo do quarto Paulo.

— Adeus, diz Paulo.

Passados alguns momentos Jorge que já descia pela escada da habitação, volta atraz:

— Ó Paulo, diz elle do corredor, a que horas principia o espectáculo?

— Á meia noute, responde Paulo.

IV

É perto de meia noute.

Expelle, leitor o terror, que só a idea de o fazer, te causa, e segue-me á igreja de S. Thiago.

Embora a porta esteja fechada passaremos alem. Vamos.

O interior do templo está unicamente povoado pelas imagens dos santos.

A lampada sagrada, ardendo ante o altar do Creador esparge pálido e tremulante clarão, que vae parar nas cornijas gothicas.

Estas projectam no chão sombras, que, ao tremular da luz, parecem marchar como longa fileira de fantasmas.

Eis que ao longe se ouve soar meia noute. Um ruido maior, do que o da ultima badalada, nos impediu de a ouvir.

O que causou esse tremendo ruido?

Foi uma pedra sepulcral levantando-se com fragor!

.....
 Não tremas, leitor, anima-te e tem coragem, porque vamos devassar os arcanos do sepulchro.

(Continúa.) A. COELHO.

A flor da Saudade

Uma estrella vi na vida
 Já descrida,
 Já descrida, a scintillar,
 Que o meu peito desditoso,
 Venturoso,
 Venturoso quiz tornar.

Eras tu ... Anjo celeste,
 Que vieste,
 Que vieste á soledade.
 Dou-te empaga o meu amor,
 E uma flor,
 E uma flor, a saudade.

Não a engeites, por ser minha,
 Que mesquinha,
 Que mesquinha não é... não.
 Leva preso ás folhas d'ouro
 Um thesouro,
 Um thesouro — o coração. —

Coimbra 15 de Janeiro de 1862.

JOSÉ SIMÕES DIAS.

NOUTES DE LUAR NA PONTE DE COIMBRA

Se alguma vez, leitor, vos achardes por uma noute de luar na ponte, esquecei vossas lides, para contemplar o grandiozo espectáculo que vos está patente; sentae-vos no parapetto e lançaes a vista em redor.

A cidade, cujas brancas casas, ora reflectem os raios da lua, ora jazem na sombra, fórma o mais bello quadro, que imaginarse póde, semeado de luzes que brilham quaes saphiras.

Tem elle por fundo cerúlea abobada, na qual as estrellas apparecem pálidas, pálidas

sim, porque no meio d'ellas se ostenta a altiva e resplandecente rainha dos astros.

No primeiro plano do quadro correm murmurando as aguas do Mondego.

D'um lado e d'outro, nas verdejantes collinas, agora sombrias, alvejam os mosteiros.

O silencio é apenas violado pelo susurrar da lympha, pelo ciciar da brisa, pelo canto do gallo, que ao longe d'espaco a espaco se ouve, ou pelo dobrar do sino d'algum mosteiro, convidando á oração.

Estes sons, que de dia parecem despidos de poesia, agora, casando-se, formam um hymno triste e melancholico elevado ao Creador.

E então, leitor, fitando os olhos no ceu, onde scintillam innumerous astros, pensando, que Deus foi o creador de tantas bellezas não podereis deixar de exclamar em fervente extasis: Quão sois grande, meu Deus!

Ah! quizera pintar aquelle magestoso quadro, quizera descrever estes sentimentos, mas falta-me o pincel de Salvador Rosa, falta-me a penna de Camões.

A. COELHO.

A M. L.

Mais linda e meiga, do que a doce aurora,
 Que os prantos chora, de que nasce a flôr,
 Eu vi-te a fronte, na manhã da vida,
 Gentil, cingida por mimosa côr.

Eu vi teus olhos n'um volver de amores
 Entre os fulgores de mil raios seus;
 Fallavam ternos de fugaz ventura
 D'alma doçura no fitar dos meus.

Mas hoje, foges, como foge a vaga,
 Que a praia afaga por momentos só...
 Qual briza foste, que se a planta beija,
 Depois adeja, quando a volve em pó!

L. C. SIMÕES FERREIRA.

Variedades.

Fevereiro

Fevereiro, segundo mez do anno, se chama em latim *Februarius* (de *februa*, sa-

crifícios expiatorios) porque principalmente era consagrado a expiações religiosas, de que as principaes eram as Lupercaes que lembram ainda o nosso carnaval, e as festas feras.

Quando Julio Cesar reformou o calendario, conservou no mez de Fevereiro os vinte oito dias que tinha primitivamente: e como elle julgava o anno composto de trezentos sessenta e cinco dias e seis horas, ordenou, que de quatro em quatro annos se inseriria um dia composto de quatro vezes seis horas. Este dia foi chamado *bissextil*, que se devia intercalar entre o dia 23 e 24, sexto das calendas de Março. O augmento d'um dia que Julio Cesar fez, foi acrescentado ao mez de Fevereiro, porque era o que tinha menos dias.

A. P. D'A.

Uma boa acção recompensada

Um coronel suéco ficou arruinado, queimando-se sua caza, sua unica fortuna. Alguns amigos querendo-lhe restituir o perdido, fizeram uma subscripção. Em quanto d'isso se occupavam, o coronel recebeu uma carta anonyma, de Pomerania, cujo contheudo era o seguinte, juntamente com um bilhete de cento e cincoenta rixdales:

«Lembrai-vos do vaso do ponche, quebrado.»

Durante algum tempo esteve sem adivinhar o que aquillo significava. A final lembrou-se de que, muitos annos antes, achando-se n'uma taverna cheia de gente risõna, uma criada tinha deixado cahir um vaso de porcelana da China cheio de ponche; a dona da taverna, n'um accesso de colera, ameaçava a pobre rapariga de a despedir immediatamente e de a mandar para a cadeia, se não pagasse o custo da perda. O coronel intercedera por ella e pagára o vaso e o ponche.

Esta curioza anecdota, contada em Stockholm, chegou aos ouvidos do rei, Gustavo 4.º, rio-se muito e enviou ao coronel 6000 rixdales.

A. P. D'A.

CHRONICA DE COIMBRA

Abriu-se o theatro academico no dia 18, indo á scena o drama em 3 actos de Mendes Leal — *O homem d'ouro* e a comédia em um acto — *Eu sou meu filho*.

O desempenho do drama foi regular, principalmente na parte que coube a Cal. *Estevão de Moura*, e a P. L. *o homem d'ouro*, a *Cas Maria*.

Na Comédia, F. Clemente, Cal. *Martins filho*, P. Martins pae, Cas. *Josephina*, e M. *Michaéla*, mostraram ter perfeito conhecimento de scena e bastante talento dramatico.

Se estes mancebos continuarem a cultivar a arte dramatica, veremos bem depressa n'elles novos Soares Francos e novos Aroucas.

O theatro de D. Luiz deu a terceira recita em 25.

Subiu á scena o drama em tres actos de J. C. dos Santos — *O Segredo d'uma familia* — e a comédia n'um acto — *Distracções d'um mathematico*.

No drama, José Novaes, *José Bento*, fez rir os espectadores e chorar as espectadoras sensiveis. Jacintho mostrou ter comprehendido o papel de Luiz da Cunha. Matta, *Augusto da Silva*, revelou mais uma vez o seu talento dramatico. Almeida, *capitão Frederico* falou com pouca animação. Perdigão, *visconde de S. Pedro*, desempenhou bem o seu papel.

A actriz Maria, *Clara*, andou bem. A actriz Francisca, *Maria da Silva*, mostrou ter algum talento. A actriz Julia, *a baroneza*, não andou mal.

O desempenho da comédia foi regular. José Novaes, *Anselmo*, reproduzio perfeitamente aquelle typo, que é sem duvida o mais bem desenhado da comédia. Perdigão representou Ernesto, quanto lhe foi possível. Almeida, *Gregorio*, andou bem. A actriz Maria cantou perfeitamente no dueto merecendo ser applaudida. A actriz Julia andou bem. Todos foram chamados á scena.

Não seria mau que a direcção d'este theatro fizesse representar algumas comédias

que ainda não foram representados e que sabemos estão em seu poder.

No dia 26 no mesmo theatro o Sr. Spira mimoseou-nos com as harmonias de suas palhas melodiosas; fez-nos rir com seus automatos e extasiar ante seus magnificos quadros dissolventes.

A novidade do spectaculo atrahiu tantos espectadores, que o theatro estava completamente cheio.

Nos dias 29 e 30 celebraram-se exequias na Cathedral para eterno descanso do sempre chorado monarcha o Sr. D. Pedro V, feitas as despesas pela academia.

Foi um acto imponente.

As negras armações entre as quaes appareciam as brancas cornijas, davam um aspecto melancholico áquelle extenso templo. No altar mór, todo forrado de negro, elevava-se um alto crucifixo, no qual a imagem de Christo com os braços abertos, parecia dizer, que para elles tinha voado aquelle, que a academia ainda ha pouco tinha nos seus.

No meio do templo se erguia um elegante catafalco no centro do qual estavam as reaes insignias cobertas com um vasto crepe.

As cerimoniaes funebres foram feitas no meio d'um silencio religioso.

Orou o Sr. Dr. Douato, no dia 30.

Suas eloquentes palavras fizeram-nos conhecer mais uma vez quão grande foi para nós a perda do nosso sabio rei.

Agora que vamos no paragrafo das lamentações daremos a triste noticia da morte d'um condiscipulo.

Augusto Amorim tinha apenas 17 annos, acalentava em seu peito o amor da sciencia quando a morte o levou para Deus.

Foi no dia 27, pela manhã.

Orae por elle.

Mas, bastam de cousas tristes e vamos ás alegres.

Hoje há segunda recita no theatro academico. Vão á scena as mesmas peças da 1.ª recita e ao que me consta outra comedia.

Recebemos o n.º 9 do Commercio de Braga, que agradecemos.

Até ao numero seguinte.

Laus Deo.

NOTICIARIO

Para supprir a *Chronica de Lisboa*, que não recebemos, damos á leitora algumas noticias tiradas de varios jornaes da capital: esperamos, que a leitora se não agastará comnosco.

Da *Estrella d'Alva*, de 25 do corrente, extrahimos o seguinte:

Representaram-se ultimamente nas *Varietades* duas novas traduções do sr. Barreiros, a *Judia* e *Os Solitarios*: estão ambas mui bem traduzidas. Diz-se, que se está ensaiando, no mesmo theatro, uma nova composição magica do sr. Joaquim Oliveira. No circo *Price* estreou-se m.^{me} *Adams*: foi muito applaudida. No de *Ciniselli* tem continuado haver grande affluencia.

Lê-se no *Conservador* de 21 do corrente: *Luiza Marion* é o titulo do drama, que se anda ensaiando no theatro normal, para o beneficio da sr.^a Soller: a versão é do sr. Pedro Vidoeira.

O sr. Dr. Luiz da Costa Pereira, ensaiador do theatro normal, acaba de traduzir do francez, para ser representada no mesmo theatro a comedia intitulada *A vida Independente*.

No de 24 vem o seguinte:

S. M. El-rei o Senhor D Luiz veiu hontem á tarde ao passeio publico do Rocio, acompanhado dos seus dois ajudantes.

Do de 28 extrahimos:

O cebelre florista portuguez, Constantino enviou a S. M. El-rei o Senhor D. Luiz I. uma lindissima corôa de saudades, entrelaçadas de baunilha para ser deposta sobre a campa do illustrado monarcha o Senhor D. Pedro V.

Coimbra 31 de Janeiro

CHARADA

Por mim o nome começa ;
 E tenh' um irmão primeiro..... 1
 Mais sômos: aqui só outro
 P'ra junto de mim requeiro..... 1

O meu viver é nas çarças,
 O meu nome apregoando;
 Pois não posso ser ouvida,
 Quando o não vou ensinando.

J. P.

Agradecemos ás redacções, do Tira-Teimas, do Gremio Alemtejano, do Portugal Independente, do Commercio de Coimbra, do Conimbrecense, do Instituto, do Bracarense, do Martyrio, do Viannense, da Grinalda, do 1.º de Dezembro, do Mensageiro das Damas, do Tirocinio Litterario, da Aurora Litteraria, da Estrella d'Alva, da Chronica dos Theatros, da Revista semanal, da Lei, do Districto d'Aveiro, do Scholastico Eborense, do Transtagano e do Magriço o remetterem-nos o seu jornal em troca do nosso.

Annunciam-se as publicações Litterarias, de que forem enviados dous exemplares á redacção.

Roga-se aos snrs. assignantes das provincias o obsequio de enviarem o importe das suas assignaturas em valles do correio.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CANTOS DA ADOLESCENCIA

POR

José Simões Dias

Collecção de poesias; muitas das quaes o Auctor tem publicado em varios Jornaes de Coimbra e fóra de Coimbra, outras tem conservado ineditas até hoje.

Sahirá no principio de Março.
 Recebem-se assignaturas na Imprensa Litteraria.

O MENSAGEIRO DAS DAMAS,

JORNAL LITTERARIO E DE MODAS.

Publicou-se o n.º 109 d'este jornal contendo, alem de escolhidos artigos, um bello figurino illuminado para homem, senhora e menina com a competente explicação da ultima moda de Pariz; e no numero immediato daremos aos nossos assignantes um retrato do Sr. D. Luiz I.

Este jornal publica-se regularmente todos os mezes.

As assignaturas fazem-se enviando a sua importancia por uma cautella do seguro do Correio, dirigida ao Escriptorio da Redacção na Rua das Pretas n.º 32 — 3.º andar, em Lisboa.

Preço por um anno com estampilhas 1\$560 réis, 6 mezes 780 réis.

ENSAIOS LITTERARIOS

Condições d'assignatura.

COM ESTAMPILHA.

Por trimestre..... 310 réis.

Por semestre..... 600 réis.

SEM ESTAMPILHA.

Por trimestre..... 280 réis.

Por semestre.... 540 réis.

Assigna-se em caza do sr. José Mesquita na rua das Covas, e na redacção, rua da Colchas n.º 3.

ERRATAS DO NUMERO ANTECEDENTE

Pag. 18, linha 22 onde se lê—*creou este ministro*, deve lêr-se—*creou este ministro*; a pag. 29, linha 10, onde se lê—*sob uma meza*, lêa-se—*sobre uma meza*.

Explicação da charada do n.º 2, Restia — de — sol.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 5.

15 DE FEVEREIRO

1862

O 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

(Continuação)

Se bem o Conde-Duque desejava tyrannisar com poder absoluto o povo portuguez, muito melhor o ajudavam os seus instrumentos, Miguel de Vasconcellos, e Diogo Soares, homens ardilosos, cubiçosos e soberbos, que de tudo dispunham tyrannicamente, sem que houvesse recurso para onde appellar, pois o Duque de Olivares os tinha por instrumentos seus, e elles de outros que taes se ajudavam.

Em summa, desde Philippe IV até o mais infimo castelhano, todos, a qual melhor, tractavam o povo portuguez, como se sempre tractou povo vencido e conquistado.

Já não muito longe vinha a epoca em que 60 annos se haviam prefazer que Portugal soffria a mais dura escravidão; os campos despovoados pelas continuas levas que se faziam para guerras estranhas; insupportaveis tributos, multiplicados sem fructo, que a sua maior parte se dispendia em lutas festas, para divertimento do rei e da cõrte; desterrados do reino para Madrid os titulares e prelados de maior vulto e gradação, para que, sem opposição, se tirassem ao reino os fôros e privilegios de re-

galia, que os tres Philippes sempre lhes haviam jurado guardar; as nossas amplas conquistas, que tanto sangue haviam custado, perdidas sem remedio, o que comsigo trazia a quasi completa extincção do commercio; a morte, a miseria, o lucto cobrindo todo o reino; os animos dos portuguezes consternados, e os brios abatidos; etc., etc., etc.; tal era o misero estado de Portugal, que bem ás claras mostrava as esperadas e necessarias consequencias da politica maxima de Philippe II; pois a sua fraqueza e debilidade era o maior impedimento de elle poder voltar ao que outr'ora havia sido.

(Continúa)

A. NOBERTO.

A INNOCENCIA

Leia-me a virgem que á tarde,
Á hora em que baixa o sol,
No jardim passeia e pára,
Quando escuta o rouxinol.

(CASTILHO — Amor e Melancholia)

Casta e sancta innocencia, filha predilecta do Senhor, vem commigo. Na primavera da vida, quando um immenso horisonte de chimeras se desenrola ante os meus olhos, fugir pretendo. Vamos meditar na solidão, e ouvir o melodioso trinar dos passarinhos, que tambem entõam hymnos de alegria ao

Creator. Sentados na fresca relva, banhada pelo fugaz arroio, ouviremos o rumorejar suave e doce das aguas que vão passando. Ou, se isto te não apraz, junto do grande oceano verás as ondas a pular entumecidas, para depois irem morrer na praia. Verás o nauta afrontar impavido as vagas orgulhosas e agitadas, sem amor á vida, que é da cara esposa, e dos tenros filhinhos. E levando os olhos, verás na abobada celeste as estrellas que fulguram, e a lua que, com a luz emprestada, reflecte nas aguas do mar. E, n'estas contemplações, a alma perde-se em immensos vôos no luminoso ceu da felicidade! Engolfada n'um mar de delicias, exulta e bem diz o seu Auctor, porque se revela em toda a natureza, com magnificencia e magestade.

Tudo inspira doçura e prazer; tudo veste as galas de alegria!! E quando chega a primavera?! Como é magnifico e bello ver o sol a festejar-nos por detraz das grimpas dos montes, que tingem com seu pallido arrebol?!... vêr as flores no campo, formando um agradável tapete, que deslumbra a luz dos olhos!! Vêr... Mas... onde me leva a imaginação?! por quem sou acompanhado?! Ah! phantasiiei um ente que não existe! Perdão! Isto foi uma illusão.....

Coimbra 6 de fevereiro de 1862.

JOSÉ CAETANO PRÊTO PACHÊCO.

RECORDAÇÃO

Amei! que importa dizel-o?
Zombarão d'este meu pranto!
Nem pôde o mundo entendel-o;
Não sabe que acerbo encanto
Do recordar d'outras eras
Exprime em notas sinceras
Meu sentido e triste canto!

Conter não posso um gemido
Com tão pungente lembrança!
Do meu passado banido
Já se não ergue a voz da espra'nça,
Que ao porvir se eleve intensa;
Nem ha de vir uma crença
Mostrar-me perto a bonança!

Tive momentos de dita
De delirante anhelar;
Uma ventura infinita,
Como a pode encerrar
O mundo tão circumscripto
Na muralha de granito
Do sentimento vulgar!

Vivi! e vida longa de annos,
No sonhar de curtos dias!
Foi bello sondar arcanos
Do mundo das phantasias!
Ir nas azas da saudade,
Percorrendo a immensidade,
Ouvir do ceu harmonias!

Illusão talvez agora
Chame alguém ao que senti;
Irrisão eu soffra embora,
Que ao despreso já sorri!
Oh! mas amo tal passado,
Como livro meu, sellado
Com tudo que amei e cri!

RESENDE.

HENRIQUETA ELIZA.

Effeitos do amor

CAPITULO 3.º — JORGE.

Romance original

No dia seguinte ás 10 horas da manhã D. Afonso conde de*** e D. Luiz estavam recostados n'um sophá em casa d'este ultimo.

— Diz-me querido Luiz, assim como hontem m'o promettes-te, porque é impossivel que eu abrace o teu salvador.

— Oh! Foi meu salvador duas vezes, em lugar d'uma.

— Como assim! exclamou D. Afonso.

— O meu encontro com esse mancebo, que se chama Jorge, e o modo pelo qual elle me salvou duas vezes a vida fazem uma longa historia.

— Segundo me parece essa historia tem relação com a que tinhas promettido contar-me.

— Tem sim.

— Então contam-as ambas.

— Ambas ellas fazem uma só

« — Cada vez melhor, disse alegremente D. Affonso: e, arranjando-se n'um bom posto, proseguiu :

« — Começa agora a tua historia.

« — Eu principio, disse d'um tom grave D. Luiz :

« Fez hontem exactamente um mez, que eu por certas razões corria, como um louco, pelas ruas da cidade ao amanhecer.

« — Por algum namorito, interrompeu rindo-se D. Affonso.

« — Aproxima-se d'isso. Porém não me detenha com tolices, respondeu D. Luiz com secura.

« — Está dito.

« — Eu prosigo :

« Corri tanto, que por fim cahi sem sentidos. Depois soube, que Jorge tendo passado pelo sitio, em que eu tinha caído e vendo-me exposto a ser esmagado por alguma carruagem, levantou-me e levou-me n'um carrinho para sua casa, onde trez dias depois voltei á razão, depois d'um delirio terrivel.

« Quando voltei a mim fiquei admiradissimo de me achar n'uma casa de campo mui perto de Lisboa : tinha as minhas ideias em tal confusão, que fiquei muito tempo a olhar para tudo, sem ouvir nada.

« Porém pouco a pouco fui voltando a mim da admiração, em que estava mergulhado. Pouco depois de completamente ter voltado ao uzo da razão, entrei no quarto, em que estava, Jorge.

« Este moço ficou admiradissimo de me ver sentado na cama. Depois soube por elle que o medico, que me tratava lhe tinha dito, que era mui provavel, que enlouquecesse.

« Jorge em seguida caminhou para ao pé de mim e perguntou-me, que tal me achava.

« — Tenho uma grade fraqueza, lhe disse eu. — Sim ! não admira, pois que á trez dias, que não tomais senão alguns caldos de galinha.

« Perguntei-lhe então, quem é que me tinha salvado.

« — Fui eu, disse elle muito embaraçado.

« Testemunhei-lhe então o meu agradeci-

mento do melhor modo possivel. Em seguida pedi-lhe, que me transportasse para minha casa, porém elle disse-me que o medico o tinha prohibido : e acrescentou :

« — Porém se V. S.^a quer alguma cousa de sua casa, é diser-me onde mora.

« — Só tenho necessidade de que o meu criado se não inquiete mais.

« — Pelo que eu vejo, o sr. não tem familia ?

« — Não. Não tenho parente algum.

« — Pois bem, onde mora V. S.^a ?

« — Moro na rua da Prata, n.^o... segundo andar.

« — Vou já lá. Se no entretanto V. S.^a desejar alguma cousa não tem mais do que tocar a campainha, que ahí está n'essa mesa. D'aqui a uma hora ha de tomar alguma cousa.

« — Ah ! quanto vos devo ! lhe disse eu.

« — Senhor ! não fallemos n'isso.

« — A proposito, como vos chamais ?

« — Chamo-me Jorge Pereira d'Oliveira.

« Depois de dizer isto sahiu.

« Quatro horas depois tornou a entrar acompanhado do meu criado, porém vinha muito acanhado e d'ahi em diante começou a dar-me Ex.^a, e a tratar-me com muito respeito, apezar de lhe eu pedir com muita instancia, que me não tratasse assim. Parece-me que isto provinha de ser eu filho d'um visconde, e por consequencia de gerarchia superior á d'elle, que é proprietario. Naturalmente tratava-me ao principio com mais familiaridade, pensando que eu era d'uma classe igual ou inferior á sua.

« Alguns dias depois mudei-me para minha casa e só antehontem é que me levantei da cama pela primeira vez.

« De tudo o que offereci a Jorge, elle só accceitou um anel do meu cabelo, para lembrança, segundo elle me disse.

« Desde que me mudei para minha casa, todos os dias elle cá tem vindo trez vezes pelo menos.

« — Quanto grande desejo tenho de o conhecer disse D. Affonso, interrompendo D. Luiz.

« — Heide fazer todo o possivel para isso.

— Ficar-te-hei summamente agradecido. Porém até agora, proseguiu elle, ainda me não disseste, porque era impossível, que eu o abraçasse.

— Escuta, que já vais saber, retorquiu o esbelto Luiz.

— Estou attentissimo, replicou o conde.

« Antehontem, quando Jorge me viu levantar, chegou-se ao pé de mim, e disse-me:

« — Sr. D. Luiz tenho-lhe a pedir um favor.

« — Pedi-me quantos quizerdes, meu querido amigo.

« — Porém, disse elle vivamente embaraçado, hade-me primeiro V. Ex.^a prometter, que o hade cumprir.

« — Se estiver na minha mão, com todo o gosto o cumprirei.

« — Pois bem, tornou elle resolutamente, depois d'alguns momentos d'embaraço, peço a V. Ex.^a, que não diga a ninguem, que fui eu, que o salvei, (como V. Ex.^a diz) e que me conceda o vir vel-o algumas vezes.

« — Ah! que genio tão exquesito!

« — Tenho a palavra de V. Ex.^a não é assim?

« — Oh! pedis-me duas couzas, a primeira das quaes vol-a não posso conceder: a segunda sou eu que vol-a peço encarecidamente.

« Depois de muitas questões foi tratado, que eu só seria senhor de dizer o seu nome aos meus mais intimos amigos: o mostral-o porém me não foi concedido.»

— E tu consentistes n'isso, disse D. Affonso arrebatadamente.

— Não houve remedio, replicou D. Luiz. Se visses a sua animação e as razões, que allegava, serias obrigado a conceder-lhe tudo o que elle quizesse.

— Cada vez tenho mais desejos de o conhecer.

— Se és verdadeiramente meu amigo, tornou D. Luiz, hade-me prometter, que vais immediatamente para casa.

— Porque? disse D. Affonso.

— Porque Jorge não tarda a vir.

— Pois elle vem agora cá! exclamou D. Af-

fonso todo contente, então heide ter o gosto de o ver.

Porém D. Luiz taes razões emittiu, que D. Affonso prometteu ir immediatamente para casa, o que cumprio.

(Continúa)

A P. D'ALMEIDA

A FLOR DA VIRTUDE

Á EX.^{ma} SNR.^a D. M. C. ***

No dia dos seus 14 annos

A mulher pura, innocente,
É do mundo a maravilha,
É qual anjo sobre a terra,
É do Ceu candida filha!

M. ADELAIDE PRATA.

Conheci-te pequenina,

Tenra e fina,

Tenra e fina, como a flor;

Hoje já na face airosa

Tens da rosa

Tens da rosa a rubra cor!

Guarda-o bem, casta Donzella,

Pura e bella

Pura e bella — o teu carmim?

Junto da rosa á cor pura

A candura

A candura do jasmim!

Hoje linda como a aurora,

Quando chora

Quando chora sobre a flor;

Has de ter por entre as sallas

Meigas fallas

Meigas fallas — tudo amor!

Mas não creias, não Donzella

Tem cautella...

Tem cautella... pensa bem...

Não julgues ver só carinhos

Onde espinhos

Onde espinhos ha tambem!..

Hoje de todos querida
 Tens da vida
 Tens da vida almo frescor?!...
 Tambem no campo a baunilha
 Nasce e brilha
 Nasce e brilha, e perde a cor!
 Tambem a rosa dos prados
 Tem agrados
 Tem agrados mil e mil,
 Tambem nos campos as flores
 Tem amores
 Tem amores no mez d'Abril.
 Tambem o lirio dos montes
 Tem das fontes
 Tem das fontes o correr.
 A praia lá tem a vaga,
 Que a affaga,
 Que a affaga em seu gemer

 Passa o tempo, tudo esmaga...
 Morre a vaga...
 Morre a vaga... a flor é pó!..
 Só não murcha a linda cor
 D'uma flor
 D'uma flor — mas d'uma só!..
 Donzella, teu virgem peito
 Seja estreito
 Seja estreito vaso seu!..
 Que os encantos, que ella encerra,
 São da terra
 São da terra, e são do Ceu!..
 Guarda-a bem, que linda e bella
 Tem da estrella
 Tem da estrella almo fulgor!..
 Não 'squeças na juventude
 Da virtude
 De virtude a linda flor.
 Coimbra 6 de Fevereiro de 62

DUARTE DE VASCONCELLOS

Provincianismos de Berlinda

Ora pois. Vamos escrever coisa que se leia nos *Ensaios litterarios*. É mais facil do que parece. Senta-se a gente á mesa, toma a penna, e está prompto. Como isto são ensaios, se não ficar bom da primeira vez, tenta-se de novo, e terceira, e quarta, e cem, e mil vezes. Por fim sempre ha de ficar em termos de se dar á luz, ainda que não seja senão á do candieiro. Eia.

Uma vez, não ha muito, era uma tarde calmosa de Agosto. Ardiam no ceu as caniculas e na terra berravam como dèmos as cigarras. Às duas horas em ponto na torre dos Clerigos no Porto despedia a trote largo rua do Bom Jardim abaixo a Diligencia, de nome, de Carneiro e Marinhas. Trazia para Coimbra dois homens e a mim. Em quanto se tratou de descer, os cavalloos eram rijos como Catões, permittam-me a comparação blasphema. Chegados á Ribeira o caso foi mais sério. Era mister trepar a rampa que sobe á ponte, e a coisa tinha seus quês. Descemos todos, depois de lucta desesperada, empunhamos bengallas, esfalfámos pulmões, e ficamos na mesma.

Um dos bichos, mais commodista certamente, tomou uma resolução heroica: deitou-se. Estava no seu direito, a que correspondia no cocheiro a obrigação correlativa de lhe dar chicotada até cbeirar a fumo. E justiça lhe seja; cumpriu-a, como poucas vezes se cumprem obrigações. Nós é que não ganhámos nada com a historia. Às duas por trez tão cansado estava um animal como outro, e nos com boa vontade de atirar com aquella caranguejola para o Douro, para ao menos sermos os ultimos a rir da burla que nos tinham pregado. Não o fizemos por uma razão muito simples: o Douro estava atulhado de barcos e tivemos receio d'algum desastre. Custa a crer, mas é exacto: estivemos alli n'aquella dança a bagatela de uma hora. Foi a primeira estação. A segunda em Villa Nova a pôr bois; a terceira no alto da Bandeira a tirar os bois. Somma total: parámos trez vezes antes de deixar

o Porto. Já veem a *diligencia* que tivemos na jornada.

Era quasi sol posto quando largámos definitivamente a andar.

No alto da Bandeira tinha-se-nos reunido um novo companheiro. A primeira feição carecterística era um bojo enorme, que só por si occupava dois terços do carro. Depois não tinha mais nada de notavel. Era uma cara vermelhusea e nedia com dois olhos azues pegados á superficie.

Dos outros companheiros ainda não disse senão que os tinha. Pois valem mais, e valem muito. Eram ambos moços, estudantes, e estudantes de Coimbra. São os melhores companheiros d'este mundo. Do outro não posso dizer nada.

O mais velho é ahí muito conhecido. Estava sentado a um canto, e lá estaria ainda agora se não sahisse. Não tinha nem bigodes nem luneta, e todavia roubava atenções á primeira vista.

A primeira muda fizemol-a mudos. Na segunda era noite fechada.

— Querem luz meus Senhores?

Foram as primeiras palavras do nosso companheiro dos olhos azues. Podia ter principiado peor.

E em tudo o que custa é o primeiro passo. O homem, a final de contas, era um patusco de bom gosto, como ninguem era capaz de advinhar debaixo d'aquella figura elephantina.

Vão ver e julgar:

— Pois sempre lhes digo, meus senhores, que estimei devéras a demora do carro: continuou elle dizendo em conversação. Se V. S.^{as} me não dizem, o contrario olhem que ficava na ideia de que tinha chegado do Porto a Villa Nova em menos de dois minutos.

— Dois seculos, meu caro, dois mil annos: respondeu o estudante ainda com a voz alterada com que tinha narrado o episodio cavalari. Foi uma burla infame desta canalha infernal.

— Ainda bem que não houve desgraça; concluiu o nosso homem. Não fallámos mais

nisso. Já vejo que tive o meu tempo mais bem empregado. Estive com uma rapariga, que eu não queria senão que V. S.^{as} a vissem.

Um choqe electrico nos percorreu a todos. O poder da mulher é immenso e universal: dentro d'uma berlinda como dentro d'um salão. Perfilámos-nos, e pozemos-nos á escuta.

— Era uma tricaninha, disse o homem, de soccos e saia curta: mas tinha uma lindissima *caixa de dentes*.

O primeiro momento foi de grande gargalhada.

— Isso de *caixa de dentes* é coisa que se coma? — perguntou o estudante rindo sempre. Seriam elles dentes de caixa?

— Talvez fossem de encaixe: ajuntou o outro.

E continuaram n'este despauterio até verem o bom do portuense perfeitamente encavacado. Não ria: olhava para todos com ar apavahado, perguntando aos enormes botões do seu casaco o que é que tanto alarido produzira.

— Então V. S.^{as} nunca ouviram dizer *caixa de dentes*? perguntou a final.

— Já sim Senhor.

— Então porque se riem tanto?

— Por isso mesmo que o ouvimos.

Não sei se o homem entendeu: parece-me que não pela resposta.

— Pois senhores, cá para mim é o que de melhor pode uma mulher ter na cara. Boa testa, bons olhos, bom nariz, boa cor, são nada sem bons dentes.

A discussão tomou um caracter serio. As opiniões partiram-se em quatro partes. O primeiro estudante era amator de bons olhos; o segundo de boa testa; eu preferi um bom nariz de cavalete.

Entre os dois primeiros foi correndo a disputa.

— Deixe-se d'isso, meu caro, dizia o filho de Minerva; os olhos são lumes d'alma, não ha coisa que os iguale, nem pessoa que lhes resista. Uma mulher pode ter tudo mau; mas se tem uns bons olhos conquista o mundo.

— São gostos, são gostos : ora diga-me, V. S.^a já foi ferrado?

Coube ao estudante a vez de encordoar. Deu um pullo como se lhe passasse por deante dos olhos a imagem do Digesto. Cresceu-lhe o nariz palmo e meio, os cabellos pozeram-se-lhe a prumo com o bonet, e por entre uma careta que elle queria figurar de sorriso de mofa, respondeu :

— Ferrado, Senhor!... Eu não tenho a honra de pertencer a essa raça.

— V. S.^a parece-me que tomou a mal a minha pergunta!?

— Se lhe parece que é muito amavel...

— Então que tem ser ferrado?

— Não está má essa ! Isso é serio, ou cagada?

— Eu é que o não sei. Ser ferrado para mim é um grande gozo.

— Que lhe faça muito bom proveito. Eu despenso o gozo e a possibilidade de o ter. Não me tenho por besta.

— Mas quem falla aqui em bestas?

— Quem falla em ser ferrado.

Só então é que o cidadão tripeíro deu no vinte. Cahiu-lhe a alma aos pés. O mais comico de tudo foi o modo grave com que elle disse :

— Perdão senhor ; mil perdões. Não é isso que eu quero dizer. Como é que se diz levar uma ferradella?

— Ser mordido : respondi eu para os tirar de talas.

Rimos agora todos de boamente, e mandámos ao diabo os provincianismos que iam deitando a perder dois bons filhos d'uma boa terra.

As minhas patricias ficam sabendo que uma *caixa de dentes* equivale a uma *enfiada de perolas engastadas em coral* : *ferrar* um homem, fallando d'ellas, é *mordel-o amorosamente*.

J. SIMÕES FERREIRA.

A M A

Doce anhelos de meus sonhos,
Quem d' mim te separou?
Quem os meus dias risonhos
Em triste luto mudou?
Ai! má sorte foi a minha!
De tantas 'sp'ranças, que tinha,
Nem uma só me ficou!...

Eras na terra o meu Deus,
A minha Estrella polár,
Doce perfume dos ceus,
Que a mente vinha affagar...
Agora negro fadario
Faz-me viver solitario,
Por ti sempre a suspirar!..

Lembras-te ainda, Donzella,
D'esse viver d'illusão?
Quando a tua mão singela
Apertava em minha mão?
Quando o teu seio pulsando,
E d'amores suspirando,
Estreitava ao coração?

Quando, virgem descuidosa,
Surpr'hendia o teu olhar?
E o rosto côr de rosa
Baixavas logo a scismar?
E os teus labios sorrindo,
Como a flor, que vai abrindo,
D'amor me vinhão fallar?

Lembras-te ainda do pobre,
Que o seu amor te votou?
D'esse amor tam santo e nobre,
Que mil vezes te jurou?
Quem sabe?!... talvez agora
Já te não lembres d'outrora,
Nem do pobre, que t' amou!..

Talvez, que breve olvidasses
Quem t'amou com tanto ardor!
Talvez que a outro jurasses
Eternos laços d'amor!..
Amor?.. quem sabe?.. illudido,
Seria acaso trahido
Por teu riso seductor?..

Oh! tu não hades trahir-me,
Anjo da minha affeição;
Que o teu amor tenho-o firme,
Bem firme no coração.
Filha do meu pensamento,
Não podes no esquecimento
Sepultar minha paixão.

Não podes, diz-mo este peito,
Que eu sinto bater por ti;
Este queimar contrafeito
Das lavas, que sinto aqui.
Diz-m'ó a sombra do passado
Tão risonho e socegado,
Em que ao teu lado vivi.
.....

Hoje acordo em desatino,
Chamo por ti, mas em vão!
Perdido, louco, sem tino,
Ralado no coração...
Parece fado maldito,
Que me traz aqui proscripto
Nos êrmos da solidão!

Em vão te chamo em sonhos,
Pomba, que longe ficou!
Em vão meus dias risonhos
Peço ao tempo, que passou;
Que esta sorte tão mesquinha
D'essas venturas, que eu tinha,
Nem uma só me deixou.

1 de Janeiro de 1862.

J. SIMÕES DIAS.

CHRONICA DE COIMBRA

Desde o ultimo numero d'este jornal pouco tem acontecido de interesse.

No dia 1 repetiu-se no Theatro Academico — *O homem d'ouro*; e a comedia — *Eu sou meu filho*.

Mais a largo fallarei d'esta récita, que em razão de ser a 2.^o permittiu avaliar melhor seu desempenho.

No drama, Pereira Leite, *Simplicio Lobo*, arrancou varias vezes espontaneos bravos, aos espectadores, principalmente na scena final do 2.^o acto quando apertando a cabeça entre as mãos exclamou: Ah! mundo, mundo...

Callado, *Estevão de Moura*, fallou com mais naturalidade, do que na primeira récita. Houve-se com perfeita interpretação, quando no 3.^o acto recorda a Simplicio Lobo, ajoelhado a seus pés, os crimes que praticára.

Ricardo, *Antonio de Lima*, fallou um

pouco precipitadamente, comtudo mostrou ter comprehendido seu papel.

Castro, *Maria*, nada deixou a desejar. Foi phreneticamente aplaudido, quando no 3.^o acto reconhecendo um pae, n'aquelle, que unicamente julgava bemfeitor, se lança em seus braços exclamando: Eu tinha um pae!..

Os papeis secundarios do drama foram bem desempenhados.

A comedia foi desempenhada perfeitamente.

O Theatro vive, comtudo parece que a custo lhe gira o sangue nas veias; mas, estes mancebos, como, ao que parece, tem muita vontade, em breve o farão remoçar e voltar ao estado, em que esteve n'outros tempos.

No domingo passado, a philharmonica— Conimbrecense esteve no Jardim botanico. O passeio esteve pouco concorrido por causa do vento.

Amanhã vae no Theatro academico — o drama em 3 actos — *Maria de Sousa*.

Em D. Luiz ensaia-se a *Probidade*.

14 de Fevereiro de 1862.

A. C.

CHARADA

No todo não estou,
Mas de lá sou tirado.....1

Muitas pessoas se honram
Por me haver enfiado.....2

Oh! que sons eu produzo,
Se acaso me hão vibrado.

Z.

Explicação dá Charada do n.^o antecedente — *Rêla*.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 6.

4 DE MARÇO

1862

O 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

(Continuação)

Mas como se nunca desmentiram os heroicos espiritos da nação portugueza, que sempre ella soube dos maiores apertos sahir com briosas resoluções, alguns portuguezes amantes da patria começaram a discursar sobre o modo de remediar os males que o reino padecia, pois consideravam que as desgraças futuras maiores não podiam ser que as presentes; e os olhos saudosos se lhe voltavam com o pensamento para Villa Viçosa, onde viam, entregue a criminosa ociosidade, o descendente de seus antigos reis, aquelle que lhes só podia dar a cara liberdade.

A providencia, porém, veiu, n'esta conjunctura, offerrecer aos nobres fidalgos, que na restauração da sua patria pensavam, ensejo de não perderem as esperanças, antes sim veio alental-os a não descuraram de tão nobre proposito; por quanto, havendo-se espalhado o rumor de que uma armada Franzeza vinha sobre Lisboa, o Duque de Bragança foi, pelo de Olivares, nomeado Governador das armas de todo o reino, podendo

elle livremente correr todas as praças e entrar em todos os navios de guerra que se encontrassem nos portos do reino, dispondo e armando tudo, como julgasse conveniente, para estorvar o desembarque dos Francezes.

A. NOBERTO.

(Continúa)

QUEIXUME

Sentes acaso no silencio mudo
Conjuncto vago de ventura e dor,
Se a noute é bella, quando paz é tudo,
E a mente anceia a delirar d'amor?

Soltas as tranças pelo niveo colo,
Pousada a face na mimosa mão,
Deixas a alma abandonar o solo,
Formando sonhos, anhelando em vão?

E em cada estrella que nos Ceus vagueia
E em cada raio dos que a lua tem,
Teus olhos fitas, de saudades cheia
Da patria d'anjos, d'onde amor só vem?

Assim nas horas em que reinão trevas
Eu vou no espaço divagar sem fim;
Mas ah! tu só meu pensamento elevas,
E tu nem mesmo scismarás em mim!

1862

L. C. SIMÕES FERREIRA.

ALBERTINA

Historia da meia noite

IV

Um ente de humanas formas lá surge entre a terra, que se remove.

A lentos passos caminha para a porta do templo, aberta por estranha mão, e sacode a mortalha funerea; e a terra d'ella vem cahindo, deixando longo rasto sobre o lagedo.

A lampada sagrada empallidece, e na sombra outras pedras se levantam, e cahem, e mil outros fantasmas surgem.

Seguiremos, leitor, aquelle, que a solemne vóz do bronze primeiro acordou do somno mortal.

Sabe do templo, passa por baixo do Arco de S. Thiago e caminhando depois pela Calçada se dirige para a casa de Paulo.

O argenteo astro da noite de chapa lhe envia os seus raios sobre o rosto palido.

Eil-o chegado á porta da casa de Paulo. Esta abre-se ao contacto da gelida mão do fantasma, e elle entra, e some-se na escuridão da escada...

Entre tanto Jorge e Paulo conversavam, sentados em cadeiras no quarto d'este ultimo.

— E depois? dizia Jorge.

— Depois ergui-me do chão e comecei a scismar. A appareição de meu thio parecia-me um sonho.

Hoje á tarde fui visitar Albertina. Ella, ao que me disse, tivera a mesma appareição. Esta coincidência tirou-me a incredulidade que me restava.

— Visto isso são baldadas todas as tentativas que faça para voltares á razão.

— A meia noite não tarda, por isso em breve verás se eu sou louco ou não.

N'este momento ouviu-se o ruido de passos d'alguem, que caminhava pelo quarto superior.

Jorge não poudé deixar d'estremecer.

— É meu irmão, que se vai deitar, disse elle.

— A proposito, que terá o teu irmão? Anda tão preocupado, quasi nunca me falla. E hoje, á ceia, não me deu palavra... Meia noite, disse Paulo interrompendo-se subitamente, ao ouvir um sino annunciar a hora dos mysterios.

Jorge saudou-a com uma gargalhada incredula, que echoou algum tempo no quarto; depois ficou tudo em silencio.

Passadas lentas e pesadas começam a ouvir-se; cada uma faz vibrar as fibras de duas almas.

A porta do quarto abre-se e á fraca claridade da luz do candieiro, a que vae faltando combustivel, Paulo reconheceu seu thio no fantasma, que entrava, e que nós ha pouco seguimos.

Jorge á vista do fantasma, que não esperava, fica aniquilado. A luz lhe foge dos olhos, o sangue lhe affue ao coração, os cabellos se lhe eriçam na cabeça, e semelha a estatua do terror.

(Continúa) A. COELHO

A CEIFEIRA NO RIO

Donzella diz-me que estás scismando?
Que negra nuvem te escurece a frente?

EUGENIO DE BARROS

A lympha mirando,

Que branda deslisa

Batida da brisa

Tão fria,

Na margem do rio

Tão junto á corrente

Que tens tu na mente

Maria?

Filando a areia

D'um branco doirado,

De rosto inclinado

Na mão,

Que ideias o peito

Te vem embalar

Fazendo-o pulsar

Em vão?

Com as companheiras

Não folgas, nem rís!

Serás infeliz,

Ceifeira?

Porque como aquellas

Não vaes tu saltando,

N'areia brincando

Fagueira?

Eu vejo, donzella,

Que soffres paixão,

Que teu coração

Amou!

E agora padeces

De chaga cruel,

Que amante infiel

Gerou!!

Não sabes, Maria,

Que negro desgosto,

Acôr faz do rosto

Perder?

Afasta... bem longe

Tão fundo scismar

Que faz definhar,

Morrer!

Villa de Pereira, 1861.

CAVALCANTI.

ARZILLA

por Bernardino Pinheiro

Nunca é tarde para prestar homenagem ao talento. Luz que se atraiçoa pelo brilho, a intelligencia, quando se revela em obras de merecimento verdadeiro, é eterna, como a Divindade donde procede; e o tempo dec-

corrido só pode ter-lhe augmentado admirações e respeito.

Se, pois, hoje somente aqui lavramos um testemunho d'aquelles sentimentos para com o auctor do *Arzilla*, se só hoje reunimos a nossa voz, tenue como o som que se perde no espaço, á de tantos outros que tem preconisado as excellencias da sua obra, não cause isso extranheza, nem imputado nos seja de descuido.

Quizemos ler e reler cada uma d'aquellas paginas, onde, involtos n'uma elegante e polida linguagem, encontrava-mos muito espirito e muito coração tambem. onde o elevado do pensamento se casava com a suavidade da expressão, e a lembrança de nossas glorias, como um echo de longinqua felicidade, vinha fazer-nos estremecer o peito de alegria e de nobre enthusiasmo.

Só assim poderíamos com affouteza e sem temor de que nos accusassem de aduladores felicitar o sr. Bernardino Pinheiro. Depois do que tem dito, e do que pennas esclarecidas hão escripto sobre o seu romance, não seremos nós que lhe faremos a analyse: seria ousadia louca.

Se nos sabimos das turbas é porque nos segredava a consciencia que nos curvassemos tambem ante o homem que soube comprehender as tendencias do nosso seculo, e appresental-as; desassombrado, com a critica fina que caracteriza alguns capitulos do *Arzilla*.

L. C.

DESCRENÇA

Ao meu Amigo

F. LOPES DO REGO.

De que serve o lidar affanoso
N'esta vida, que morre ao nascer?
De que servem peniveis torturas
Por dois dias, que havemos viver?
De que servem os louros da gloria
E passar longa noite a estudar?

De que servem as c'roas se seccas
Vão comnosco na campa findar?

De que serve saber grandes feitos
D'esses homens, que nada já são?
Que dos sec'los na suja poeira
Coitaditos! d'envolta lá vão?

Que valeu a Camões ter cantado
As grandezas do seu Portugal,
Se na fome ninguem lhe valera,
Se nas palhas morreu d'um hospital?

De que serve ser grande nas lettras
Ver seu nome na historia brilhar,
Se depois nem um nome na campa
Pór memoria lhe deixam ficar?

E que deixem, que importa lá isso
Ao que a vida p'ra sempre perdeu?
Que lhe importam grinaldas que pendem
Pelas pedras do seu mausuleu?

Eu por mim não desejo ser grande
Nem dos grandes invejo o fulgor.
Quero a vida passar socegada
Entre cantos e risos d'amor...

Muito embora me chamem um louco...
Que me importa? deixal-os chamar...
Mas ao menos bem farto de gosos
Heide a morte sereno encarar...

J. SIMÕES DIAS

AVENTURA CARNAVALESCA

Ainda não decorreram muitos annos desde o facto que vos vou contar até á epocha, em que estamos.

Na rua do Oiro, em Lisboa, n'uma formosa casa, estava recostado n'um sophá um homem já idoso, e horriavelmente feio. Este homem teria os seus cincoenta annos: era alto e muito magro: tinha um nariz, que se podia medir por polegadas, uma bocca enorme, era desdentado; tinha uns olhos de-

masiadamente grandes e seu cabello, tanto da cabeça, como da barba, era em partes ruivo, n'outras pardo: o pingo apontava continuamente no seu nariz. A fallar a verdade não se podia ver este homem sem se rir, ou sem se affastar immediatamente com nojo. No entretanto no seu tempo de rapaz divertira-se muito e fora muito amado das damas!

Tinha sempre gostado muito de aventuras, e, como se estava então no carnaval, determinou fazer uma partida a alguma linda dama.

Com este intento chamou o criado e lhe mandou que lhe fosse comprar um vestuario assim, assim, e começou-lhe a numerar peça por peça. Sahiu o criado e pouco depois voltou com a fatiota na mão.

Á noute em casa da marqueza de ***, entre os lindos mascarados, notava-se um que, pela exquisitisse do seu vestuario, fazia rir a todos.

Vêde se com effeito havia motivo para riso. Este mascarado trazia vestida uma tunica branca, que lhe cobria todo o corpo, desde o pescoço até aos pés: cobria esta tunica branca innumeradas figuras de cavallos, elephantes, raposas, cães, lobos etc.: no meio das costas notava-se o diabo deitado n'uma cama: ao pé d'elle estavam quatro gigantes com martellos nas mãos: eram todos tão pretos, que mettiam medo. O mascarado calçava sapatos de meia vara de comprimento; sua mascara, que lhe cobria toda a cara e cabeça era d'um covado d'altura: em cima d'ella notava-se um crescente: tinha muitas mais coisas, que fazião, que todos se rissem.

Sem duvida a leitora advinhou já que este homem é o nosso conhecido de á pouco. Um instante depois entrou tambem na sala do baile uma outra figura, que pela sua exquisitisse formava um admiravel contraste com o das *botas grandes* (era o nome que tinham dado ao nosso heroe). Estes dous personagens dentro em pouco se começaram a affeiçoar um pelo outro: já se não viam, senão juntos. Uma intima conversação os

reteve não mui depois n'uma outra sala, affastada da do baile.

O nosso primeiro heroe intercedeu o seu companheiro, melhor, a sua companheira para que lhe deixasse ver o seu lindo rosto: ella rogava-lhe o mesmo: ambos porém recusavam. Parece comtudo, que ambos tiveram o mesmo pensamento, porque de repente o nosso heroe e a nossa heroína mutuamente se arrancaram as mascaras um ao outro. Ah! exclamaram ambos elles ao mesmo tempo, rindo-se como perdidos. — Pois vós estaes aqui conde, vestido de mascarado?—E vós viscondessa, não vos envergonhais de na vossa idade andar ainda em bailes de mascaras!

Tinha a nossa heroína perto de 60 annos, levava-a ao baile o mesmo motivo, que movera o nosso heroe: ambos eram dignos um do outro!

Esta aventura divertio muito todos os convidados da marquezia de***, que se não fartavam de rir. A. P. D'ALMEIDA.

N'UM CEMITERIO

& W. . .

1
 É triste minha existencia!
 Sósinho! sem ter ninguém
 Eu vejeo solitario
 Esperando em breve além
 Ir jazer n'aquella campá!
 Ali sempre é prohibido
 Todo e qualquer movimento
 Só ás vezes um gemido
 Vem perturbar o silencio
 D'aquelle triste recinto.
 Acredita! meu desejo
 É ir para lá. Não mintol..
 2
 Eu amei! amei muitissimo!
 Fui enganado comtudo!
 Agora minha esperança
 É ir ali jazer mudol..

Coimbra 18 de Fevereiro de 62. A. P.

SORRISOS E LAGRIMAS

CAPITULO 1.º — DULCE.

Romance offerecido

A. P. D'ALMEIDA.

Tu fais bien; vois le ciel luire,
 Vois les astres s'y mirer;
 Un instant là haut t'atire,
 Tu vois les anges sourire:
 Mais je vois l'homme pleurer.

VICTOR HUGO.

Conheceram Dulce? Pergunta ociosa é esta! Quem conheceu a modesta violeta, que jamais ostentou suas graças, seu suavissimo perfume, e que morre mesmo ignorando que foi bella?!.. Dulce foi a modesta e pura violeta, que nasceu e viveu na solidão, onde só Deus a via, o sol a aquecia e a briza a affagava!!..

Foi uma creatura predestinada para o martyrio e resignação: comtudo ninguém conhece a historia d'essa mulher, ou antes d'essa creança. Aos que nunca a viram, dir-lhes-hei. Divinizem em seus sonhos a mulher, dêem-lhe as formas aerias d'um anjo, e as alvas roupagens da virgem; imprimam-lhe no olhar toda a poesia do sentimento, revistam-na das brancas azas d'uma inspiração divina e angelica, cinjam-lhe a fronte de alvas rozas e martyrios, dêem-lhe á cabeça o encanto do abandono e resignação, elevem-na a um throno de nuvens, illuminado pela aureola da sancta, e terão assim creada a poetica imagem de Dulce!

Eu via-a quando ella tinha apenas 12 annos; Dulce não era bella, não tinha o rosto rosado e risonho, como as da sua idade, não tinha o olhar vivo e limpo de nuvens, não tinha aquella alegria infantil e folgazã, que tanto embelleza as creanças, finalmente não tinha nenhum d'estes dotes, d'estes encantos, que tanto nol-as fazem amar. Tinha um rosto palido e triste, mas poetico e suave, que tinha esse não sei que, essa at-

tração irresistível que se não explica, senão pelo presentimento d'uma predestinação divina!

Creança, ella inspirava-nos reflexão, porque se presagiava, vendo-a, um não sei que de fatal e na sua existencia algum golpe terrível, ou uma espinhosa missão, d'essas, que Deus reserva para os seus escolhidos!

Não sei se era por esta ideia, que, á primeira vista, nos affeição-vamos como instinctivamente, ou como se o affecto fosse a egide, que devia preserval-a da mão do destino! Para que o leitor a fique conhecendo melhor, esboçarei em breves traços o seu physico.

(Continua)

HENRIQUETA ELIZA.

CHRONICA DE LISBOA.

Venho coberto de vaso,* e com o cilicio ciugido ás carnes, prostrar-me ante v.^a ex.^a « Qual diante do algoz o condemnado » e dizer tres vezes — *Mea culpa!* Mas já vejo assomar aos labios de v.^a ex.^a aquelle angelico e perdoador sorriso, que tão costumado estou a receber da apreciavel leitora.

Faltei ao cumprimento da promessa, de dar em todos os numeros contas dos succedimentos da capital, e oxalá que não seja esta a ultima falta pois será signal de que vivo para obsequiar a v.^a ex.^a; mas a intelligente redacção d'esta folha suppriu tão dignamente a falta, que por certo ninguem deu pela minha ausencia.

Agora, porém, em compensação venho pando de novidades.

As damas de Lisboa estão altamente conspiradas com o progresso. Pois v.^a ex.^a não sabe o desacato que este maganão lhe fez? Ensinou os cavallos do circo de Price e Ciniselli a dançar, perfeita e elegantemente, quadrilhas, walsas, marsuchas, polkas, cottillons, tudo finalmente que Terpsichore inventou para enlevo das elegantes, de sorte que já ninguem gosta de vêr dançar nos sa-

lões. Depois a Adams, que é uma bonita mulher d'aquelle primeiro circo, dança na corda tudo que a Bellini dança no palco de S. Carlos, e por esta fórma eu vejo que o sexo encantador terá de renunciar para sempre á dança e ceder o logar aos quadrupedes intelligentes: Deus me perdoe se digo n'isto heresia!

A filha do regimento fez fiasco no theatro lyrico. O baile de mascaras, vai ali ser cantado e ouvi dizer, que não vae nada bem. A epocha lyrica tem corrido mal para a empreza.

Chegou o novo tenôr Pietro Taghazucci. O theatro normal de D. Maria II poz em scena um novo drama em 5 actos—*Luiza Marion* representado no beneficio da Soller que fez a protagonista. O exito foi mediocre, a não ser pela parte do Tasso, que fez uma scena no terceiro acto, que é para dár nome a um artista.

Nos Condes deu-se a magica—*A serpente dos mares*. Não é reptil, que assuste, porque tem a propriedade de nos fazer dormir apesar do seu bello scenario, adereços, vestuario e extravagantes machinas.

Julio Cezar Machado publicou as—*Senas na minha terra*. São alguns folhetins da *Revolução* e mais dois ou tres quadros descriptivos. É um livro elegante, e amehio, poetico por vezes, mas sempre incorrecto e cheio de francezias. Revela-se ali um talento festivo e amalista, mas um espirito indolente e pouco culto.

Os bailes de mascaras no Circo de Price, no Caffé-concerto e na Floresta Egypcia teem sido concorridos mas sensaborões. O carnavaal está frouxo. Os theatros estão desertos, porque o *intelligente* vae todó para os Circos. Vae partir para o Porto passando por Coimbra um rebequista muito applaudido e que tocou no paço de Caxias perante el-rei, que muito o festejou, mr. Charles Wynec.

Creio que se os filhos artisticos e as graciosas flôres do Mondego o permittirem dará ahí um concerto.

Deu-se no Gymnasio uma comedia em tres actos—*O mentiroso*, que apesar de ser

toda firmada em inverosimilhanças agradou. Em S. Carlos cantou-se a excellente partitura de Verdi — *O rigoletto* para estreia do tenôr Tagliazucchi que tem uma figura tão grotesca como o nome e a voz egual á pessoa. Não agradou. A opera *Um baile de mascaras* é a que parece destinada a fazer a delicia dos *dilletanti* no resto da epocha. O tempo continua tempestuoso. Tem havido tres naufragios na barra, mas sem perda de vidas. O infante D. Augusto está quasi restabelecido, mas, pobre creança! fica arruinado por toda a vida. Houve um concerto vocal e instrumental na *Assembléa portugueza*, que esteve brilhante. Sabbado á ali baile. O *Club lisbonense* tambem já deu o primeiro baile a que concorreu uma sociedade *d'élite*. O carnaval está xôxo e semsabor. A civilisação, cujo benefico influxo reconheço, despoetisa os nossos costumes. O José Mendes Leal está ministro: não escreve mais dramas, mas o pae ainda canta nas festas de igreja: coizas do mundo. O actor Marcolino tenciona ir dar um ou mais espectaculos em Coimbra. Estou hoje grandemente semsabor: não admira: são influencias da atmosphera. A excellente e benevola leitora perdoará, porque o perdoar é proprio dos anjos. Os meus cumprimentos a v.ª ex.ª.

RESENDE.

CHRONICA DE COIMBRA

Leitora, hoje pela vez primeira vou escrever uma — Chronica; estou um tanto apouquentado, mas... com os diachos mãos á obra! Se não fôr boa, desculpa-se, porque isto são — Ensaios.

Sabbado, 13 subio á scena no Theatro Academico o drama em 3 actos — *Maria de Sousa*, e a comedia — *Metta-se lá com a sua vida*: ambas estas peças já não são proprias do tempo em que estamos. Entre os actores distinguiram-se Castro, *Maria de Sousa*; Calado, *Eduardo*, e Bandeira, *Alberto*; Peireira Leite, *Francisco de Sousa*, andou bem,

mas podia andar melhor. O resto dos actores, uns melhor do que outros desempenharam o seu papel.

Dêsde o dia 13 até ao dia 22 nada houve importante pelo menos que eu saiba. N'este ultimo dia, porém, representou-se em D. Luiz I, o lindo e bem composto drama do Sr. Lacerda — *A Probidade*, e a comedia — *Uma chavena de chá*. O desempenho foi regular. Quem mais se distinguiu foi Novaes, *marinheiro*: andou muito bem, principalmente na parte do prologo, em que salva a filha de *Jacob*. Foi muitissimo applaudido e chamado muitas vezes ao proscenio. Em seguida distinguiram-se *Perdigão*, *Jacob*; *Matta*, *Nogueira*, e *Jacinto*, *Soares*. Os outros actores comprehenderam seus papeis, porém uns melhor do que outros.

As actrizes não andaram bem! o chronista do *Tira-Teimas* tem muita razão, dizendo que ellas não prestam para nada: a fallar a verdade as duas mais velhas só servem para theatro d'aldéa!

Fizeram mal alguns senhores em patearem *Motta*: deve-se fazer justiça! elle não andou bem, porém outros andaram peor: á além d'isto outra razão pela qual não lhe haviam de dar pateada; é a seguinte. Os actores são pela maior parte artistas, que só pretendem divertir o publico Conimbricense: têm bastante trabalho e não ganham nada: é pois rasoavel, que os não pateem, antes pelo contrario os ajudem, para que elles animados prosigam na carreira, que emprehenderam.

Se os começam a patear, elles desanimam, não tornam a representar e em breve acaba o unico divertimento dos Conimbricenses. Se os actores fossem estrangeiros, antes que andassem pessimamente, haviam de ser sempre applaudidos, como porém são Portuguezes e demais a mais Conimbricenses é *justo*, que os pateem.

Na comedia — *Uma chavena de chá*, brillhou *Domingos*, *Duarte Tinoco*, que andou excellentemente: *Jacinto*, *barão*, e *José Francisco*, *creado*, tambem andaram bem. Na actriz *Julia* não val a pena fallar-se...

O espectáculo foi muito concorrido: notava-se comtudo a falta de muitas das mais lindas damas Conimbricenses, que tinham ido para o baile do sr. D.^{or} Forjaz que, diga-se a verdade, esteve muito bom; o serviço foi excellente e eram 3 horas, quando os elegantes mascaras, acompanhados de lindas senhoras saíram. Voltando porém a D. Luiz I, diremos que grande parte das senhoras estavam vestidas sem gosto algum.

No dia 23, houve festa em Santa Justa: assistiu bastante gente e a igreja estava decentemente armada.

No mesmo dia houve perto do Rocio feira de animaes, *irracionaes* já se sabe.

Hontem 26 repetio-se em D. Luiz I.—A *Probidade*: o desempenho foi quasi o mesmo, que na primeira recita. Representou-se tambem a comedia em um acto — *Um marido que é victima das modas*. Domingos, José, Perdigão, Antonio, e Jacintho, *Padre José*, andaram bem, Havião *toilettes* riquissimos.

Tambem se unio pelos laços nupciaes com seu primo a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Eduarda, filha do Ex.^{mo} visconde de Maiorca.

Não temos recebido alguns numeros de alguns jornaes: faltaram-nos o numero 676 e 679 do Bracarense, 23 e 24 do Magriço, e 13, 14 e 15 da Aurora Litteraria, etc. Os jornaes de Lisboa, excepto a Estrella d'Alva, nunca os recebemos no dia proprio: ás vezes só passada uma semana e mais é que os recebemos. Pedimos providencias.

Coimbra, 27 de Fev. de 1862. A. P. D'A.

CHARADA.

S'um — S — me juntares
 Duas vezes terás 1
 E nas visceras busca
 Que tu lá me veras 1

Se me preceder — Ba —
 Interjeição pop'lar
 Tu has de ver de certo 1
 Instrumento vulgar. A. NOBERTO.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

AMOR E AMBIÇÃO

ROMANCE ORIGINAL

PRIMEIRA TENTATIVA ROMANTICA

DE

ANTONIO MARIA PINTO D'ALMEIDA

Quaes os dotes, que deve ter um bom romance, conhece o auctor d'esta obra, e que ella os não possui tambem; comtudo anima-o a dal-a á luz o pensamento de ser a publicidade o mais poderoso estimulo para o que ama as lettras.

Receba o publico esta tentativa, como a primeira, e seu auctor, continuando o estudo das lettras, em breve melhor obra dará a lume.

Preço da assignatura

Coimbra..... 200 réis.

Fóra de Coimbra... 240 »

Para fóra de Coimbra só se remettem exemplares pagos adiantado.

Assigna-se e vende-se na Livraria Central, Lisboa, rua do Ouro, e em Coimbra, rua da Calçada; e na loja do Sr. José de Mesquita, rua das Covas.

Quem arranjar oito assignaturas realisaveis, terá um exemplar *gratis*.

POLKA SIMPATHIA

E

Schotisch Enthusiasmo

PELA EX.^{ma} SNR.^a

D. G. A. DE SOUSA

Estas duas musicas sairão á luz, logo que haja assignaturas sufficientes.

PREÇO

Assignantes..... 200 réis

Avulso..... 240 »

Quem arranjar seis assignaturas terá um exemplar *gratis*.

ERRATAS

No numero antecedente a pag. 34, columna 1.^a linha 42 onde se lê — Já se não ergue, deve-se ler — Já não se ergue.

Na segunda columna, linha 4, onde se lê — Como a pode, deve lêr-se — Como a não pode.

Explicação da charada do n.^o antecedente. — *Rebeca*.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 7.

15 DE MARÇO

1862

0 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

(Continuação)

Partiu o Duque de Villa Viçosa contemporisando com a occasião; e, como quem vinha exercer o seu cargo, no 1.º de Julho de 1639 entrava em Almada. Como pouco distava de Lisboa, foi cumprimentar a vice-Rainha, Duqueza de Mantua, e entrou em Lisboa com tanta grandesa dos seus, com tal concurso dos populares, luzido acompanhamento dos nobres, e aplauso de todos (*) que os ministros castelhanos não sabiam que pensar sobre esta desacertada nomeação do maior inimigo, como a Hespanha considerava o Duque de Bragança, para um cargo tão importante, e de que se elle podia servir para seu proveito.

Mas nem todos viam este facto pelos mesmos olhos, porque consideravam esta escolha do Duque alguns como uma rede armada pela cõrte para nella fazer cahir o incauto principe; pois que tendo elle de visitar as praças, e de entrar em todos os navios de guerra, facil era prendel-o e leval-o á cõrte; e nem outro era o fim do Conde Duque com aquella nomeação; pois

que ao diante se veio a saber que todos os governadores das praças, e capitães dos navios, tinham aquellas instrucções; o successo, porém, veio mostrar que, em parte, as duas opiniões haviam acertado; porquo tendo por fim aquella nomeação affastar de reino o Duque de Bragança elle, d'ella se serviu para alliciar ao seu partido todos os povos por onde passava na sua digressão, pela bondade e doçura com que a todos ouvia; não havendo por isso ninguem que não fizesse votos pela sua elevação ao throno portuguez.

Toda a nobreza, ao saber da chegada do Duque de Bragança a Almada, pressurosa o foi visitar, manifestando-lhe alguns então o proposito em que estavam de sacudir o jugo de Castella, e outros de o acclamarem rei; mas como o Duque não sabia de quem se fiar, cauteloso e prudente a nenhum se declarou, sondando assim os corações de todos; reserva esta que pelos nobres foi tomada em conta de irresolução, mas que era uma grande prudencia da parte do Duque.

Depois da curta visita á Vice-Rainha, o Duque de Bragança voltou a Almada n'essa mesma tarde, d'onde sahio a visitar outros lugares; entrando a final, no principio do inverno, em Villa Viçosa, livre dos laços dos Castelhanos.

(Continúa).

A. NOBERTO.

(*) Manusc. n.º 513 da Bibliot. da Univ.

O HAREM

Que fêrvidos abraços !
 Que risos ! que suspiros
 Lá se dão !
 E que osculos devassos
 Mais leves que os vampiros,
 Por lá vão !

O ar, é todo aromas
 À vista, é tudo festa
 No harem !
 E na indolente sésta
 Amor desrança as comas
 Com desdem !

Inventam-se disvellos,
 Com mimo são acceitos
 Lá sem fim !
 Mas fim tem os anhélos
 Extinctos sobre os leitos
 De setim !

Reflecte alma faisca
 Nos risos nas beldades
 D'uma huri !
 E a magica Odalisca
 Da Grecia tem saudades
 E sorri !

O eunucho indifferente
 Repara... entra... cobra
 Com que ardor !
 A grega o infeitiça,
 E se olham mutuamente
 Sentem dôr !

Ao gymneceu vão juntos,
 Da patria, e amor da infancia
 Falam só !
 Dão beijos, muitos ! muitos,
 Aperta amor com ancea
 Mais sem nó !

Apertam-se ! da mente
 Ao peito baixa o sonho
 Sonhado sempre em vão !
 E caem doudamente...
 Mas o prazer risonho
 Se muda em afflicção !

Da vida no dezerto
 Que dôr ! a eterna séde
 Não podem saciar !
 Que lucta n'ambos ! véde
 Que vacuo sempre aberto,
 Que morte sem findar !

Mas como a luz se apaga
 Ao sopro violento,

Depois de crepitar !
 E como á flor, o vento
 Que vem da ardente plaga,
 A seca, e vem tombar ;

E como a corda estála
 Vibrada com vehemencia
 Por furioza mão !
 E o gello, branca opála,
 Lá perde a consistencia
 Na calida estação :

O eunucho não resiste
 No incendio dos desejos,
 Os braços lhe estendeu !
 Mas como o som d'arpejos
 No ar se perde, o triste
 De subito morreu !

THEOPHILO BRAGA.

Efeitos do amor

Romance original

CAPITULO 4.º — A PROCURA DE LUIZA.

As leitoras e os leitores (pobres rapazes tambem devem ser mettidos na conta) talvez tenham já pensado, que Luiz se não lembrava já de Luiza.

Inteiramente o contrario, minhas queridas leitoras, Luiz cada vez estava mais namorado de Luiza, que nunca podêra esquecer. Apenas conhecera a dedicação de Jorge para com elle, pediu-lhe, que visse se encontrava Luiza, a linda Luiza, a quem elle tinha salvado a vida. Porém, como apenas sabia, que se chamava Luiza, e que não era rica, como ella mesmo lh'o dissera, não tinha sido possivel até então encontral-a, apesar das pesquisas, que com esse fim se tinham feito.

D. Luiz já desesperava de a encontrar. Cada dia a esperanza de a encontrar se apagava mais.

Não mui depois da saída de D. Affonso, entrou Jorge com o rosto radiante, em casa de D. Luiz. — Sr. D. Luiz, lhe disse elle, depois de o cumprimentar e saber da sua saude, até agora não tenho encontrado com

o nome de Luiza senão pessoas velhas, hoje porém, por um estranho acaso, acabo de encontrar uma menina d'esse nome, muito bonita, e tendo as feições, como v. ex.^a me disse, que havia de ter Luiza.

— Ah! disse D. Luiz correndo para Jorge, deixae-me abraçar-vos, meu melhor amigo: vós me restituís a vida pela terceira vez.

— Vós exageraes, sr. D. Luiz, retorquiu Jorge.

— Exagerar! eu não digo nem metade do que vos devo dizer. Porém, porque acaso a encontrasteis, meu querido amigo.

— Ah! sr. D. Luiz, disse, tornando-se muito triste, Jorge, encontrei-a por um terrível acaso!...

— Então, perguntou D. Luiz todo alvoroçado, que lhe aconteceu? Dizei depressa, meu querido amigo. Oh! tire-me da anxiedade em que estou.

— Porém, se v. ex.^a me não attende, como lh'o heide eu dizer!

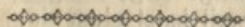
— Ah! sim! tendes razão, disse tristemente D. Luiz, deixando-se cahir sobre uma cadeira.

« — Hoje ia para sair de minha casa, quando o meu criado dirigindo-se a mim me disse: Sr. Jorge, a sua vizinha do 4.º andar está quasi a expirar.

« — Mas que vizinha é essa?

(Continúa)

A. P. D'ALMEIDA.



A LAVANDEIRA

Na minha janella.

*Que peito rebelde e immoto
Se não vira aberto e roto.
Como o meu só te de ver?*

NICOLAU TOLENTINO.

I.

Ai! vi-te defronte,
Rosinha d'amores,
Mais linda que as flores,
Que nascem no val',
Mais pura, mais bella,
Que os cravos e lyrios,
Que tens á janella

..

Nos lucidos vasos
D'argenteo crystal!

II.

À beira das aguas
Sósinha sentada,
Teu rosto fagueiro,
Teu corpo engraçado
No tanque a mirar,
Par'cias no garbo
A moura encantada,
Que em dias d'estio
Nas aguas do rio
Se vem retratar.

III.

Assim distrahida,
De quando em quando
Eu vi-te cantando
Mimosas cantigas
Com fervido ardor;
Mas mal'que avistavas
Defronte escutando
Alguem espreitando
As notas que davas,
De subito ás faces
Córadas e vivazes
Te vinha o rubor.

E muda ficavas
E logo deixavas
As notas em meio
Das arias d'amor!...

IV.

Ai! vi-te lavando,
Lavando as roupinhas
E as brancas anaguas
Nas lucidas aguas;
E os braços?!.. que bellos;
Que bellos os tinhas!
Que neve? que alvura?!..
Co'a lymphá a brincar!..
Que braços eburneos
Lavando, lavando
Nas aguas, que fremem,
Que pulam, saltitam
Em gotas ao ar!
E o seio pulsando,
Pulsando apressado,
Batendo cançado,
Continuo a arfar!
Ai! Deus dera a vida...
Que eu tive desejos,
Que em fogo mil beijos
Só podem matar.

V.

E amei-te esses labios
Cantando baixinho,
Amei-te o arminho,
Das alvas cambraias,
Roupinhas, e saias,
E brancas anaguas,
Lavando nas aguas,

Nas aguas, assir ...
E amei-te esses olhos
Tam negros, tam vivos,
Amantes, lascivos,
Pregados em mim!

IV.

E os braços, ao vel-os
Roliços, tam bellos,
Macios, formosos
Lidando nas aguas,
Que enxames de gosos,
Que longos anhelos
Por elles senti!
E amei-t'os, amei-t'os,
Com toda essa alvura
De gosos infindos;
Que eu braços mais lindos
Ainda os não vi!...

Coimbra, Fevereiro de 1862.

J. SIMÕES DIAS.

OS DOUS AMANTES NO BOSQUE

Por Lucio Antonio de Sousa

O romance, que com este titulo, ainda á pouco saio á luz, é recommendavel por varias couzas, segundo o nosso fraco juizo. Primeiramente pela carta-prefacio que o acompanha, e que é devida á penna do sr. Augusto Clemente de Sousa Geão: esta carta-prefacio não só está bem escripta, senão tambem encerra bons pensamentos. Alem d'isto o romance, tambem se torna recommendavel, pelo seu fim moral, couza, que n'esta epoca, em que estamos, devia ser mui tratada: infelizmente é o contrario! as imaginações esquentadas dos manebos não lhes permittem escrever romances com fine moraes: n'uns romances não se falla, senão em assassinatos, n'outros, senão em mulheres perversas, etc.: é pois este romance uma excepção: muito estimariamos vêr mais com o mesmo fim.

Não podemos dar um juizo detalhado do romance, porque ainda não tivemos tempo de o lêr todo: sentimol-o muito; uma couza porém nos alegra, a lembrança, de que outrem tomará a seu cargo o descrever todas as bellezas, tanto do romance, como da carta-prefacio.

Concluimos agradecendo aos snrs. Lucio Antonio de Sousa e A. C. de Sousa Geão a mimosa offerta, que nos fizeram, do seu romance.

Coimbra 10 de Março de 1862.

A. P. D'ALMEIDA.

ACROSTICO

No tumulto d'uma menina.

Mimosa flôr innocente,
Vstro puro sem ter veu,
Bisonha virgem dormente,
Imagem de terno ente
Vdorandó a Deus no Ceu,
Taz occulta n'esta lousa
Olvidando o fel do mundo
Só feliz porque repousa
Em somno eterno, profundo.

L. G.

VISÃO!

I

Era n'uma tarde linda
Das lindas tardes d'estio,
Que meiga virgem vogava
Em fragil batel n'um rio.

II

De neve eram suas faces,
Seus labios eram carmim;
Os olhos fachós brilhantes
Suas mãos puro marfim!

III

Eu mudo a contemplava
C'um olhar cheio d'amor;
Ella repara, e ligeira,
Me sorriu, qual linda flôr.

IV

Atralla o batel á margem
Para onde de prompto entrei:
Era tão cheia d'encantos,
Que a seus pés logo fiquei.

V

As aves em seus gorgeios,
O sol em seu esplendor;
O Céu, as auras, as nuvens,
Tudo convidava a amor.

VI

Levantei-me, e, em suas faces,
Um beijo puro depuz,
Que fez corar o seu rosto,
Todo brilho e todo luz.

VII

Mas não mais vi a donzella
Nem sua fragil barquinha;
Foi visão, oh! foi de certo,
Que passou pela alma minha.

4 de Março de 1862.

F. AUGUSTO MARTINS DE CARV.º

D. IGNEZ DE CASTRO

(1) As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoráram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram;
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores;
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CAMÕES

Nos saudosos campos do Mondego vivia
Castro — a infeliz!

Amante de um rei, que a idolatrava, era
a mais desditosa das mulheres, porque o
sceptro e a corôa, ante um coração avas-
salado pela dor, exacerbam a intensidade
do soffrimento.

Cara esposa, mãe estremosa, carpia, no
seu gemer de rola, a negregada sorte dos
tenros e innocentes filhinhos, que eram fru-
cto d'um hymeneo reprovado, e a do des-
ditoso consorte, cuja existencia, presa á sua

(1) Esta estancia do epico portuguez lê-se
em uma lapide junto á fonte, chamada dos
Amores, na quinta das Lagrimas, onde, é tra-
dicção, morrerá D. Ignez de Castro.

por um só êlo, terminaria com o mesmo
golpe, ao qual succumbisse Ignez.

«..... misera e mesquinha
Que, depois de ser morta, foi rainha.»

Banhada em lagrimas, que, como pero-
las, brotavam copiosamente de seus lindos
olhos, segredava á solidão normas de fiel
esposa e mãe carinhosa

E os echos, repetindo brandamente os
seus queixumes, faziam repercutir—dor e
saude!

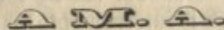
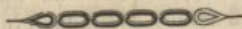
Já a pallida morte, com mão fria e des-
carnada, tocava o seu corpo gentil: appro-
ximavam-se os ultimos momentos; era o seu
coração presago que o advinhava.

Cruéis ministros d'um rei, que era pae,
o incitam á crueldade. O pai quer perdoar,
mas o rei diz, que não pode! porque rei
e misericordia serão — talvez — heteroge-
neos?! Debaixo do manto real não palpi-
tará um coração sensivel?!.....

Castro a linda Castro, era dos anjos;
inevitavel pois era o seu passamento.—Suc-
cumbindo ao duro golpe, voou á mansão
dos justos, unida pelo amor e saudade aos
orphãos adorados, e ao esposo fibricitante,
que fica entre a vida e a morte!

Coimbra 9 de Março de 1862.

JOSÉ CAETANO PRÊTO PACHÊCO



Conheci-te sempre bella
E tão linda, como a rosa
Desabrochando singela
Se balouça donairoza.

Teu lindo e virginal rosto,
Teu porte tão elegante,
É similhante ao da virgem,
Qu'em sonhos idiou Dante.

Para mim um teu sorriso
Eis todo o meu almejar
Porém, ah! triste de mim!..
Mui grande é meu desejar...

Tu, Maria, a mim sorriseres!
 Ah! Quem jamais se lembrara
 De esperar lindo sorriso
 De quem sempre o odiara.
 5. de Março de 1862. A. P. d'A.

SORRISOS E LAGRIMAS

Romance offerecido

A. P. D'ALMEIDA.

CAPITULO 1.º — DULCE.

(Continuação.)

Dotada de uma compleição excessivamente delicada e nervosa, parecia a cada instante succumbir ao peso da vida. Seu corpo delgado como o alamo, como elle, curvava-se para o chão, como se não pudesse sustentar aquella bella cabeça de rainha, da qual lindas madeixas de cabello castanho desciam em abundantes e doirados anneis até aos mimosos hombros.

Era impossivel ver nada mais bem modelado, do que a sua frente bella e polida como o marfim, e que nada tinha d'uma frente de 12 annos. Os olhos eram negros, quando se abaixavam sob as longas pestanas, que quasi inteiramente os velavam; elevando-se porém fixos, lançavam por vezes reflexos azulados, como se um raio celeste os penetrasse! O olhar profundo e reflectido, descia á alma triste, mas doce, e exprimindo sempre a sombra d'um pensamento que parecia vir de mui longe. Se ajuntardes a isto uma voz melodiosa, cujo timbre imprimia em cada palavra um vago perfume de poesia, que fazia vibrar de emoção todas as cordas da alma, tereis um resumo dos bellos dotes physicos de Dulce; afóra estas, não tinha outras bellezas.

Já disse e repito, só vi Dulce na idade de 12 annos; mais tarde vi-lhe o retrato, que tirara poucos dias antes de morrer:

tinha então 20 annos. Ainda que um pouco emmagrecido pela doença, e decomposto pelo soffrimento aquelle rosto nada havia perdido da sua encantadora doçura; mostrava-se mais bello ainda, coroado pela aureola do martyrio.

N'aquella frente pura e serena outr'ora, o sello do soffrimento marcara uma pequenina ruga, que fazia apagar o sorriso da resignação: o olhar mais vivo, mais ardente, não parecia animado pelo fogo da febre, que lhe crestava os labios e lhe queimava o peito mas sim pelo calor d'uma esperança ha muito concebida, o deixar a terra tão arida, para a flor que vive do orvalho celeste, tão érna para a alma divinamente poetica, que não pôde achar n'ella uma irmã.

Agora, que o leitor conhece bem a nossa heroína, contar-lhe-hei a sua historia, singela, curta, e que pôde dizer-se em duas palavras, que resumem toda a sua vida — AMOR E RESIGNAÇÃO!

CAPITULO 2.º — RAPHAEL.

Enfants de la même colline,
 Abreuvez au même ruisseau
 Comme deux nids sur l'aubépine,
 Prés du mien, Dieu mit ton berceau!
 LAMARTINE

A aldéa de *** é uma das mais bellas situadas na margem esquerda do rio Douro. Não sei a que os poetas chamam — o bello, mas creio que o bello sublime da poetica natureza deve ser aquillo. Duas duzias de pequeninas casas, agrupadas á margem de um ribeiro, cercadas d'um vasto tapete de fina e verdejante relva, e decoradas do seu pobre, mas poetico campanario: mais ao longe uma cadéa de montanhas, formando-lhe um largo e dilatado horisonte, e parecendo com seus cumes tocar o ceu, que lhe serve de doce!

Povoaí este logarejo de carvalhos e alamos, presta e esta paisagem os matizes proprios, anima-a d'um raio de sol dourando as alvas paredes da igreja, ou d'um reflexo da lua, prateando a espuma d'um ri-

beiro, e tereis um quadro campestre dos mais bellos e poeticos. Era lá, que vivia Dulce. — Mas quem é Dulce? perguntará o leitor enfasiado. — Paciencia, ainda um instante, eu lá vou.

Dulce era sobrinha do parcho da freguezia; orphã de pai na idade de 8 annos, veio de Lisboa com sua mãe para casa de seu thio, que não negou um asylo á orphã e á viuva, para as preservar da miseria, que as esperava, pois que seu defuncto irmão só lhes deixara por herança algumas dividas, que a custo poderam pagar. Em casa de seu thio achou Dulce um companheiro para os seus folguedos, orphão como ella, como ella tambem recolhido por caridade

Irmãs na desgraça, as pobres crianças, desde logo se uniram pelos laços da mais estreita sympathia, se bem que Raphael fosse mais velho, que ella, 4 annos. Comtudo, como era d'um natural meigo e amavel, e como ella se comprazia pouco em brincos e travessuras, não houve nunca a mais pequena desintelligencia entre as duas crianças: longe d'isso, jámais podia passar um sem'o outro. Dois irmãos, mesmo gémeos, não poderiam ser mais amigos nem mais estreitamente unidos do que elles o eram. Como era bello vel-os correr de mãos dadas a casa dos pobres, levando-lhes o seu cabasinho de esmolas, abraçarem sem soberba e repugnancia as pequenas crianças, que lhes saiam ao encontro, cobertas de farrapos, repartirem com ellas sua merenda, e ás vezes os seus proprios vestidos: depois brincavam mais alegres, como se sentissem que o bom Deus os abençoava lá do céu, e lhes enviava mais um dia de felicidade por cada boa obra que praticavam!!

O leitor, que já teve o retrato de Dulce, quererá tambem que lhe dêmos um pequeno esboço de Raphael.

(Continúa)

HENRIQUETA ELIZA.

RECORDAÇÃO

A memoria é a ubiquidade da alma.

LAMARTINE.

Hade haver dous annos, que passei uma das mais agradaveis noites da minha vida. Estava então na pequena povoação de***, mui proxima de Coimbra, em uma quinta: tinha ido para lá em agosto, com tenção de passar ahi dous dias. Na primeira noite, talvez por mudar de cama, não poude adormecer. Tinha-me deitado ás dez horas, emballado pelos contos da minha hospeda, e, á uma, não podendo estar mais tempo na cama, levantei-me.

Abri a janella, e apresentou-se-me então um espectáculo, que jamais esquecerei!!

A terra estava allumiada, como se fosse dia: o céu estava todo estrellado, e no meio d'elle se espreguiçava a linda Phébe. N'um pequeno bosquesito, que me ficava fronteiro, um rouxinol, trinando seus melodiosos gorgeios, era a unica couza, que perturbava o silencio da noite.

Nada de mais encantador! Oh! se n'aquella occasião fosse poeta, como não ficaria!.. Apezar de o não ser, senti-me profundamente impressionado. Não pensei, que estava na terra, mas sim n'um paraizo!

Durante umas poucas de horas estive contemplando o lindo quadro, que se me apresentava á vista!..

Fui tirado da minha meditação pela voz do meu hospede, que, admirado, me dizia: — Então que faz? está já a pé! — Que horas são? lhe perguntei eu. — Cinco! foi a resposta que me deu.

Em seguida fomos ambos dar um passeio até á quinta.

Coimbra 23 de Fevereiro de 1862.

A. P. D'ALMEIDA.

CHRONICA DE COIMBRA

Passou o carnaval; a humanidade, que tinha enlouquecido, recobrou o juizo. As pre-

ces substituíram a berraria, as turbas deixaram as praças para entrar nos templos. Prostrão-se ante as aras, impetrando o perdão da Divindade, depois sahem d'alli, e á noute se ha recita no Theatro academico vão lá aplaudir o Simões.

Vem a pello fallar das duas recitas que ahi tem dado a *Probidade*.

Guiando-me as impressões, que me causaram as representações das personagens do drama, traçarei uma curta analyse do desempenho da segunda recita, por ser aquella em que os actores mais se distinguiram.

Simões, *Manuel Escotta*, fez ora darem os espectadores sinceras gargalhadas, ora brilharem em seus olhos lagrimas d'emoção,

Com quanta expressão não dizia elle aquellas palavras — *o canto dos marinheiros! parece que me sahe o coração de peito!* — quando no segundo acto ouve Adelia entoar as strophes, que tantas vezes elle cantára a bordo da sua querida fragata — Santa Roza!

Callado, *Henrique Soares*, apresentou-se ora philosopho frio e ironico, ora amante e sincero.

Nas recitas antecedentes tem mostrado quinato vale, e n'esta fez quanto se podia desejar.

Pereira Leite, *Jacob*, sustentou a sua parte com delicadeza e comprehensão.

Bandeira, *Nogueira*, comprehendeu o seu papel, e, embora o não desempenhasse perfeitamente, agradou porém

Fialho, *Collares*, representou bem a personagem, que o auctor do drama pôz em scena, isto é, o traficante vil, que julga trazer no rosto a mascara inviolavel da hypocrisia, e não o cynico, que se faz estimado da sociedade por seus sorrisos dolosos.

No prologo tambem desempenhou bem o papel de Commandante.

Castro, *Adelia*, não desmereceu do conceito, que o publico tem feito d'elle. Houve-se perfeitamente, quando no 3.º acto enlaçada aos braços de seu pae se recorda do scena, em que havia vinte annos fora personagem a bordo da Santa Roza.

Crespo, *D. Guilhermina*, andou bem. Foi mui aplaudido, quando no 2.º acto, entre vendo a possibilidade da existencia de sua filha cabe n'uma cadeira murmurando anhelante — *Meu Deus!*..

Os papeis secundarios foram desempenhados por outros mancebos, conforme as forças de cada um.

Na primeira recita da *Probidade*, Simões sustentou com mestria uma scena comica intitulada — *O Sebastianista*, critica a alguns costumes da sociedade contemporanea.

Na segunda recita o mesmo actor n'outra scena comica — *O Manoel d'Aballada assistindo á representação da Probidade*, fez rir a bom rir os espectadores.

Na primeira recita houve muito enthusiasmo, mas na segunda houve mais.

Choviam os versos e as flores, echoavam as palmas e os bravos.

No fim do *Manoel d'Aballada*, Simões foi chamado muitissimas vezes e cantou tres vezes o couplet final.

Parecia que os espectadores queriam ficar a applaudil-o até ao amanhecer. Eo ratão apparecia dizendo — *Eu inda cá estou.*

Findou a recita e todos se retiraram bem-dizendo o eximio actor, que lhe fizera passar uma tão agradávelissima noute.

Consta-me que em D. Luiz se representará a oratoria — *Santo Antonio.*

Recebemos um interessante romance — *Dous amantes no bosque*, cujo leitura recomendo aos meus muito queridos leitores.

O tempo está fusco, bom para penitencia, por isso julgo que os meus senhores tenham tido a bondade de cumprir a penitencia de ler esta chronica.

Até ao numero seguinte.

13 de Março de 1862. A. C.

Erratas do numero antecedente — A pag. 43, linha 23, col. 2.ª onde se lê — que tem dito, deve ler-se — que se tem dito; a pag. 48, linha 22, col. 2.ª onde se lê — Haviam — deve ler-se — Havia.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 8.

1 DE ABRIL

1862

O 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

(Continuação)

Novas instancias no intanto de novo se faziam ao Duque de Bragança, sem embargo da reserva que elle mostrara em Almada, para que aceitasse a corôa que voluntariamente lhe offereciam. Mas este principe, que bem antevia as innumerás difficuldades com que tinha a lutar, afim de chegar a porto de salvamento com esta arriscada empreza, não queria ir expor a um perigo quasi certo, e por um acto irreflectido, toda a sua familia e fortuna, e no qual perderia, se não a vida, pelo menos a liberdade; e demais o estado em que as artimanhas de Castella haviam posto sua casa era tal, que lhe não permittia tratar do bem alheio sem primeiro attender á conservação de seus bens e pessoa.

Os nobres, porém, não descorçoavam; e, cada vez mais ardentes em procurar restituir á patria a sua liberdade, estavam de de continuo representando ao Duque de Bragança, pelas bocas do Monteiro-Mór D. Francisco de Mello, e de seu irmão Jorge de Mello, as molestias que os Portuguezes padeciam, e que não dilatasse a resolução de tomar a coroa, pois melhor ensejo de subir

ao throno portuguez nunca se mostraria, visto terem os Castelhanos todas as suas forças divididas agora por muitas partes.

Estas e outras cartas da mesma substancia eram remettidas ao Marquez de Ferreira e ao Conde de Vimioso, que assistiam em Evora, d'onde, acompanhadas de novas instancias d'estes dous fidalgos, vinham ter ás mãos do Duque de Bragança, que sempre em taes termos respondia, que parecia não lhes querer tirar as esperanças de todo, nem tambem augmental-as.

Mas esta irresolução do principe, bem como o seu natural temor, em breve acabaram, graças ao desacordo e falsa politica do Conde Duque, que mandando-o de novo passar a Almada, a que se o principe recusou, lhe fez chegar ás mãos uma ordem real, em que Philippe IV, depois de largas persuasões e promessas, o exhortava a que se lhe juntasse, á frente de toda a nobreza de Portugal, — que recebeu para isso ordem de se alistar no exercito Castelhana, sob pena de ver confiscados todos os seus bens —, para marchar sobre a provincia da Catalunha que se havia sublevado e cuja expedição elle proprio commandava.

Este passo do Conde Duque ducidu o principe a aceitar as offeras que lhe por vezes haviam fe to: pois via que dava sentença contra a sua vida ou contra a sua liberdade, se obedecesse áquella ordem.

(Continua)

A. NOBERTO.

ALBERTINA

Historia da meia noute

(Continuação)

Paulo está mais senhor de si.

Desejando profundar aquelle mysterio, que parecia rir de todas as conjecturas, que podia fazer a fraca intelligencia humana, chamava a si todas as suas forças, prestes a abandonal-o.

E o fantasma aproximava-se de Paulo.

— Segue-me, lhe diz elle.

Tão pallido, que parece a imagem do thio o mancebo levanta-se e segue-o.

Elle, passando perto da meza onde estava collocado o candieiro, toma-o, e dirige seus passos para o gabinete, cuja porta abre. Entra ahí seguido de Paulo, como de sua sombra.

No fundo do gabinete, entre duas janelas está uma secretária. Depois d'ahi ter posto o candieiro o fantasma senta-se n'uma cadeira.

— Senta-te, diz elle a Paulo, que em pé ficara mudo e extatico.

Este obedece machinalmente.

O fantasma fica embevecido em profunda meditação. Depois levando a mão á gelida testa:

— Paulo, diz elle: há cinco mezes, quando eu me estava preparando para abandonar a terra, jurastes-me cumprir uma missão de que te encarreguei. Essa missão era receber em tua casa dous mancebos, que eu te indicára e tratal-os como irmãos. Tu tens cumprido o que eu desejava.

Hoje venho encarregar-te d'outra missão mais difficil de cumprir; e para tu poderes fazel-o é mister, que saibas a historia do meu passado. Essa historia cujo fatal segredo me obriga a vir á terra, quando nada devia existir entre mim e os vivos, tenho-a eu escripto com esta mão gelado.

O fantasma dizendo estas palayras abre uma gaveta da secretária, move uma mola occulta, que girando descobre um escaninho donde elle tira um rolo de papeis.

— Lê, continúa elle erguendo-se e avançando para Paulo, lê o que eu escrevi n'estes papeis, e obra segundo os dictames da tua consciencia.

E depõe nas mãos do mancebo os manuscritos; seus frios dedos tocam os de Paulo, que desfalecido cahe no chão apertando convulsamente os papeis.

O fantasma sahe lentamente do gabinete. Atravessa o quarto contiguo, penetra no escuro corredor, desce a escada, abre a porta da rua, sahe e segue caminho da igreja de S. Thiago.

Pouco depois de ter o fantasma sahido Jorge volta a si:

— Seria um sonho? diz elle interrogando a si mesmo.

Não. É um facto extraordinario, mas verdadeiro, porque eu estava accordado quando vi aquelle pallido fantasma. . .

Mas onde está Paulo? continúa elle lançando a vista ao redor do quarto.

Seus olhos seguem a direcção do gabinete onde vê Paulo estendido no chão.

Jorge corre para ali. A vista se lhe detem sobre o rolo de papeis, que as mão de Paulo apertam. Abaixa-se e pucha os manuscritos; porém elles tão apertados estão, que Jorge só consegue tirar uma folha.

Aproxima-se da luz e lê na primeira linha « Jorge e Estevão são pois. . .

O mancebo, cuja curiosidade redobra, não pode continuar, porque ouve Paulo mover-se. Mette o papel no bolço e depois sahe do gabinete apressadamente.

VI

Estamos na manhã do dia que se seguio á noute, em que se passaram os succedimentos a que fiz assistir o leitor.

Tereis agora a bondade de me acompanhar á casa n.º 8 da rua da Mathematica.

Transponhamos os humbraes da porta e subamos a escada, que nos está patente.

Eis-nos no primeiro andar.

Abramos a porta que fronteira nos fica, mas devagar, para que nenhum ruido desperte os proprietarios ou inquilinos da casa, que, usando de seus direitos, nos podem expulsar.

Entremos na sala que a nossos olhos se apresenta.

Collocar-nos-hemos atraz da banhinela de tafetá verde d'aquella janella rasgada: e, installados n'este observatorio, podemos sem medo examinar a sala e o que n'ella se vae passar.

A sala pouco espaçosa tem duas portas, uma que nos fica fronteira, outra que nos fica á esquerda.

As alta paredes estão pintadas extravagantemente. Aquí vê-se um descarnado esqueleto, alem uns pulmões, uns intestinos, e outros objectos semelhantes.

Junta á parede da direita está uma meza carregada de livros; uma cadeira de braços e cinco palhinha complectam a mobilia.

A porta da esquerda abre-se e um homem entra. É d'estatura media, sulcam-lhe o rosto copiosas rugas; as barbas quasi brancas lhe pendem no peito; os olhos negros brilham no fundo de suas orbitas encovadas.

Vae sentar-se á meza. Abre um livro, cuja leitura parece ser para ellé de grande interesse.

N'este momento um creado abre discretamente a porta, que dá para a escada.

— Sr. doutor Everario, diz elle avançando um passo.

— Que queres, Antonio?

— Está ali o Sr. Jorge Augusto da Silva Guimarães.

— Manda-o entrar.

O creado retira-se.

— Faça o obsequio de entrar diz elle a Jorge, que ficára no cima da escada.

O mancebo entra na sala.

— É ao sr. doutor Everario Joaquim de Mello, que eu tenho a honra de fallar? pergunta elle ao doutor fazendo uma rasgada cortezia.

— Sim, senhor.

— Jorge Augusto da Silva Guimarães.

— Bem: sentae-vos e dizei-me a que deva a honra da vossa vizita.

Jorge colloca o chapéu, luvas e bengala, sobre uma cadeira e senta-se n'outra.

— É provavel, diz elle, que nunca ouvisseis fallar de mim?

— É verdade, meu caro senhor.

— Então sem duvida ter-vos-há causado admiração esta minha vizita, pois vos sou desconhecido?

— Não, Sr. Jorge. Acaso não estou costumado a receber vizitas de pessoas, que me vem consultar a respeito de suas molestias, e que antes me eram desconhecidas?

— Então julgues que eu vos venha consultar? pergunta Jorge, de cujos labios desliza um ironico sorriso, que faz estremecer o doutor Everario.

— Julgo: pois a que outro motivo deveria eu o gosto de vos conhecer?

— Como doutor quer que eu o consulte fazel-o-hei com muito prazer.

O leitor intelligente, que assiste a esta scena tem percebido a tactica de Jorge e a do doutor.

Este vê n'aquelle um adversario, que o pertende atacar; mas ou porque o reconhece mais forte, ou por outra razão, fica impassivel sem querer travar certame.

Jorge porém não desiste; e como achando um meio de obrigar seu adversario a combater:

— Então, meu caro senhor vamos á consulta? diz elle sustentando com firmeza os olhares investigadores do doutor Everario.

— Estou ás vossas ordens.

— Descobriu-se há poucos annos uma doença, singular talvez nos annaes da sciencia...

— Encheis-me de curiosidade: uma doença nova!..

— Ah! meu caro doutor, causam-vos curiosidade os males, que affligem a humanidade, hem?

— Que quereis vós Sr. Jorge! Os homens que se entregam á sciencia, que cultivou, não tem a alma como a dos outros, accessivel á

fraqueza, e em vez de coração tem um órgão tão insensível como a pedra: tratam a humanidade não por bondade, mas sim por curiosidade.

— E ás vezes por interesse, Sr. doutor Everario. Mas vós differis d'esses homens, fazeis quasi uma excepção, porque nunca, segundo me consta, quizestes, que vos pagassem as vidas, dos que salvaes.

— Ora senhor...

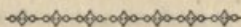
— Sois um habil hypocrita: conheceis a humanidade e sabeis que ella vê as acções na parte physica sómente. Espalhaes beneficios, que todas julgam ter origem na consciencia porque não sabem que o vosso cynismo lhe deu a beber um narcotico, que a faz dormir á muitos annos...

— O senhor injuria-me!

— Não injurio, meu caro doutor: digo o que sois e nada mais... E esta! lá nos ia esquecendo a consulta.

— Estou preparado para vos ouvir, diz o doutor tentando enfrear a sua cólera.

(Continúa) A. COELHO.



Ao acalantar no berço.

Mãe dolorosa.

« Quem tiver filhos pequenos,
« Por força lhe ha de cantar;
« Quantas vezes as mães cantam,
« Com vontade de chorar. » (*)

Filho, ao anjo de tua guarda
Por teu pai, innocente, ora,
Que de nós ha um anno ausente
Sobre as aguas se demora.

No dia da despedida
Deu-me um beijo, o derradeiro;
Dizendo, recebe a vida
Do nosso filho primeiro.

No doudo olhar me perguntas
Seu nome, e quando ha de vir?
Saudades que sinto, adoças
Com teu magico sorrir!

(*) Bellissima quadra do *Fado* de Coimbra.

Em quanto te trouxe ao peito
Sentia tel-o a meu lado;
Depois... filho, dorme, dorme
Ainda estás acordado?

« Quem tiver filhos pequenos,
« Por força lhe ha de cantar,
« Quantas vezes as mães cantam,
« Com vontade de chorar. »

Assim o meigo innocente
Ficava no somno immerso;
E a triste da mãe cantava
Sentada junto do berço.

Mudas lagrimas corriam
Nas faces da afflicta mãe.
E o filho sonhando a abraça,
Sonhando sorri tambem.

Que sorriso? ao outro dia
Mal que o veu da noite cae,
A mãe abraçava o esposo,
E o filho beijava o pae.

THEOPHILO BRAGA.

VOZES INTIMAS

(Fragmento.)

Olha, Ricardo, quando os negrumes da noite em torvelinhos se arrastam precipitosos para o fundo dos valles: quando o sol moribundo, preso pelos cabellos d'ouro ás serras do horisonte, paira, estremece e bruxelêa, até que, fazendo o ultimo esforço, vai d'um golpe encravar-se nas pregas do occidente... não sei que lucha entre a vida e a morte me vai dentro d'alma!.. Não sei, que sonhos máus me vem embalar o espirito n'essas horas de mysterio, que a alma me parece quebrar as cadeias do nada, e subir ao seo de Deus!...

Depois, atiro as vistas torvas e desvairadas para esses campos dos ceus, ergo as mãos para Deus e digo-lhe de cá:

« Senhor, vós, que marcaste terminosa noite e a essa luz, que além vejo no Occidente esconder-se em thalamos de purpura, darieis, para meu mal, eternidade só ás minhas penas?! Oh! porque não serei eu como

o sol? O homem será o symbolo do servilismo? Nasceria acaso para nunca saudar a manhã da felicidade? As lagrimas serão o seu unico patrimonio?!... Louvado seja o teu nome, Senhor!..»

En'isto desato a chorar lagrimas e lagrimas, que se não foram ellas, bem mais negra seria a noite da minha vida!...

As negras azas da noite desdobram-se e estendem-se pela superficie da terra. O alvorocado esturdiar dos homens some-se nas trevas. O vozear estridente e confuso do mundo, já não vem acordar os échos da noite!

Oh! bem vinda noite, mensageira de paz e descanso para as almas attribuladas, hora unica dos infelizes, bem vinda...

Eu saúdo com febril enthusiasmo o Archânjo das noites, como o precursor de felicidade! é que eu amo o silencio da noite, como a mudez d'um cemiterio! é que a noite é o dia da minha vida!...

A essas horas mortas vou-me assim, a fugir dos homens, louquinho! por esses ermos a diluir penas!...

E fico-me por lá horas esquecidas com os olhos nos ceus, o pensamento em ti e em Deus! Mal sabes, Ricardo, as doçuras que essas horas teem para os calmores da minha alma!... sim; porque a minha vida da terra está em ti, a dos ceus em Deus!...

Horas da vida quem nunca vos findára!..

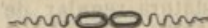
E as aves da noute passam, voltêam e retalham os ares e deixam atraz de si guinchos agudos e lugubres, que de écho em écho se vão perder nas longinquas cavidades dos valles!.. E n'essas vozes escuto os threnos da morte, e n'ellas me vou perdido e nos seus arroubamentos; que eu não tremo da morte! não..; amo-a como o arauto das venturas, que se me hão de abrir, ao fecharem-me o sepulchro!

Mas essas vozes do meu eremiterio sôam e logo morrem! As aves já não passam, nem voltêam nos ares; cançadas de muito doudejar, já de ha muito foram acoitar-se nas furnas amigas. E lá dormem e resonam; que a

noite foi feita para o descanso... Descanço! oh! não, palavra ôca e mentida!..... quem descanso sonhará em mar de tormentas?!... Eu por mim, não, que nunca no mundo logrei felicidade! Descanso, só o do ceu me pôde adormecer as magoas d'esta vida!

.....
Ai! vida. — Inferno, thalamo de dores, urna de infortunios, quem nunca provára a thriaga dos teus enganos!

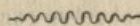
J. SIMÕES DIAS.



ACROSTICO

O teu brilho meiga rosa
tua formosa côr
C onserva-a sempre mimosa,
I senta do sol d'amor.
E s inda nova, mas bella
C omo a mais formosa estrella
N o firmamento a luzir;
O teu peito inda é tão puro
C omo puro é teu sorrir.

D. DE V.



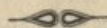
A. J. B.

Venho saudar em meu canto
A tua immensa belleza
Dizer-te, que és deslumbrante
N'essa mesma singeleza.

De Camões trocára o genio
Para todos os teus encantos
Do mundo serem sabidos
É impossivel! são tantos!....

Posso dizer-te sómente
Já que esse Camões não sou:
«Que és formosa, como os anjos.
«Que a ti meu estro voou....

Coimbra 20 de Março de 62 A. P. D'A



SORRISOS E LAGRIMAS

Romance offerecido

A

A. P. D'ALMEIDA.

CAPITULO 2.º — RAPHAEL.

(Continuação.)

Na idade de 16 annos, Raphael era um homem de estatura regular, de formas delicadas e flexiveis, o que n'elle denunciava a creança ainda por robustecer. Tinha os cabellos louros e annellados, os olhos bem rasgados, d'um azul purissimo, com uma expressão tocante e languida; as faces eram pallidas, mas avelludadas, as mãos pequeninas, alvas e rosadas, como as d'uma menina, os pezinhos quasi ideias!

Se o leitor tambem o quer conhecer pelo moral, dir-lhe-ei: Raphael nasceu poeta: dotado d'uma imaginação ardente e apaixonada, d'um coração meigo e extremamente sensível, parece que a providencia mesma o havia destinado para companheiro de Dulce. Se Raphael se comprazia muitas vezes, em meditar só n'um retiro, á sombra dos altos carvalhos, escutando o palpitar da brisa, por entre a folhagem, e o sussurar do ribeiro, precipitando-se, qual cascata, dos rochedos sobre um solo semeado de pequenos seixos brancos, Dulce não amava menos esta solidão, povoada das mil vozes da natureza: mais creança comprehendia, melhor do que elle talvez, todas as bellezas da criação, amava-as por instincto poetico, e por elevação de sentimento. Batia as palmas d'alegria, quando, ao levantar-se, via o bello rên d'um azul purissimo, e o sol doirando o cume das montanhas e fazendo brilhar, como um manto de perolas, as lagrimas de quea aurora orvalhara os campos. Então dizia ella, vendo os filhos dos pobres mal agasalhados:

— Sol, sol! para as pequenas creanças !!...

À tarde, quando vinha o crepusculo, Dul-

ce pendia a frente, assombrada d'uma doce melancholia, e ficava por longo tempo embebida em secreta meditação, como se quizesse receber na alma as ultimas notas do hymno, que a natureza eleva ao Creador, antes de se envolver no sombrio manto da noite!

Era então a vez de Raphael se fazer creança: percorria os campos, colhendo flores, tecia-lhe uma grinalda, coroa-lhe a frente, affagava-lhe a cabecinha, beijava-lhe as pequeninas mãos e taes cousas lhe dizia, que Dulce sorria, abraçava-o, e, inclinando a cabeça no hombro d'elle, dizia-lhe, apontando para o peito:

— Ha aqui uma coisa, que me não deixa respirar, e comtudo o ar tambem me faz mal: eu bem sinto, que me gela ás vezes, e outras tambem me queima a garganta!

Uma nuvem de tristeza passava então pela face do mancebo; estreitava Dulce mais para si, como se prevesse, que alguma desgraça a ameaçava, e depois dizia-lhe:

— Vamos, vamos, minha irmã, foge d'aqui; o ar da noute encommoda-te.

Poucos instantes depois entravam ambos em casa de mãos dadas, mas tristes e silenciosos. Comtudo não pense o benevolo leitor, que a vida d'estas duas creanças era assim sempre ociosa e vagabunda. Raphael tinha uma educação esmerada, e uma instrução fóra do commum na sua idade. Dêsde creança o abbade o habituara ao estudo, e na idade de 10 annos, deu-lhe um mestre de linguas, musica e desenho; ora com intelligencia e applicação em pouco tempo se adquirem vastos conhecimentos; foi o que lhe aconteceu, pois que na epoca, a que me refiro, elle já nada tinha a invejar aos rapazes de idade e classe mais elevada, do que a sua. *(Continúa)* HENRIQUETA ELIZA.

DESALENTO E CRENÇA

Quem é na terra o feliz
Que não prova de amargura!
É que a paz da sepultura
Muitas vezes não bemdiz ?!

Quem não sente o pranto então
Amargando como o absynibo?
Quem não sente como o sinto
No triste anciar da affeição?!

Solidão! és minha irmã!
Em teu seio se occulta a dôr!
Que a ti não chega o rumôr
Da turba frivola e vã!

Em ti posso sem receio
Soltar meu froixo lamento,
Que prêso ás queixas do vento,
Sepultar-se-ha no teu seio.

E ás vezes sinto alivio
N'esta suave expansão!
Não me escalda o coração
O pranto, vertido em fio!..

E depois? vejo uma luz
Nas trevas do meu porvir!
É pura crença a sorrir
Abraçada aos pés da cruz!!!

HENRIQUETA ELIZA.



...LOISAS...

.... Este sentimento, que me rasga as entranhas, posto que cruel, eu o amo ..

Ah! nas horas silenciosas da noute, quando um negro manto cobre a terra, é então, que mais fortes me vem taes pensamentos... Figura-se-me vêr uma imagem querida no meio das trevas, e, quando vou a saudal-a, eis que ella foge, lançando uma gargalhada, que se assimelha ao piar da coruja, e que parece dizer-me: Soffre! soffre!... Em taes momentos minha alma quer voar para essas ethereas regiões, mas sempre um élo que estimo e amo, mas ás vezes tambem odeio, me prende a este mundo, e não me deixa apartar-me d'esta vida, tão triste, tão só, que... Oh! a loucura me enche a imaginação, e só idéas extravagantes n'ella germinam: são effeitos de pesares, causados por ciúmes e por me vêr obrigado a odiar um ente, que só um mal me fez, o envenenar minha existencia, pobre, mas que ainda um dia podia vir a ser rica, e rica de thesouros, que poucas encerram... Foram crueis, porém, agora nada para mim tem valor...

C. 23 de 3 de 62. *Un ami des crinolines.*

CHRONICA DE COIMBRA

Muitos chroniqueiros começam suas chronicas da seguinte maneira — Lá está o compositor pedindo a chronica, e eu não tenho nada que dizer. A mim não me acontece o mesmo. Estou pacificamente assentado, e, como nada tenho que fazer, começo a minha segunda chronica, participando dêsde já, que tenho muito, que dizer.

No dia 15 d'este mez houve pela terceira vez representação da *Probidade* no theatro Academico. O drama foi em geral bem desempenhado.

Subio tambem á scena a comedia em um acto, *Feio do corpo, bonito n'alma*. Simões, como sempre, andou muito bem; se não fosse elle, não seria decerto possivel a representação d'esta comedia com exito feliz. Deve-se tambem elogiar Pereira Leite, *Chispim*, Castro, *Isabel*, Bandeira, *Francisco*, Miranda, *Bernarda*, Fialho, *sargento* e Callado, *Marianno*.

Na cidade das letras nasceu mais um jornal, por nome — *Pinho*, propondo-se advogar os interesses d'aquella provincia: tem por redactores alguns mancebos esperançosos, e que de certo o hão-de fazer viver bastante tempo.

Temos recebido os numeros 1, 2, 3 e 4, da *Revista de Braga*, semanario pittoresco: o segundo numero trazia uma vista do patio da Universidade de Coimbra: bom será que os seus redactores, alguns dos quaes já são bastante conhecidos nas lides litterarias, continuem com a obra queprehenderam, que se torna digna de bem grande elogio, visto serem poucos os jornaes pittorescos em Portugal. Pela nossa parte desejamos-lhe existencia propicia e longa.

Agora deixemos por um momento as noticias e vamos conversar um pouquinho com os senhores directores do correio: eis o que lhes tenho a dizer. « Meus senhores, isto é uma pouca vergonha! não só roubam jornaes a valer, senão tambem cartas: que tirem um jornal de vez em quando, passe, mas todos os dias uma immensidade d'elles, isso é que senão pode aturar: mesmo assim

não é isto tão mau, como roubar cartas, o que é um grave peccado, e como agora estamos na quaresma, tratem de se emendarem, e para o futuro não tornem a fazer taes marteiras. Teem-me faltado bastantes jornaes e tambem algumas cartas: além d'isso alguns assignantes teem-se queixado de não terem recebido alguns numeros do jornal: espero, pois, que não me obriguem a voltar ao assumpto »

Acabou-se a conversa, voltemos por consequencia ás noticias.

A redacção dos—*Ensaio*s agradece ao illustre collega do *Mogriço*, a delicadeza, que teve, de lhe enviar os numeros, que lhes tinham faltado: o mesmo agradecimento faz ao *Mensageiro das Damas*. Alem d'isto agradece tambem ás redacções do *Clamor Militar*, *Bejense*, *Conciliador* e *Correio de Setubal* o terem acceitado a troca com o seu jornal.

No dia 23 houve a procissão de Senhor dos Passos com a decencia do costume.

Tanto no dia 22 como no dia 24 representou-se no Theatro Academico a comedia-drama—*Trabalho e Honra*. O drama está bem composto e agradou muito. Simões foi muito applaudido, e com razão Fialho, *José Fernandes*; Callado, *Seabra*; Bandeira, *Garlos*; Castro, *Amelia*; Parente, *Antonio*; Pereira Leite, *Capitão Silva*; Crespo, *Genoveva* e Miranda, *Olympia*; andaram bem e foram dignos dos applausos, que tiveram. Na comedia *Feio do corpo, bonito n'alma*, tambem andaram bem.

Recebemos o bem elaborado *Resumo da conta da receita e despeza do Azilo da Mendicidade de Coimbra*: segundo elle, vê-se o augmento, que d'esde a sua fundação até hoje tem experimentado o capital no cofre: agradecendo a remessa, louvamos os cavalheiros que teem concorrido para o augmento d'aquelle estabelecimento.

Agora, minhas amaveis leitoras, lançai-me a absolvição dos meus peccados, e de vos ter tanto massado.

Subio hontem a scena em D. Luiz a comedia drama em tres actos *Honra e Deshonra*:

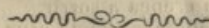
Perdigão, *José Pereira*, e Matta, *Mello*, foram os unicos, que andaram bem. A actriz Julia, *Amelia* não andou mal: a segunda actriz, *Candida* no meu entender andou um pouco melhor que do costume. Na comedia *Convido o Coronel* andaram muito melhor: Domingos, *José Maria*; Perdigão, *Felix*; José Francisco, *Coronel Bernardo* e Matta, *Izidoro*, andaram bem: a segunda a atriz, *Eliza*, tambem andou muito melhor.

Sou de parecer, que o melhor era não tornar a representar peças tão *chochas* como a comedia drama.

À ultima hora.

Diz-se, que S. M. El-rei o sr. D. Luiz 1.^o passa aqui para o meado do mez, que vêm.

Coimbra 30 de Março A. P. D'ALMEIDA.



CHARADA.

Ai! triste d'aquelle
Que assim passa a vida 1
Sem vêr a familia 1
Em mim reunida 1
Em antigos tempos 1
Fui mui respeitado.
A nobreza d'hoje
Me tem despresado.

HENRIQUETA ELIZA.

AMOR E AMBIÇÃO

Assigna-se e vende-se na Livraria Central, Lisboa, rua do Ouro, e em Coimbra, rua da Calçada; e na loja do Sr. José de Mesquita, rua das Covas.

Preço da assignatura

Coimbra..... 200 réis.

Fóra de Coimbra... 240 »

Errata. No numero 6, columna 2.^a, na linha 1.^a da epigrapha de poesia—*A Ceifeira no rio*, em vez de—diz-me que—deve lêr-se—dize-me em que.

Explicação da Charada do n.^o 6.—*birimbao*.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 9.

15 DE ABRIL

1862

D. PEDRO 5.º

Se grandes conquistas ennobrecem o reinado d'um monarcha, mais ainda o illustra a protecção ás artes e ás letras: vale mais e muito mais um reinado pacifico, e em cada anno do qual se contem innumerables obras pias, do que um reinado, passado entre o ruido do canhão e milhares de mortes.

Fiz esta reflexão, ao lembrar-me do virtuoso reinado do nosso presado e chorado Monarcha o senhor D. PEDRO 5.º Segundo a minha fraca opinião, acho-a verdadeira: se não vejam o seguinte.

D. Affonso Henriques teve um reinado mui glorioso, mas continuas guerras o perturbaram: ganhou gloria, mas, em quanto viveu, qual foi o progresso de Portugal, no que mais interesse dá a um reino? Nenhum!.

D. Sancho 1.º, D. Affonso 2.º, D. Sancho 2.º e D. Affonso 3.º, em quanto reinaram, andaram quasi sempre em guerra. Que proveito lhes resultou? Se umas vezes conquistavam, lá vinham outras, em que suas conquistas se perdiam! Foi, pois, o interesse tambem nullo!

Veio em seguida D. Diniz, que, no seu reinado só, deu mais impulso ás letras, que os seus cinco predecessores: por isso seu reinado foi muito mais bello, do que os passados.

O mesmo se vê em seguida, em todas as epochas. D. Affonso 4.º, D. Fernando 1.º, D. João 1.º, D. Affonso 5.º, D. Manuel 1.º,

D. Sebastião 1.º, D. João 4.º, D. Affonso 6.º, D. João 5.º e João 6.º durante seu reinado.

Quasi sempre em guerra: alguma gloria, eis tudo, e desgraças innumerables!... Agora todos estes reinados são tão pacificos do senhor D. PEDRO 5.º Se os outros monarchas de algum pedaço de terreno ou do senhor D. PEDRO 5.º deulhe estas vantagens pias e scientificas; protejeu as artes e as letras; viveu sempre em harmonia com os outros monarchas, que, mais poderosos, o respeitaram, como mais sabio, etc.

Portugal adiantou-se mais no caminho da civilisação, durante o curto, mas gloriosissimo reinado do senhor D. PEDRO 5.º do que em outro qualquer reinado.

Concluindo, diremos, pois, que o governo do senhor D. PEDRO 5.º rei, cuja memoria será immortal, se não foi o mais illustre de Portugal, foi pelo menos o que mais o adiantou no caminho da civilisação.

4 de Abril de 1862.

A. PINTO D'ALMEIDA.

Opulencia e miseria

Sabeis o que era Tiro—a rainha dos mares? Ouvistes fallar de Memphis, outr'ora a capital do Egipto?

Chegou algum dia a vossos ouvidos o nome d'esse cidade, que admirou as riquezas de So-

Mo. Mo. Po.

sostris, da cidade com *cem portas*, chamada Thebas? Vistes Ninive, sede dos reis da Assiria, e a soberba Babylonia, orgulhosa e engrandecida com as riquezas alheias?!

Como a árvore annosa e carcomida cahe com o seu proprio peso, assim todas estas cidades, minadas pela base mal-segura, desabáram sob o peso da opulencia, que lhes não pertencia!

O tempo é como uma esphera immensa, em cuja superficie estão collocados varios objectos, que vão mostrando a sua face, á medida que se revolve sobre o seu eixo, patenteando agora uns, logo outros, até voltar ao ponto de partida. Assim é o tempo! O preterito é mestre do presente e do porvir. Se attenderes ao seu girar continuo, não deves maravilhar-vos dos factos que se succedem no perpassar invariavel! já não são novos—*nihil novum*—vel-os hemos reaparecer.....

Sejão-me permitidas estas considerações, como preambulo das linhas seguintes, philosophicamente as primeiras.

Meia noite. É o bater comp
do duro bronze, que annun
nos na existencia dos abros, e
imperceptivel para a eternidad

Meia noite, hora de profund
que a alma se expande em urri
dos, deferindo ás alturas cele
samento veloz, eu te saud

N'esta mudez da noite, as estrellas fugiam
irradiantes; um silencio sepulchral reina por
toda a cidade.

Só eu divagando, alta noite, pensativo e melancholico, gózo o spectaculo que offerece uma cidade sopita, unida por um suave amplexo ao doce Morpheu. Mas além está uma luz... ouço sons tão harmoniosos! quero aproximar-me.....

Eu já sinto o rugir das sedas; além... é um timido Adonis que, pela vez primeira, balbucia palavras de magico incanto ao ouvido da sua *ella*... acolá... um cardume de officiosos thuriferarios da lisonja; em todos a alegria; nos labios de todos um sorriso affavel é a expressão d'um prazer indefinido. E os pares lá giram na doudejante *valsa*, e os maviosos sons da orchestra casam-se com o sussurro das rajadas do vento. É um baile, não ha duvida....

Negro vulto ali?!.. Meu Deus! É uma pallida donzella, coberta de miseraveis andrajos. Arquejante, a vida é-lhe um fardo pesado. Mal se lhe ouvem estas palavras entrecortadas pelos suspiros:

«Tinha fome... fui além... pedir... um bocadinho de pão: orava... mas os sons da orchestra... abafavão... meus gemidos: tornei a orar... e despediram-me com um... sorriso ironico... Meu Deus... Meu Deus...»

Correrão os annos. E, passado muito tempo, ouvi essa queixa que—indeleavel—permenecêra sempre na minha memoria: no fim d'ella ouvíra mais isto «*e eu fui rica!!!*»

O tempo é como uma esphera immensa.... Se attenderes ao seu girar continuo, não deves maravilhar-vos dos factos que se succedem, no perpassar invariavel... *Nihil novum!*..

Job era rico... muito rico, mas chegou a uma extremo indigencia, que mereceu passar em proverbio: assim succedera a essa, aquem o timido Adonis segredára palavras d'incanto; a essa rainhá do baile, requestada por todos. Era ella que murmurava a que ahí ficava escrita, latando com o enorme peso do infortunio, *porque fora rica!!!*

Goumbra. JOSÉ CAETANO PRETO PACHECO

AO ACTOR SIMÕES

Na Recita do seu beneficio em 22 de Março.

Que poesia na joven captiva
Se se lembra da terra natal?
E se a rôla, por tarde lasciva,
Lá suspira?
Se expira
No val?

Que poesia na virgem doente
Se a camelia lhe imita o rubor?
Se na selva diz brisa indolente
Na folhagem
Mensagem
De amor?

Mais poesia em ti sinto! n'um élo
Prende as almas, transporta-as ao ceu!
Tens, artista, os delirios de Othello
Tens a chamma
Que inflama
Romeo!

Eis, da vida ao festim te offerece
Segue o Christo, cordeiro de amor!
Transfigura-te, altivo apparece
Faz sem pena
Da scena
Thabor!

T. BRAGA.

O 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA
N'ESTE DIA.

(Continuação)

A nobreza, não menos irritada que o príncipe por esta verdadeira ordem de desterro, resolvida se dispôz a entrar destemida na via que se lhe menos difficullosa mostrasse, afim de conseguir a sua e a liberdade da patria.

N'este intuito se reuniram a 12 de Outubro de 1640, em casa de D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, que ao depois veio a ser conde de Abrantes, D. Francisco de Mello, e seu irmão Jorge de Mello, Pedro de Mendonça Furtado, Antonio de Saldanha, e João Pinto Ribeiro convidado por D. Miguel de Almeida assim por ser tido em conta de homem de grande merecimento, como por ser agente do Duque de Bragança.

N'esta reunião com feias cores se pintou o misero estado a que chegara o reino sob tão despotico jugo; e exaltados os espiritos com estas tão tristes recordações, começaram logo a discorrer pelos meios que lhe mais adequados pareciam para pôr um dique a tamanha torrente de desgraças; e o Duque de Bragança foi algum tanto censurado por ainda se não haver decidido a aceitar a corôa, e a dispor das vidas e fazendas dos que lh'a offereciam; e remisso e irresoluto lhe chamaram até. Mas João Pinto Ribeiro calorosamente o defendeu, fazendo ver quaes eram as rasões que o peavam de se declarar conforme os fidalgos queriam; e concluiu por dizer que se o unico remedio viam na elevação do Duque ao throno, porque razão aguardavam que elle se decidisse? que se estavam resolutos a elegel-o por seu rei, o acclamassem muito embora; porque o Duque, vendo-se n'estas talas, não tiuha outro remedio senão aceitar a corôa.

Esta falla de João Pinto Ribeiro, em que respirava a resolução e o amor pelo seu

príncipe e amo, encantou todos os circunstantes; e todos elles unanimemente se inclinaram pela opinião do fiel e zeloso agente do Duque; mas acordaram sempre em ainda de novo tornarem a instar com o príncipe para se deixar corôar, resolvendo-se acclamar-o sem o seu consentimento, caso elle puzesse ainda duvidas.

(Continua)

A. NOBERTO.

~~~~~  
Effeitos do amor

Romance original

CAPITULO 4.º — A PROCURA DE LUIZA.

(Continuação.)

«— É a menina Luiza; o sr. bem a hade conhecer.

«— A menina Luiza, disse eu todo contente por saber, onde ella morava, porque já não duvidava de que fosse ella, a que eu procurava, mas ao mesmo tempo triste, por a encontrar ás portas da morte.

«— Sim! continuou o meu criado; a menina Luiza, aquella, que é tão altiva mas ao mesmo tempo tão bôa.

«— É pessoa, que não conheço, tornei eu.

«— Não admira! o sr. importa-se tão pouco com a vida dos visinhos!

«— Porém, diz-me uma couza, eu poderei ir ao quarto d'ella?

«— Pôde, sim senhor; tem para lá ido quazi todos os visinhos.

«— Não escutei mais o meu criado, e, subindo a toda a pressa a escada, cheguei ao pé do quarto de Luiza, que estava todo cheio de gente.

— Acabai depressa, disse D. Luiz angustiado.

— Pouco falta; sr. D. Luiz

« Abri uma passagem pelo meio das pessoas, que enchiam o quarto, e cheguei ao pé do leito da pobre doente. Estava mui palida e mui magra, porém as feições eram

exatamente, como as da Luiza, que V. Ex.<sup>a</sup> encontrou.

— Perguntei, que doença ella tinha, mas ninguém m'o soube dizer: apenas soube, que o medico tinha dito, que não viveria mais um dia, a não ser por milagre.

— Ah! meu amigo, corramos depressa, a vêr se ainda a salvamos.

— Vamos, sr. D. Luiz.

Este saio immediatamente, seguido de Jorge, que com custo o seguia, pois que D. Luiz apezar de ser meio dia, corria pelas ruas fóra, que nem um possesso.

Chegado a casa de Jorge e tambem de Luiza, subio immediatamente ao quarto andar. Tendo attingido a porta do quarto de Luiza, e não se atrevendo a entrar sosinho, esperou, que Jorge viesse: este não se fez esperar, e, precedendo D. Luiz, entrou no quarto de Luiza.

Esta estava dormindo.

O quarto, em que ella habitava, não estava, como ainda á pouco cheio de gente: á excepção do medico e da enfermeira, mais ninguém estava n'elle. Todas as outras pessoas tinham saído por ordem do medico.

(Continúa) A. P. D'ALMEIDA.

## A VOLTA DA PRIMAVERA

A A. M. DE S.

Ai! outr'óra sorrias-me alegre  
Primavera, de galas vestida,  
Com teu manto de verde esmeralda,  
Tua fronte de flôres cingida.

Eu amava teus hymnos da tarde,  
Doces notas do poeta cantôr:  
Eu amava o susurro dos bosques,  
Povoados d'um vago rumôr.

Primavera, dizia-me — esperança! —  
Doce anhelô, só filho do Ceu!..  
Minha alma dizia-me — crença! —  
Ao porvir, que o passado morreu!..

Eu amava o suave perfume,  
Que se exhala do calix da flôr:  
Os suspiros da briza escutava,  
Como notas d'um canto d'amôr!

Cada anno saudava-te alegre,  
Porque em torno de mim renascias,  
Coroada de eternas esp'ranças,  
Entre choros de sons e harmonias.

Porém hoje, ai de mim! nem um canto  
Em tributo de antiga amizade!  
Que troquei meus sorrisos d'outr'óra,  
Pelo pranto de acerba saudade!

31 de Março de 1862.

HENRIQUETA ELIZA.

## SORRISOS E LAGRIMAS

Romance offerecido

A. P. D'ALMEIDA.

CAPITULO 2.º — RAPHAEL.

(Continuação)

Não se sabia para que o abbade o destinava; nada tinha ainda dito a esse respeito, mas de suppôr era, que não deixasse perder aquella bella e cultivada intelligencia, na ociosidade e inercia. Quanto a Raphael, estou bem certa, que jamais lhe passou pela mente a ideia de deixar aquelle genero de vida, que tanto se conformava com o seu character. Demais, amava muito Dulce, estremeçia-a com carinho de irmão e parecia-lhe impossivel, que, fóra da atmospherá, que ella respirava, se podesse vivêr.

Na verdade tinha razão, porquanto, affastar dois sêres estreitamente unidos, é partir o élo, que prende duas almas, para lançar a cada uma n'um abysmo insondavel de dôres!..

Depois, aquelles serões de familia eram tão poeticos! a voz suave e meiga de Dulce, acompanhada pela concertina ou violão, fazia, que as horas voassem tam rapidamente!.

E a leitura, que elle fazia em voz alta, dos seus poetas mais queridos, taes, como Garret, Tasso, Victor Hugo, não lhe dava a elle e á sua familia momentos d'um prazer infinito!



Quem o poderia substituir ali, se elle faltasse?

Era por estas e outras razões, que Raphael, apóz estes serões, se ia deitar tranquillo e socegado, não suspeitando sequer, que além do mundo, que elle habitava com sua familia, havia outro, onde o destino o podia de um momento para outro lançar, arrancando-o áquella felicidade, que so-nhava para toda a vida!..

CAPITULO 3.º — PRIMEIROS SYMPTOMAS DO AMOR

On la voyait tout a coup gaie sans joie, et triste sans chagrin.

Elle fuyait ses jeux innocents, ses doux travaux, et la société de sa famille bien-aimée.

BERNARDIN DE SAINT PIERRE.

Voaram os annos. Raphael completando os 19 annos estava em guapo mancebo de estatura elevada e formas viris. O braço da adolescencia principiava a querer assumir as honras de bigode; as faces trocavam o aveludado de outr'óra por um moreno sym-pathico: a voz deixava o timbre feminino e tomava inflexões mais apaixonadas. Os seus olhares, d'antes languidos, eram agora ardentes: suas maneiras eram mais robustas e altivas.

Emfim, era impossivel vêr uma cabeça de mancebo mais melancolicamente bella, a que não faltava comtudo um certo orgulho natural, que muito bem o carecterisava.

Na sua frente elevada e magestosa, mobil, como a superficie do lago, soletravão-se-lhe um por um os pensamentos, em cada pequenina prega, que a enrugava.

Dulce tambem crescera e fizera mudanças, mas mudanças, que a embellezavam a olhos vistos. Seu talhe, curvado d'antes pela fraqueza de membros e debilidade de peito, tornara-se mais gentil, mais robusto, e, por assim dizer, elastico. Seus olhos melancolicos tinham mais fogo e vida; a tez tornara-se-lhe mais animada e menos morena.

Estas mudanças não passaram desapercibidas a pessoa alguma da casa, e sua mãe,

que tanto havia temido pela vida d'ella, ficava horas e horas a contempl-a, devorando-a com olhares d'uma avida curiosidade e de um infinito prazer.

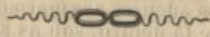
E', que aquelle pequenino sêr, que ella embalara tantas vezes em seus braços, tão fraco em apparencia, era toda a sua força n'este mundo, no qual só o amor de mãe a retinha: era toda a coragem, com que ella reagira contra as rudes provas de soffrimento, com que Deus havia experimentado sua paciencia.

Uma coisa notava tambem o abbe, e que escapava á perspicacia de sua cunhada. As relações de Dulce e Raphael tornavam-se pouco a pouco menos intimas e familiares, mas, em troca, as suas palavras eram mais ternas, seus olhares mais frequentes e menos demorados.

Por algumas vezes os surprehendera elle tambem izolados um do outro, scismando, o que d'antes não acontecia. Via lagrimas no rosto de Dulce, ouvia soluços no peito de Raphael.

(Continúa)

HENRIQUETA ELIZA.



ILLUZÃO

A D.\*\*\*

Se no mundo ha só desdita  
Para que serve o vivêr?  
Se uma desgraça infinita  
Nós sempre havemos de têr?

Este negro pensamento  
Apodera-se de mim,  
Logo que lanço um lamento,  
Lembra-me da vida o fim!

Na solidão lanço um brado,  
Quando penso, se haverá  
Um ente feliz, amado,  
E que tudo adorará!..

Assim gozaria a vida,  
Mas isto é uma quimera,  
Por mim muito bem sentida.  
Ah! toda a gente a quizera!

25 de Março de 1862.

A. P. D'ALMEIDA.

## SODOMA

## Episodio biblico.

Ainsi tout disparut sous le noir turbilhon,  
L'homme avec la cité! l'herbe avec le sillonn!  
Dieu brûla ces mornes campagnes;  
Rien ne resta debout de ce peupl' détruit,  
Et le vent inconnu qui souffla cette nuit  
Changea la forme des montagnes.  
VICTOR HUGO—*Les orientales.*

Sodoma e Gomorha! quem não conhece o nome d'estas duas cidades biblicas? quem não sabe os promenores da terrível catastrophe que reduziu a cinzas aquelles dous povos?

Entregues ao culto de idolos de bronze e marmore, elles reneavam o Deus creator. Mas elle quiz castigar esse povo impio e maldicto.

A sua ordem um anjo baixou a Sodoma para annunciar a Loth, o unico pio, entre tantos impios, que dentro em pouco o fogo celeste abazaria a sua cidade. Depois ordenou-lhe que abandonasse com sua familia a terra maldicta.

Loth obedecendo á ordem do Senhor, dirigiu-se com sua prole para os campos. Triste e lacrimosa o seguia a esposa.

O atro manto da noute já de ha muito estava estendido nos ceus, quando o somno começou a abafar na cidade os ultimos gritos da orgia.

A lua, solitaria, vinha de quando em quando dar os ultimos adeuses aos marmoreos edificios de Sodoma, e lá dentro, sob as mesas do banqueto, jaziam homens embriagados, sonhando prazeres, quando de repente os negros bulcões, que a pouco e pouco se tinham agglomerado sobre a cidade, derramaram uma chuva de lava ardente, que transformou as ruas em rios de fogo.

Então um grito, mil vezes repetido, percorreu o espaço. Esse grito tinha sido soltado dos peitos dos dormentes, que acordavam do somno temporario, para pouco depois adormecerem no somno eterno. A confusão começou a reinar por toda a parte; e por toda a parte reinava a morte. Se sahiam para as ruas, eram abysmados pelas ondas de enxofre ardente, se ficavam em casa eram esmagados pelos tectos, que se abatiam.

Loth já ia longe caminhando a largos passos, quando sua esposa lançou os olhos para o lado da cidade. Estatua ficou ella, contemplando o fogo celeste. E Loth empuxava as filhas, prestes a voltarem-se tambem. E em cada parte da cidade pegava continuamente o fogo, que illuminava os edificios circumstantes; depois desaparecia sob os edificios por elle abatidos: então uma nuvem negra de fumo, que se elevava d'alli, era levada ao longe

d'envolta com o ulular abafado dos moribundos.

No dia seguinte, quando o sol veio dourar as montanhas, só viu, no lugar onde outr'ora Sodoma se erguia florescente e bella, um montão de ruinas fumegante!

Deus tinha castigado o povo impio!

A. C.

## AD EXIMIO ACTOR SIMÕES

Na lyra onde eu cantei festivos cantos  
Nos tempos d'outrora, que lá vão,  
Das notas já esquecido, affeito aos prantos,  
Navei já sei dedilhar rude canção!

Nem já sei, mas ao ver-te assim radiante,  
Co' a fronte ornada d'immortaes tropheus,  
E entre palmas e bravos triumphante,  
Teu nome ver erguido até aos Ceus...

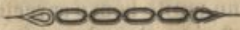
Parece, que esta mente s'esbrazêa  
Na gloria, que desprende o teu fulgor;  
Parece que de novo a lyra ancêa,  
Se ao palco mal assomas, grande Actor!

Oh! que eu não possa agora ser Petrarcha,  
Ter a cyth'ra sonora de Camões!..  
Que eu quera vir saudat-te, ó rei monarcha  
A tí meu canto erguer — nobre Simões!

Mas coitado de mim! que posso eu dar-te  
A tí tão rico d'immortal' splendor?  
Oh! ao menos, que eu possa aqui gravar-te  
O preito, que aos teus pés venho depôr.

Coimbra 22 de Março de 1862.

J. SIMÕES DIAS.



## AMOR

Amor aos olhos vóa,  
Se no teu rosto os fito!  
Ai triste no granito  
D'essa alma não echôa?

Suspiro que do fundo  
Do seio ao labio accode,  
Pedir-te amor não pode  
— A luz que accende o mundo? —

Mas tu sorris tão leda,  
Se em branda voz te fallo,  
E o meu sentir não calo  
Que amar ninguem nos veda;

E mostras tanto eplevo  
No pejo, que te assoma  
À face, cujo aroma  
De flor julgal-o devo;

Que sinto abrir as azas,  
O pensamento aereo,  
Se busco esse mysterio  
Porque meu peito ábrasas!

E então devasso o arcanno  
Que em vão me occultas, lyrio!  
Jamais houve martyrio,  
Se é doce o desengano!

L. C. SIMÕES FERREIRA

### CHRONICA DE LISBOA

Chuva, chuva e mais chuva. <sup>as</sup> <sup>8</sup>  
damas e os *gentlemans*, gritam  
moços, as letas e as avós.—Ai, m  
Endoenças forem tão molhadas não  
treiar o meu vestido novo.—Ai min  
não volto mais a visitar o Senhor do  
á sexta feira! Estraguei as botinhas novas que  
me deu o primo!—E eu, mana, redargue o ir-  
mão mais velho, por causa da Marcolina (esta  
Marcolina é a vizinha namorada, que lhe dá  
*rendez-vous* á sexta feira, a titulo de visitar o  
Senhor dos Passos da Graça) estraguei a mi-  
nha casaca nova.

Apesar, porém, da furia dos elementos, os  
theatros enchem-se todas as noites de recita;  
excepto, já se vê, o de D. Maria II, que conti-  
nua a ser o dormitório de tres ou quatro *bor-  
listas*, que para alli vão ver os pés ás actrizes.  
No Gymnasio o drama sacro *Santa Iria*, origi-  
nal do Cesar de Vasconcellos, talento brilhante,  
mas desconsiderado por culpa sua, tem attraído  
muita gente.

O assumpto d'este drama é bem conhecido  
por todos os amigos das poeticas tradições  
populares, e o drama correcto e elegantemente  
escripto, reproduz a lenda monastica com al-  
gumas modificações exigidas pela fórma sceni-  
ca, mas com o decoro e nobreza condignos.  
Está bem ensaiado, bem mettido em scena, o  
scenario é primoroso, a execução deficiente  
pelas partes secundarias, mas boa por Izidoro,  
Bras Martins, e Maria José. É ornada de boa e  
sentida musica do Noronha. Na rua dos Condes  
tambem dá enchentes—*O milagre da Virgem  
da Nazareth*. Tambem está escripto em lingua-  
gem corrente, tem alguns dialogos poeticos,  
mas a contextura tem alguns disparates comi-  
cos impropios do assumpto. O desempenho...  
é da rua dos Condes. O Fias Roupinho parece

o Califa de Bagdad.— *A ave do Paraizo* tam-  
bem tem feito furor nas Variedades. O poema  
tem pouca graça, mas algum interesse drama-  
tico. O scenario é surpreendente e como o po-  
vinho gosta mais de ver do que ouvir, deu-lhe  
no goto. Depois tem a Maria do Ceu, que vista  
por uma fresta do camarim, antes de pintada,  
parece um reptil do inferno, mas que em sca-  
na, vestida de *ave do paraizo*, é de *creuser la  
lété*; e mais outros prodigios que eu não conto  
agora, porque a fazel-o, tomaria muito campo  
á redacção e muito tempo á benigna leitora.—  
S. Carlos já nos fechou as suas portas, infeli-  
zmente. Das operas dadas alli, desde o meu  
ultimo cumprimento á leitora, a que mais  
agradou foi o *Nabuco*. A Laborde já partiu  
para Inglaterra, deixando-nos saudosos; e bre-  
vemente nos deixarão o Fraschini, o bravo  
tenor que tem tanto de mavioso como de glo-  
rioso e rico, a Bendazzi de bôca grande, o Guic-  
ciardi, baritono que fez as delicias dos *dilet-  
tanti* e a mais *comitante caterva* de comprim-  
marios, comprimarias e contraltos!

Não tem fallado horrores n'estes ultimos  
dias.—Um caixeiro de mercearia que se enfor-  
cou na loja, por causa de uma *casta diva* pouco  
*casta*, que lhe absorvia todos os reaes e que o  
fez alcançar com o patrão em 300\$000 rs.—Um  
marinheiro da armada, rapaz de 26 annos, que  
se precipitou da muralha do jardim de S. Pe-  
dro de Alcantara.—Uma criança de cinco me-  
zes, lançada morta no patamar de uma escada  
da calçada do Duque.—Um soldado artilheiro,  
assassinado por um outro com o intuito de o  
roubar na casa em que morava ás Escollas  
Geraes. O assassino matou-o sobre a cama á  
navalha, roubou a roupa e seis mil reis, e  
lançou-lhe fogo á cama, evadindo-se. Ninguem  
deu por isto, porque foi de noite, mas o crimi-  
noso já está preso. O povo queria matal-o quan-  
do o conduziram á prisão.

Não ha novas litterarias. Abriu-se o *curso  
superior de lettras*; e está aberta a exposição  
da academia das Bellas Artes. Adeus.

REZENDE.

### CHRONICA DE COIMBRA

Com prazer vejo findar a Quaresma, por-  
que está epocha austera só logar dá a tris-  
tezas e lamurias, com que anthipathiso. Este  
anno tem ella sido um nunca acabar de pran-  
tos. Os escrevinhadores de jornaes (eu não)  
fizeram retumbar todos os echos da imprensa  
com seus threnos e nenias: os velhos beatos

choramingaram muito nos domingos ao ouvirem o sermão: os frequentadores do theatro lamentaram a sua sorte vendo as suas mesadas futuras passarem para a gaveta do camaroteiro: e chorou, lastimou-se, emfim, toda a humanidade. Felizmente a Pascôa dará (segundo desejo) passagem a esses prantos para os abysmos da tristeza, e o sol da primavera, anelhando-se nos risos, secará essas lagrimas.

Mas, mudando d'assumpção, falarei do theatro academico onde ultimamente foram á scena a comedia-drama em 3 actos, de *João Romano*, 29, ou *honra e gloria* e a comedia n'um acto—*Izidoro, o unqueiro*. A primeira d'estas composições é mais melódrama que comedia—drama. Os caracteres de Izidoro, que se fazem n'um quadro tem seus quês de tragedia e são de mau gosto para os paladares acostumados as doctas do drama contemporaneo. Tem algumas scenas d'effeito, porém outras de pouco interesse, que abundam no 1.º acto. Dos caracteres dos personagens principaes o de Antonio Soares (29) é o unico que está bem tratado; os outros estão apenas delineados. Mas se a estes falta vigor, o mesmo não acontece aos dos personagens secundarios, entre os quaes avultam o do galucho Batatudo, e o do sargento Má-cara.

Em quanto ao desempenho tenho que dizer, que Simões foi o valente 29, que tinha a honra por estandarte, e cujo coração estremeia, quando elle se lembrava do tempo em que tinha pelejado no campo da gloria; Parente um Batatudo gracioso; Fialho um Escopeta perfeito; Cruz um Má-cara sympathico; Castro uma interessante Maria, dando muitos ais e cabindo algumas vezes desmaiado no chão; Callado um pallido Jorge; Miranda uma thia Angelica; Albuquerque um alferes de voz branda; e P. Leite o sargento Placido.

O *Izidoro* é uma comedia de pouco effeito scenico, salva pelo desempenho, que coube a Simões, *Izidoro*, Castro, *Rosa*, Miranda, *Magdalena*.

O theatro de D. Luiz abrir-se-ha depois

das ferias com o drama em 4 actos — *Os filhos do trabalho*, de Cezar de Lacerda, o auctor que tão festejado tem sido em Coimbra.

O nome do auctor do drama, e os talentos, que há n'aquelle theatro, os quaes d'esta vez podem tirar muito partido de seus papeis, chamarão indubitavelmente muitos espectadores.

Não podemos deixar de dizer á direcção do este theatro, assim como á do theatro academico, que se lembrem de terem a delicadeza de enviar um bilhete para cada recita, e não se esqueçam dos Ensaios. Julgamos que se o não fazem é por falta de lembrança; mas não se pode não tem razão.

Temos que noticiar a recepção dos 4 primeiros do 5.º volume do *Archivo*. Este bello jornal é collaborado por talentos penaos portuguezas. A sua publicação dá honra ao paiz. Agradecemos a direcção da sua direcção.

Enviámos tambem um Mappa á cerca das cadeias de Lisboa com relação ao anno de 1861.

Esta mui bem elaborado e releva muito o cuidado da parte dos empregados das cadeias.

Fecharei a chronica com duas tristes noticias.

Na semana finda, um barco, que ia passando ao Almegue, virando-se, celebrou um holocausto ao elemento aquoso, com a immolação de tres victimas.

O Tira-Teimas suspendeu a sua publicação.

### Expediente

Rogamos aos srs. assignantes das provincias, que ainda não satisfizeram o importe d'assignatura do 2.º trimestre d'este jornal, que principiou no numero 7, o queiram fazer por meio de valles do correio enviados, francos de porte, á administração dos Ensaios Litterarios.

# ENSAIOS LITTERARIOS



JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.

N.º 10.

1 DE MAIO

1862

## MAIS UM ANJO

A' morte da filha da minha amiga M. J.

La tombe dit = Fleur plaintive,  
De chaque ame, qui m'arrive,  
Je fais un anje du ciel!!

(Les voix interieurs)

VICTOR HUGO.

Dorme filha, que entre os anjes  
Irás no ceu despertar!  
E' teu berço campã fria,  
Mas dos anjos a harmonia  
Te hade aos ceus acompanhar!!

Foi a mão da providencia,  
Quem te ceifou em botão!  
Para que ficar na terra,  
Se os prazeres, que ella encerra,  
São todos pura illuzão?!..

Dorme anjo! ainda á pouco,  
Nos braços da mãe dormias!  
Davas-lhe um ceu de venturas,  
Um infinito de doçuras,  
Quando para ella sorrias!..

Porém, Deus quiz mais um astro,  
Para adornar o seu throno!  
Tocou-te com o seu dedo,  
Dos braços de mãe bem cedo  
Passas-te ao eterno somno!..

Tu, oh! mãe! queres saber  
De tua filha o porvir?!..  
Como bonina do ceu  
Cá na terra ella nasceu,  
E lá no Ceu vai florir!..

10 de Abril de 1862.

HENRIQUETA ELIZA.

## SORRISOS E LAGRIMAS

Romance offerecido

A

A. P. D'ALMEIDA.

CAPITULO 3.º — PRIMEIROS SYMPTOMAS  
DO AMOR.

(Continuação.)

Tudo isto fez-lhe comprehender, o que elle já tinha previsto, isto é, que a affeição dos dois jovens ia tomando um caracter mais serio, e que era precisa uma resolução prompta, que atalhasse o mal, antes que elle progredisse.

Mas, como fazê-lo, se elle temia tanto pela fragil natureza de Dulce?

Um golpe imprevisto podia talvez matal-a, a ella, que se animava ao calor d'aquella affeição tão pura e sancta, como a roza d'Abril se reanima aos raios do sol da primavera!

N'esta collisão, o abbade não quiz deliberar nada, sem consultar Candida, mãe da menina, julgando talvez, que as mulheres saberiam melhor a physiologia do amor, ou que o instincto maternal lhe faria vêr melhor, o que se passava na alma de sua filha. Candida sorriu-se de incredulidade e disse-lhe:

— Mano, minha filha é uma creança innocente de mais para dissimular qualquer sentimento; até hoje tem sido sempre expansiva comigo: demais, o seu rosto não occulta a menor emoção. Leio-lhe na alma, como n'um livro, cujas paginas se voltam por si mesmo, sem sêr preciso eu folheal-as: posso-lhe, pois, dizer, que Dulce ama Raphael, mas d'um amor de irmã.

— Mas... observou o abba-de, não poderia sêr mesmo, que ella ignore a differença, que ha nas affeições, e que não possa comprehender, que sensações experimenta? Estou mesmo certo de que, se a entrogassem sobre isso, ella diria, que já amou mais Raphael do que agora! Pobre creança! sei, demais, que ella é innocente e pura, como um anjo, mas é justamente por isso, que eu temo o acordar d'esta paixão, que antecipadamente deveríamos têr atalhado! Louco que eu fui!!!...

— Perdão! tornou Candida, não vejo por quanto, Deus louvado, motivo, para que o mano assim se apoquente. Posso affiançar-lhe, que Dulce não ama ainda Raphael, mas julgo com-tudo justo, e até urgente, que os separemos antes de se manifestarem os primeiros symptomas. Têmo mais para minha filha uma paixão, do que mesmo um forte desgosto, tal como o que lhe pôde cauzar esta separação. Conheço muito bem sua fraca natureza, que uma pequena impressão pôde esmagar: é preciso graduar-lhe os sentimentos e poupar-lhe as sensações.

Fez-se uma longa pausa; o abba-de estava pensativo e opprimido: depois de largo meditar, ergueu a fronte humedecida de suor e fallou assim:

— Sou pobre! se alguma fortuna possuisse, Deus sabe, que não abandonaria jamais Raphael! Tinha n'elle a minha ultima esperança! Queria que fosse o amparo da minha velhice, ou, por assim dizer, protector das minhas cans. Não é isto com-tudo o que mais me mortifica; sei, que terei sempre juncto de mim uma irmã, que me tratará com todo o carinho, e um anginho, que me adoçará a amargura dos ultimos momentos!

Mas isto não é tudo! a mana bem sabe, que é preciso dar um futuro a estas pobres crianças, que a miseria espera depois da minha morte: oh! o meu mais ardente desejo era vê-los ainda um dia unidos, porque são naturezas, que Deus creou uma para a outra. Raphael está sufficientemente instruido, para poder em qualquer terra ganhar dinheito e adquirir reputação: resolvi por isso mandal-o para o Brasil, aonde tenho um amigo, com a protecção do qual posso contar para elle. Um pequeno pecúlio, que tenho ajuntado, fructo de aturadas economias. ....

Aqui o abba-de tossiu e pediu perdão a Deus da mentira, que dizia: adiante daremos ao leitor a explicação d'estas reticencias: por agora continuaremos o dialogo.

— Dizia eu, pois, continuou elle, que, com esse pecúlio, posso pagar-lhe a passagem e abrit-lhe lá um pequenito credito, para o pobre rapaz se estabelecer. Com-tudo, mana, é preciso fazer conhecer a ambos o nosso pro-

jecto, para d'esta maneira os forçar a manifestarem seus sentimentos: falla-se-lhe então do futuro, dá-se esperanças a ella, estimulos a elle, e pôde mesmo fazer-se-lhe vêr a possibilidade d'uma união entre elles, logo que as circumstancias o permittam. Julgo sêr este o unico meio de os separarmos, sem lhe dar um golpe terrivel, que pôde têr fataes consequencias para Dulce.

— É esta tambem a minha opinião, respondeu Candida. Agradeço-lhe o interesse, que toma pelo futuro de minha filha, e, em tudo o que diz, concordo; sómente queria, que me desse algum tempo ainda, para melhor lêr na alma d'ella: e, se, com effeito, achar depois verdadeiras e fundadas as suas suspeitas, serei eu a primeira a pedir e até a exigir esta separação.

— Muito bem! disse o abba-de, fio-me na sua perspicacia de mulher, e estou certo, que prevenida, como está agora, não serão precisos muitos dias para o conhecer.

O abba-de e sua cunhada trocaram um aperto de mãos e assim terminaram a conferencia.

Em quanto Candida se occupa em sondar os segredos do coração, os mais difficeis de sondar, quando são bem mysteriosamente guardados, daremos nós em breves palavras a applicação promettida.

Quando o abba-de veio parochiar aquella freguezia, trazia já consigo o menino Raphael de idade de 5 annos; nunca de positivo alguém soube, se elle lhe pertencia pelos laços de familia, e se estes laços o ligavam de mui perto ou de mui remoto parentesco: corriam com-tudo diversas versões, das quaes, a mais geralmente acreditada, vinha a sêr, que o abba-de nem sempre tinha sido celibatario, e que, tendo-lhe morrido a esposa, elle se resolvera então a seguir a carreira ecclesiastica.

Elle, porém, dava pouca importancia a estes boatos, que na primeira occasião desmentio, dizendo, que o menino era um pobre orphão, que recolhera por caridade,

O abba-de era n'aquella epocha um homem de quarenta e tantos annos: em seu rosto, os trabalhos e desgostos, talvez, tinham imprimido em rugas o scello d'uma velhice precoce e d'uma virtude severa e resignada. O cabello totalmente encanecido, coroando-lhe a fronte magestosa, dava-lhe o aspecto d'um anciao respeitavel!...

Sua voz, ligeiramente tremula, tomava inflexões, ora tocantes e sentidas, ora severas e persuasivas, quando, de sobre a Cadeira, explicava o evangelho ao seu povo!..

Estes dotes grangearam-lhe logo a estima e veneração de todos, a tal ponto, que nem um só dos seus parochianos se atrevesse a duvidar das suas palavras, e elle dizia a verdade!

Raphael, senão era orphão, era talvez engeitado, o que é peor abandono ainda; o que elle era definitivamente ninguem jamais o soube, porque o abbade guardou sobre isto o mais obstinado silencio. Tudo o que se poud saber a este respeito foi o seguinte: — Uma criança d'um anno lhe fôra confiada, junctamente com uma bolça de peças.

Era, pois, a este pequeno thesouro, que elle se referira, quando dizia, que tinha um peculio para Raphael. Pela afeição, que elle sempre consagrou á pobre criança, podia-se suppôr, que algum amigo muito intimo lh'a havia legado em extremas circumstancias; mas, como já disse, de positivo nada se sabia. Raphael nem, mesmo suspeitava, que podesse têr tido outra familia, antes d'aquella, que agora tinha, e que amava com extremo de filho e irmão!!

CAPITULO 4.º — PRESENTIMENTO.

De tudo, o amor é o que mais custa a simular, quando os olhos, que nos vêem, o fallam, o choram e o adivinham!

REBELLO DA SILVA.

Era ao anoitecer d'um dia de inverno: a athmosphera estava pezada e humida; o vento, quando-se pelas fendas das portas, lançava por vezes silvos agudos, como o assobiar da serpente raivosa. Um denso nevoeiro serrava os horizontes e cobria os cumes das montanhas, lançando uma chuvia miudinha, misturada de alguns flocos de neve...

As portas da abbadia haviam-se fechado mais cedo por cauza do rigoroso frio, que lá fôra se sentia. Toda a familia estava já reunida na sala, aonde costumava fazer o serão, em torno d'um formidavel brazeiro,

Dois dias se haviam passado depois da conferencia entre Candida e o abbade, e era no fim do terceiro, que ella promettera dar contas das suas observações.

Era pois, sobre esse assumpto, que elles se entretinham ambos em voz baixa, entretanto que Raphael e Dulce, no lado opposto da sala, desenhavam. Dulce tomara a sua lição, porque Raphael havia algum tempo se tinha constituido seu mestre, papel, que nada lhe estava em caracter principalmente para com Dulce.

Se esta lançava um borrão, trocava as tintas ou estragava os pinceis, Raphael, fingindo-se zangado, começava uma longa preleção, entremiada de rizos e das mais ternas palavras: Dulce defendia-se, accuzando-o por lhe desviar a attenção para outros objectos, e toda esta bulha terminava por um longo abraço, por uns fingidos bollos, que eram antes apertos de mão, ou por uma caricia das mais tocantes; depois

soltavam uma alegre gargalhada, e deixavam o trabalho, para irem brincar ou fallar.

N'este dia, porém, não acontecia assim; uma leve sombra de tristeza obscurcia aquellas duas frentes, tão bellas e juvenis, sem que elles mesmo tivessem consciencia d'isso. Pobres crianças! dir-se-hia, que uma voz secreta lhe annunciava uma proxima desgraça!

— Dulce, dizia Raphael de mansinho, apoiando a cabeça no hombro de sua amiga, não reparas como a thia e o thio nos observam com um ar estranho, ha dias para cá?

— Ora! respondeu a menina, que mentalmente se fazia a mesma observação, estás sempre a scismar! que podem elles notar em nós?

— Dulce, minha irmã, continuou o mancebo, tu não dizes o que sentes: já não es franca commigo! ainda á pouco eu vi-te empalidecer, quando a thia te fallou ao ouvido; perguntando-te a cauza, respondestes: — He uma vertigem, que já passou! — e comtudo eu vi teus olhos arrazaram-se de lagrimas!.. Para que este mysterio?

Fez-se um curto silencio. Dulce não respondia, em consequencia do que, Raphael, occultando o rosto nas mãos, murmurou com desalento:

— Dulce, bem vejo, que já não és minha amiga: tambem já me não chamas teu irmão! dize-me, pois, em que te mereci essa indifferença?!

Dulce, a estas queixas, corou, estremeceu e, pendendo a frente, ficou silenciosa.

Ah! bem o vêjo, bem o vêjo!.. continuou elle, tomando-lhe as mãos e apertando-as nas suas: já não me queres aqui, junto de ti, não é assim? para que negar-m'o? Responde-me, dize-me, alguma coisa minha irmã! não me deixes por mais tempo n'esta duvida!

— Tu és maú, Raphael; para que me torturas assim? Não vêes tu, como já estou?

Dizendo isto, a pobre menina fazia-se palida, e, pondo a mão na frente de Raphael, este estremeceu ao seu contacto gelado e tremulo!..

— Oh! minha Dulce, minha irmã! exclamou elle, querendo lançar-se de joelhos, perdôa-me! Sou um ingrato! castiga-me, mas não com esse silencio! não sejas reservada para commigo! dize-me, dize-me, o que te desgosta ou te atormenta!..

— Então queres saber, o que a mamã me disse á pouco? Mas não vás accuzal-a de se- vera, porque, ai de mim! ella só disse uma verdade!!

Depois d'uma breve pausa, Dulce continuou, reanimada pelo olhar supplicante e terno de Raphael:

— A mamã disse-me, que eu era uma preguiçosa, e tu um descuidado, que só cuidavamos de crianças, e que, se assim continuássemos, seria preciso separar-nos.

N'este ponto a vóz de Dulce era quasi de todo sumida, e accrescentou impreceptivelmente:

— Tu nunca me ha-des, deixar, não?!..

Raphael ia a responder; foi interrompido, porém, pela vóz de seu thio, que o chamava:

— Vem cá, meu filho, traze o violão e toca alguma couza, para Dulce cantar. É hoje dia sanctificado, e por isso não se estuda desenho.

Raphael obedeceu, temperou as cordas do seu instrumento e foi-se sentar, junto de Dulce.

(Continúa)

HENRIQUETA ELIZA.



És das bellas a mais bella, (\*)

És do mundo linda flôr.

Teus olhos brilham, Donzella;

Esse brilho diz amor!..

Se te podesse sêr util

Dava-te meu coração:

Donativo talvez futil,

Mas é meu maior brasão!

Diz alguém, que a singeleza

Já não convem á mulher!

Quem tiver essa belleza,

Que mais attractivos quer?!..

Amo esses formosos olhos,

D'onde mana viva luz.

No meu amor acho abrolhos,

Mas... teu rosto me seduz!!!..

23 de Abril de 1862.

A. PINTO D'ALMEIDA.

(\*) As rimas d'esta poesia foram-me dadas pelo nosso poeta e collaborador o sr. Luiz Carlos Simões Ferreira.

## O 1.º de Dezembro de 1640

OU BREVE NARRAÇÃO HISTORICA DA GLORIOSA  
ACCLAMAÇÃO DO DUQUE DE BRAGANÇA  
N'ESTE DIA.

(Continuação)

Para este fim nomearam Pinto Ribeiro; mas como mostrasse não ser prudente ir elle, pois podia despertar suspeitas, e fizesse ver que era mais conveniente ir Pedro de Mendonça, já por ser Alcaide de Mourão,

já por visitar muitas vezes o Duque, podendo assim sem nota fazer a jornada, os fidalgos de novo accederam ás suas razões, e Pedro de Mendonça partio com as necessarias instrucções, fazendo rumo por Evora, onde communicou ao Marquez de Ferreira e ao Conde de Vimioso a commissão que levava. Com cartas d'estes dous fidalgos entrou Pedro de Mendonça em Villa-Viçosa, a dando com o principe caçando na tapada, aproveitou este ensejo e lhe fallou em nome da nobreza do reino que estava decidida a acclamar-o por seu rei, ou a formar uma republica caso elle Duque recusasse firmamente acceder á vontade d'elles fidalgos; que não temesse o poderio de Castella pois que as suas tropas tinham agora bem que fazer na França e na Catalunha, e as poucas, que o Conde Duque opposesse ao intento, facilmente seriam desbaratadas; em summa fez tudo quanto estava em sua mão para fazer aceitar ao principe a corôa portugueza. Ao concluir porém pedio ao Duque não referisse nada do que se alli passara ao seu secretario Paes Viegas, pois temia o desviasse de aceitar a corôa. O Duque respondeu que era de tal consideração o que lhe propunha, que antes de dar resposta decisiva era mister pensar um pouco, e por tanto logo se decidiria; e que não temesse que elle fallasse d'isto ao seu Secretario, pois não era elle o que menos o incitava a se corôar. N'isto entrou o Bispo d'Elvas que vinha cumprimentar o Duque.

(Continúa)

A. NOBERTO.

A' morte do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Cardoso de Faria Pinto.

A gloria, que doura a vida

De guerreiro embora audaz,

É chamma, do sol nascida,

Que um leve sopro desfaz.

Brilha só em quanto a fama

Em tuba d'ouro proclama

Accções, que o sangue manchou;

É fatal, é triste a gloria,

Que tem sangue por memoria,

E n'elle o brilho offuscou!



Aos gritos do moribundo,  
Que no combate pendeu,  
Responde em palmas o mundo,  
Louros dando a quem morreu !  
Irrisão cruel da sorte  
Que a victoria cede á morte,  
Mas a magua, a dôr não dá !  
Quem vive não chora o morto,  
Se de alivio, de conforto  
Não serviu na terra já !

Se a vida é som que se perde  
Nos echos da eterna voz ;  
Manto, que esmalta de verde  
Sómente esp'rança veloz :  
Depois do manto rasgado,  
Que importa fôsse dourado  
Cobrindo ricos brasões ?  
Ante a campa acaba tudo !  
Só nos resta pranto mudo,  
Da angustia nas provações !

Teu viver hospitaleiro,  
Rico de affecto e d'amor,  
Mais nobre, que o do guerreiro,  
Foi entre espinhos a flor ;  
Foi o facho, que fulgura  
Na mansão da desventura,  
Quando a crença anima a fé ;  
Perdêste o brilho... que importa ?  
Se hoje a virtude está morta,  
Resta a memoria de pé !

Nem morrerá jámais ! Na fria lousa,  
Como epitaphio só d'antigos feitos,  
Ha soberba inscripção,  
Que attesta aos homens quem alli repousa.  
De ti, porém, existe em nossos peitos  
Vivaz recordação.

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.

## Efeitos do amor

Romance original

CAPITULO 4.º — A PROCURA DE LUIZA.

(Continuação.)

Jorge e D. Luiz encaminharam-se para o leito da doente: porém, a um signal do medico, tiveram de se assentar. D. Luiz, lançando então a vista pelo quarto, depois de ter olhado Luiza com incrível impaciencia por muito tempo, e, vendo a modestia da mobilia não se poudo conter, que não perguntasse a Jorge, qual o estado da doente.

— É costureira, segundo me parece, lhe respondeu este.

— Não importa, disse comsigo D. Luiz, hade casar comigo, se não morrer.

— Meus senhores, peço-lhes o obsequio de se calarem, disse o medico.

Uma hora depois, Luiza despertou de sua somnolencia: a primeira cousa, que lhe appareceu diante dos olhos, foi Luiz, que tinha estado sempre em extasis diante do rosto d'ella.

Luiza não poudo conter um grito, que ao mesmo tempo indicava alegria e admiração.

— Como? disse ella, depois de alguns momentos de emoção, durante os quaes não tinha podido fallar, estais aqui, sr. Luiz !

— Sr. Luiz ! disse comsigo Jorge, muito admirado.

— Sim ! menina Luiza, disse D. Luiz : venho aqui para a salvar.

— Ah ! quão bondoso sois ! Não vos contentaes com têr-me salvado uma vez, ainda me quereis salvar outra !

Como todos, á excepção do nosso mancebo, manifestassem grande pasmo, ella lhes disse em meia duzia de palavras, como D. Luiz a salvara pouco mais d'um mez antes.

Depois de Luiza ter contado isto, o medico lhe disse, que não fallasse mais n'aquelle dia: accrescentou, que no seguinte seu salvador voltaria.

(Continúa)

A. P. D'ALMEIDA.

## NÃO OLHES.

Gentil donzelinha, que passas,  
Não volvas os olhos assim..  
Não vês, que me levas a vida  
Nos olhos, que fitas em mim ?

Á hora, em que o Sol se despede,  
Que a tarde mais doce nos vem  
Que a brisa indolente das noites  
Se embala na branca cecem,

Tu passas, filhinha, defronte  
C'os olhos pregados no chão.  
Não olhas, não ris, nem suspiras...  
Que enlevos não finges então ? !..

Mas, filha, se prestes me viste  
De perto sorrindo para ti,  
Tu passas e ris... mas os olhos  
Captivos te ficam aqui...!

Os olhos, que estrellas retratam  
Em noite, que trevas só tem,  
Que a vida se, olhando, me trazem  
Olhandom'a levam tambem ? !..!

Gentil donzellinha, que passas,  
 Não volvas os olhos assim...  
 Não vês que me levas a vida  
 Nos olhos, que fitas em mim?  
 Coimbra 1862.

J. SINÕES DIAS.

### LITTERATURA MODERNA

#### Autores portuguezes.

Em poucas linhas vou dar a ideia, que fórho de alguns autores portuguezes e francezes; e, se me sobejar tempo, não passarei em silencio alguns hespanhoes.

Começemos, pois.

Ninguém, estou certo, ousará negar, que o sr. Alexandre Herculano é o primeiro historiador portuguez. Falta-me espaço, para apontar todas as bellezas, encerradas em suas obras, não obstante, sempre direi, que, em nenhum escriptor portuguez, acho tanto sentimento, e linguagem, tão poetica e ao mesmo tempo tão eximia, como no sr. A. Herculano. Lêde Eurico e o Parocho da Aldêa. A cada passo encontrareis pensamentos sublimes, e que raras vezes um homem apresenta. O Monge de Cister e as Lendas e Narrativas, tambem dão uma ideia excellente do nosso primeiro historiador. A opinião, pois, que formo do sr. A. Herculano, é, que é um homem, que não escreve materialmente, mas sim que suas obras lhe são inspiradas por um sentimento qualquer, que não conheço, é verdade, mas que póde e deve existir.

Passemos agora do historiador ao romancista: lançando-se os olhos sobre as pessoas, que tratam este genero de litteratura, reconhece-se, sem hesitação alguma, que a palma deve ser concedida, e sem favor, ao sr. Camillo Castello Branco.

Quem não leu — Onde está a felicidade, Um homem de brios e as Lagrimas abençoadas? Não são estas as unicas obras, que illustram o nosso primeiro romancista.

Muitas outras lhe dão honra e cada vez nos confirmam mais na opinião do que não ha portuguez, pelo menos escriptor, que tenha tanto conhecimento do coração humano, como o sr. C. Castello Branco.

Agora vejamos qual o primiero dramaturgo portuguez. Ousará alguém dizer, que não é o sr. Mendes Leal Junior?

Oh! sem duvida alguma elle o é. Os srs. Ernesto Biester, Lacerda, etc., escrevem bem: é comtudo forçoso confessar, que jamais iguala-

ram o sr. Mendes Leal: tem peças excellentes e que bem desempenhadas, enlevam o expectador n'um extasis profundo. Acresce de mais a mais o ter uma linguagem pura e sempre bem sustentada.

No seguinte numero continuaremos, tendo por objecto o tractar do primeiro — Critico, Poeta, Folhetinista, etc.

(Continúa)

A. P. D'ALMEIDA.

### ACROSTICO

Á Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. C. A. S. T.

Sobre essa fronte, donzella,  
 Vista crava no chão;  
 Hubra rosinha não queiras  
 Offerter teu coração.  
 Tevas no teu peito amôr,  
 Innocente, como a flôr:  
 Nunca o queiras expôr  
 Vo furôr d'uma paixão.

OLLEGARIO C. PINHEIRO.

### LUISITA!

#### Lembranças da Mocidade.

Ha sempre apóz a tempestade uma ave, que canta no cimo d'uma arvore.

Se é no deserto Indiano, que estala a tempestade, é o bengali, que lá vem chorar. Entre nós é o rouxinol, que canta essa aria desconhecida, que, apóz as tempestades da vida, nos recorda as paginas douradas da mocidade!

Bella ave, eu te conheço!

Um dia, ouvindo o teu gorgeio, lembrei-me tambem dos meus dezoito annos, em que, como tu, cantava. Lembraste?

Era alegre, de rosto jovial, a mocidade e a poezia a transbordarem-me no coração.

N'esse tempo amava tudo o que tivesse côr, perfume ou luz... A vida passava brilhante, como a estrella que scintilla em noite de verão n'um Ceu sem nuvens.

N'essa epocha por acaso fiz conhecimento com uma joven bella e encantadôra, que deixara o paiz natal, para vir respirar ar um pouco mais pura: era da provincia.

Depois nunca encontrei um rosto mais bello e que tivesse aquella poezia e expressão no olhar: era elegante, talvez de mais! flexivel

como o junco, que se curva á beira do regato. Muitas vezes a vi triste: a pensar em que?!

Nem ella o sabia! Talvez conhecesse um mundo ideal, para onde se foje embalado nas azas douradas d'aquelle anjo, que sorri, apontando-nos o infinito...

Nunca poude adivinhar, o que podia cauzar os pezares de Luizita: era joven, bella, e entrava na vida por uma porta brilhante!

Um dia, lembro-me bem, foi n'uns banhos do Mar na Figueira, linda e coquette villa, ficando á beira do Oceano, que a beija namorado. Em casa d'um cavalheiro, meu amigo, reunia-se á noite a sociedade elegante: aferrado a ideias velhas tinha casado ainda joven, e sua mulher tocava divinamente aquelle bocado da Favorita, que diz: — *Ó mio Ferdinando!*

Depois da musica, vinham sempre as classicas contradanças: em quanto os outros dançavam, eu e Luisita conversava-mos, d'uma maneira vaga, ás vezes louca, que J. Janin chama *borboletear*.

— Não sabe (dizia-me ella) no fim de Setembro parto para a Italia.

Fiquei de bôca aberta, espantado e parece-me que n'esse momento fiz uma figura tristissima; não podia dizer palavra!

Estava acostumado a vê-la, tinha já de há muito principiado a sentir aquillo, que os Francezes chamam *un brin d'amour*. Fugir-me, quando eu a amava, parecia-me uma vingança mesquinha!

Mas vingar-se de que? Pobre Luisita! não tinha ella um pai, uma familia? Não precisava ella d'um ar mais puro, d'um clima mais dôce?

N'este momento eu comprehendí a dôr, que punje a alma, quando se perde na terra alguma coisa cara e querida. A dôr da mãe, que vai chorar na campa do seu filho; a dôr do *paria*, que, morrendo á sombra d'uma palmeira, diz: Não tenho ninguem!

Luisita adeus!...

E depois no fim de Setembro via-a ainda uma vez no tombadilho do navio; acenava-me com o lenço, e fugia...

Sombra adorada, onde vais?

Ella acenava-me sempre com o lenço, semelhante a uma fada que volta aos paizes, onde ha um sol eterno.

O navio perdeu-se no horizonte! a onda continuou a brincar com o marisco da praia, e, quando a lua deslisou no Ceu, julguei ver uma imagem, que debruçada na onda, me dizia: Já mais!

L. JARDIM.

## CHRONICA DE COIMBRA

Estamos nos mais bellos dias da primavera, embora de quando em quando algumas nuvens venham toldar os ares. O sol que agora nos alumia, da-nos alento ao espirito e ao coração, mas mais ao coração do que ao espirito. Diga-se a verdade: o inverno é quadra mais propicia para as obras do espirito, porque congela o corpo e não pôde congelar o espirito, por isso este ficando, se assim me posso exprimir, despegado da materia congelada que lhe não pode roubar o calor, ideia mais livremente. O contrario acontece na primavera: o coração ardente é que impera o homem, e o espirito fica como morto. É por isso que no inverno se canta e na primavera se contempla.

Como me parece estar vendo os meus caros leitores fechando os olhos ante esta semsaboria psychologica, vou (eu sou sectario de Hamneman) despertal-os com a semsaboria das noticias.

Principiarei pelas mais antigas, segundo o systema chronical.

Celebraram-se as solemnidades da Semana Sancta, segundo o costume dos demais annos.

Houve muita musica, muitos sermões, muitas lagrimas, mas acabou tudo com a Quaresma.

Hoje anda tudo alegre (os tristes não) e todos se fazem poetas para cantar a primavera.

Eu proprio tive tentações de principiar esta chronica por um hymno á estação, mas metti a *lyra* no sacco, porque me lembrei felizmente de que ella tem sido tão cantada, que o meu pobre hymno nem sequer teria o merito de novidade.

Houve hontem (30) um concerto vocal e instrumental dado pelo barytono Celestino no theatro academico.

A illustrada direcção d'aquelle theatro *esqueceu-se* mais uma vez d'enviar bilhete a esta redacção.

Muito nos admira, que ella não saiba do que se costuma fazer nas cidades onde o benefico influxo da civilisação chega a todos.

Nos vamos dizer-lh'o.

Todos os jornalistas sem distincções *d'edades* tem entrada gratuita nos espectaculos affirm de exercerem na imprensa sua critica imparcial e severa.

Em Coimbra, dado o caso de a quererem considerar cidade civilisada, devia-se praticar o mesmo, e assim poderiamos dar aos nossos leitores uma analyse dos espectaculos, imparcial sim, mas não severa, porque a fazel-o cahiriamos, e quem sabe? talvez nos cuspiem na face o apodo de — mentirosos.

Coisas da terra.

Vamos adiante.

Já cá chegaram os primeiros volumes dos *Miseraveis* de Victor Hugo.

Os taes amiginhos parecem querer reduzir á miseria as bolsas dos amantes da litteratura franceza, que me dizem estar cousa sublime.

Quando os ler fallarei, que não gosto de julgar antes de conhecer

A litteratura conimbrecense está progredindo espantosamente. Estão de continuo a sahirem dos presos livros novos.

Recebemos um novo jornal que se publica nas Ilhas, — *A patria*. É redigido por um mancebo de intelligencia e vontade, dous dotes que longe o hão de levar.

Agradecemos a remessa do jornal e folgamos de dizer que principia sob mu'felizes auspicios.

O jornal que em Guimarães se publicava mudou de titulo e formato, chamando-se agora o *Vimaranense*.

Acha-se em Coimbra um dos maiores vultos litterarios do Seculo. É o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, o auctor dos Ciumes do Bardo e de muitas centenas de composições poeticas e de prosa.

O Simões, que fóra passar as ferias junto da sua familia em Lisboa já voltou e representa Sabbado no Prestigiador, no theatro academico.

Tambem está cá o actor Marcolino, comico do theatro de D. Maria.

Como a consciencia me está dizendo, que tenho abusado seriamente de benevolencia dos meus amados leitores, despeço-me d'elles dizendo-lhe que em Coimbra só há semsaboria.

SILVESTRE.

### CHARADAS.

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| Sempre profundo e vasto.....   | 1 |
| Pronome pessoal .....          | 1 |
| Na muzica se encontra.....     | 1 |
| Se assim faz, não faz mal..... | 1 |

Alguem não gosta d'ella?  
Pois sempre faz bem mal!  
Diz alguem, que não presta,  
Não, senhor! não ha tal!....

A. PINTO D'ALMEIDA.

Eu percorro o mundo todo,  
Sem nunca ninguem me ver:  
Por invisivel que seja  
Sirvo a todos p'ra viver..... 1

E tenho rosto d'um homem,  
Mas homem não chego a ser;  
Faltam-me pernas e braços,  
Tenho bocca sem comer..... 2

CONCEITO

Da primeira o todo gosta  
Se do estio a calma aperta;  
Entre as plantas só conserva  
Posição talvez incerta. L. C.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

### AMOR E AMBIÇÃO

ROMANCE ORIGINAL

DE

A. M. Pinto d'Almeida.

Já se acha concluida a publicação d'esta obra. Quem a pretender, póde dirigir 240 réis em estampilhas, ao auctor, redacção dos—Ensaio Litterarios, Coimbra, que lhe será remetida franca de porte e bem acondicionada.

## BIBLIOTHECA JUVENIL.

EDITOR — A. M. PINTO D'ALMEIDA.

Com o titulo de Bibliotheca juvenil, começar-se-ha em breve a publicar algumas obras: entre estas se contarão, romances, contos, novellas, poesias, etc, sendo quasi tudo original. Cada volume não conterà mais de 100 paginas, dividido em folhas de 16 paginas, pelo preço de 40 reis cada folha: póde-se assignar por quantas obras se quizer: se possivel fór todos os mezes sahirá uma. A primeira, que o editor apresentará ao publico, é *A FILHA DO CAPITÃO* — em seguida é mui provavel, que publique um volume de poesias e um outro romance. A primeira d'estas obras não conterà mais nem menos que 3 folhas de impressão, custando brochada 120 reis, pagos no acto da entrega.

O editor não quer tirar lucro, mas sim proporcionar um passatempo ao publico: em consequencia d'isto, espera que elle o ajudará. Assigna-se sómente n'esta redacção.

Errata. No n.º antecedente a pag. 69, col. 1.ª, linha 20, onde se lê *braço*, deve lêr-se *buço*.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA.

# ENSAIOS LITTERARIOS



JORNAL QUINZENAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDIGIDO por A. Coelho e A. P. d'Almeida.



15 DE MAIO



## SAUDAÇÃO Á PRIMAVERA

Já sorris em nossos amenos campos feiticeira e seductora primavera! O teu alegre gesto, o teu fresco e transparente ser, as tuas gallas variegadas e as grinaldas de flores que te enfeitam as vestes dão uma nova face á criação e fazem da terra um encantado paraíso. De teu seio derramas amores por toda a parte, todos os peitos se inflamam, todas as mentes se inspiram. Teus lábios brotam aromas e doçuras, tuas mãos expargem rosas e lyrios. A aureola que te circunda é formada de pallidas estrellas, e ardentes sóes. O teu carro triumphal é tirado por canoras avesinhas que te intoam doces canticos de amor. Todos os seres te devem na terra um cantico, ó primavera, porque tu a todas avientas e animas, com todos compartes os teus celestes dons. Todos te reconhecem soberana, todos te adoram, festejam e engrandecem.

Todos, que digo? Não! talvez alguém de ti se esqueça. Esquece-se ás vezes de ti o homem, o rei da criação, o ser intelligente e altivo da sua superioridade, que gosando o almo influxo da tua presença parece desdenhar-te os favores.

Esquece-se, quando vae esconder-se nas escuras moradas da devassidão para se entregar a paixões hediondas. Quando furtando-se ás tuas meiguices, vae lançar-se nos braços da venal impudicia. Quando desdenhando as fartas riquezas que lhe offereces vae procurar entre rostos cadavericos e consciencias assombradas as ephemerhas riquezas do jogo. Quando arrancando d'alma a poesia que lhe ali o Eterno implantára ao creal-o se embrenha na baixa prosa das especulações servis. Quando se deixa arrastar pelo genio do vicio a esse labyrintho de crimes que degradam a especie escolhida do Senhor para ser soberana no mundo. Quando, finalmente, cego pelas impuras aspirações que

lhe combatem a honra, não póde extasiar-se ante os teus magnificos esplendores, porque os não comprehende, porque os não vê, porque um atroz indifferentismo lhe despoetizou a alma, lhe entibiou a crença, lhe apagou o enthusiasmo

Alóra esses, primavera, o que haverá, na terra que senão prostre em adoração sincera ante a tua magnificencia? Desde o immudo verme que se arrasta no lodo até ao altivo reptil que domina, enroscando-se-lhe, o tronco do olmo secular; desde o humilde peixinho que se revolve nas aguas do ribeiro, até ao enorme cetaceo que affronta os escarceos do oceano tempestuoso; desde a leão do deserto até a aguia, rainha dos ares, tudo te festeja e adora, tudo te deseja e engrandece.

Mal te approximas em nossos climas avigora-se e limpa-se a atmospherha, rarefazendo as brancas nuvens que a toldam, as que se elevam para irem desenhar-se sob o fundo azul do firmamento, formando ahí figuras mysteriosas que um povo credulo e obscuro julgaria outras tantas fadas aerias. Das cristas das montanhas, se desprende a neve, ao calor do sol nascente e vae converter-se em limpidos regatos que veem escorregar pelas campinas começadas a reverdecer. A margem alegre do rio cristalino, em cujas aguas doudejam cardumes de coloridos peixes, se ouve entoar seu requibrado canto o suave rouxinol que se balouça na ramagem do salgueiro. E por sobre os arbustos da planicie adejam variados bandos de aves, que ahí exalçam seus castos amores. O agricultor prasenteiro arranca ao curro os fogosos novilhos, e submettendo-os á adormecida charrua dá começo ás campestres lidas. As brisas suaves agitam os arbustos viçosos e as perolas do orvalho vão cair no calix das aromaticas florinhas que matisam a relva e embalsamam os ares. A louça camponeza ostenta a sua isempta formosura, e recebe desvanecida os sinceros

protestos do fascinado aldeão. Tudo é amor e felicidade nos campos.

Nas cidades aonde a primavera apenas entra desganhada e medrosa tambem os seus encantos despertam alguns adormecidos corações.

Que peito haverá ahí tão frio e endurecido que não sinta um suave estremeamento ao ouvir por uma noite de abril as plangentes melodias do rouxinol; ao sentir o murmuro da catadupa que se despenha da escabrosa rocha, ao escutar o rumorejar da folhagem da alameda solitaria, quando as mansas brisas ahí depositam os segredos que a natureza enamorada lhe confiou?

Tu és, primavera, o idolo da juventude, a casta musa dos amores. Assim como inspiras ás meigas rolinhas as doçuras do amor, assim como fazes com teus suaves osculos desabrochar as rosas dos jardins, e os lyrios do monte assim imprimes no seio das donzellas os ternos sentires que as aviventam e fazem explender encantos, assim mysticalmente derramas em todos os corações a finalista poesia que dissipa os amargores da existencia, e nos traz passageiros momentos de ventura. Por isso eu enlevado em teus encantos exclamo humildemente, ó bella feiticeira — Salve, saudosa e bemvinda primavera!

EDUARDO COELHO.

## A ESTRELLA

No occaso moribunda

Se apaga a luz do dia.

Negra melancholia

Do Ceu a luz derrama.

O peito se me inflama

Se os olhos lá estendo,

Que eu vel-a ali pretendo

Em thronos de saphira.

Ergo-lhe da lyra

Suave, intimo canto

No extasis tão sancto,

Que eu sinto só por ella!

Depois quando a procella

Da noite, que se estreita

No Ceu corre desfeita

Em crepes, que põem medo,

'Nessa hora de segredo

O espaço em fim percorro,

Pedindo-lhe soccorro

Nos transeos d'esta vida.

E a vista ennegrecida  
Me fica 'numa estrella;  
Que eu penso, vejo 'nella  
A sua imagem pura

Depois... oh! sorte dura!

Se a nuvem m'a encobre,

No peito d'este pobre

Só vejo a desventura.

Coimbra 1862.

SIMÕES DIAS.

O 1.º de Dezembro de 1640

(Continuação)

Acabada a visita, o principe começaram a pensar na resposta que daria ao embaixador, por que em verdade vacillava entre o aceitar a corôa, que de direito lhe pertencia, e o entregar-se ao arbitrio dos que lhe maquinavam a ruina; depois de por muito tempo haver cogitado na resposta, determinou abrir-se com o seu Secretario, para ver qual era o seu parecer a este respeito; e assim essa mesma noite lhe deu parte da proposta de Pedro de Mendonça; quando lhe referiu o proposito em que estava a nobreza de formar republica, caso elle não aceitasse, o interrompeu o Secretario pedindo-lhe licença para lhe fazer uma pergunta; e era, saber qual das partes, Portugal e Castella, seguiria o Duque, se a nobreza se resolvesse a formar republica? ao que o principe logo respondeu: que, em qualquer acontecimento, sempre se havia acostar ao que o commum de reino seguisse.

Ao ouvir tal resposta, o Secretario, com grande fogo, lhe disse: que tal resolução tirava a duvida da resposta que tinha a dar a Pedro de Mendonça; se elle estava resolutos a arriscar a vida pela patria como simples vassallo de uma republica, não mais glorioso, nobre e conveniente lhe era pol-a com galhardia á disposição de uma causa em que tinha a ganhar um reino que de direito e justiça lhe pertencia? e que se acaso a desgraça negasse todos os meios de defenza, ao menos na campanha encontraria uma gloriosa sepultura.

Muito gosto deu ao Duque o ouvir tais razões na bocca de Paes Viegas, e lhe descobriu que se havia confirmado com o seu parecer. Mas no intanto passou ao quarto da Duquesa, D. Luiza de Gusmão, senhora de elevadissimo espirito, e dotada d'uma alma superior ás do commum do seu sexo, a quem patenteou tudo o que lhe Pedro de Mendonça dissera, pedindo-lhe no fim a sua opinião a este respeito. Ella logo sem mais detença lhe respondeu, que tinha para si como

mais acertado morrer reinando que acabar servindo, inda mesmo que a morte se seguisse á corôa; e que não dilatasse pór a corôa na cabeça, porque a tardança muito perjudicaria a empreza.

(Continúa)

A NOBERTO.



### Lembrança de 3 de Maio de 1862.

Á. Ex.<sup>ma</sup> Sn.<sup>ra</sup> D. Henriqueta Eliza.

Lá chama-se anjo a mulher,  
Que a arte tornou formosa;  
Coração não há sequer,  
Sób essa cutis de rosa!.. (\*)

Esta vida é de desdita,  
Nem pode existir mortal,  
Que viva isento do mal!..  
Sempre desgraça infinita!..

Olha-se uma mulher bella,  
Que se imagina innocente;  
Mas enganâ-nos a mente!  
É perdida e não donzella!..

Ás vezes entre as perdidás  
Existe uma virtuôsa;  
Mas perdê-se, se é formosa!..  
São bellezas decahidas!..

Se perfume tem as flôres,  
São tiradas da sua haste:  
Tambem, tu, mundo, mataste  
A virtude co'os amôres!..

Coinbra 14 de Maio de 1862.

A. PINTO D'ALMEIDA.

(\*) Esta epigraphe foi extraida d'uma poesia inédita de \*\*.

### O AMOR

A A. E. M. P.

O amor tem tido milhares de definições, que á porfia pretendem ser as melhores: não ha livro (romance) em que se não falle d'amor: é palavrinha, que se profere a torto e a direito por toda a parte. Não devia ser assim! D'essa maneira profanam-n'a. A palavra amor significa muitissima coisa, que, se se realisasse, tornava o homem verdadeiramente feliz.

Amor, significa ventura infinita.

Alguem já a gozou?

Amor significa o paraizo na terra.

Por em quanto ainda não houve uma pessoa (parece-me a mim) que durante toda a sua vida achasse o mundo igual a um paraizo.

Por em quanto ainda não tenho exemplo de que um mortal sentisse o que deve ser chamado propriamente amor: milhares terão experimentado sentimentos ternos e apaixonados, porém ainda ninguém se gabou de ter sentido o que realmente se deve chamar amor.

Esta suave e melodiôsa palavra quer dizer a communhão de duas almas pelo pensamento, já destinadas pór Deus uma para a outra.

Tem muitas outras significações, que seria aborrecedor enumerar.

Saibam, pois, meus senhores, que o amor é couza mui differente do que pensam.

12 de 5 de 62.

DJALMA.

### CANÇÃO DO POETA

A minha irmã A. A.

Sans t'épuiser jamais, sur toute la nature  
Tu pouvais à longs flots repandre sans mesure  
Un bonheur absolu.

LAMARTINE (*Meditations poetiques.*)

He tão doce vêr o pranto  
Orvalhar a face irada  
Pela febre do soffrêr!..  
Ninguem sabe quanto he santo!  
Quando na alma attribulada,  
Já não pôde a dôr caber!

He o orvalho só que apaga,  
A cede ardente da chamma,  
Que o delirio accendeu!  
Mão de Deus, que sempre afaga!  
A sua voz, que nos chama,  
Quando a crença nos morreu!..

Crenças?... tive-as! e que crenças!..  
Tão viçosas floresceram,  
Que vêr-as murchar faz dô!  
Esp'ranças? tive-as immensas!  
Tambem essas feneceram!..  
Tambem cairam no pó!..

Té amizade trahio  
As privações de minha alma,  
Que não soube comprêndêr!  
Da criança, quem não rio?  
Por lhe vêr na fronte a chama,  
Que não pôde combatêr!..

Tu, gloria, sonho, afagas  
As imagens, que o propheta  
Cria no mente inspirada!  
Com mão fria tu esmagas,  
D'este sentir do poeta  
A inspiração abrazada!..

O poeta? he pobre louco!..  
Mas do sublime delitio  
Ninguem lhe sabe a missão!..  
Da gloria idejada á pouco,  
He hoje palma, o martyrio,  
O soffrêr he seu condão!..

Maio de 1862.

HENRIQUETA ELIZA.

## SORRISOS E LAGRIMAS

Romance offerecido

A.  
A. PINTO D'ALMEIDA.

(Continuação.)

Por um estranho acaso e como se ambos obedecessem a um mesmo impulso, a muzica, que de accordo escolheram para tocar, n'aquella noite, foi uma canção de despedida, triste canto cheio de sentimento e lagrimas!

No fim da primeira estrophe, já Dulce estava vesivelmente commovida: o abbade e Candida escutavam, retendo a custo as lagrimas, porque jamais aquellá vóz tão fresca e pura tivera tão tristes e suaves accentos; jamais o violão de Raphael vibrara com um estremecimento de dor tão pungente e sensível!

No fim da canção, Dulce suffocou, estremeceu e vacillou, prestes a cahir da cadeira: Raphael arrojou ao chão o seu instrumento e correu para ella: estendeu as mãos, levou-as depois ao peito e á garganta, como se sentisse, que alguma coisa a estrangulava, e perdeu os sentidos.

O abbade e Candida correram logo a soccorrel-a. Dulce tinha d'aquelles accidentes, porém havia bastante tempo, que elles lhe não davam; por isso sua mãe estremeceu de susto, vendo-a palida e fria, como um cadaver! Raphael de joelhos procurava aquecer-lhe as mãos, com o calor de seu alito: estava palido e lagrimas silenciosas e abundantes lhe corriam pelas faces!

Seria impossivel dizer, qual d'entre todos soffria mais!

Quando Dulce começava a voltar a si do desmaio, Raphael levantou-se, correu ao jardim e

pouco depois voltou, trazendo um ramo de violetas e jasmim, cujo perfume de todo a reanimou.

Logo que pôde fallar e fazer algum movimento, abraçou a todos e assegurou, que já estava bôa e que dentro em pouco tornaria a cantar a canção. Foi comtudo dissuadida d'essa ideia por sua mãe, que a instou, para que se fosse deitar.

Quando Dulce ia a sahir da sala, Candida disse ao ouvido do abbade estas palavras:

— Procurai dispôr Raphael para a partida, que eu me encarrego de minha filha. É preciso atalhar, quanto antes, o mal; por isso nada de demora: amanhã mesmo, se fosse possivel, devia elle partir.

O abbade fez com a cabeça um signal affirmativo, e Candida sahio, para ir juntar-se a sua filha.

CAPITULO 5.º — MÃE E FILHA.

Oh! amour que les laches te craignent et les méchants te poursuivent! tu est le grand prêtre de ce monde, le feu de l'autel, et sans ta lueur, l'homme ne soupçonnerait pas l'infini!!!

LAMARTINE.

Sigamol-as nós, leitor, se quizeres.

Tendo chegado ao quarto, Candida ajudou sua filha a despir-se; depois, quando a viu deitada e bem tranquilla, pediu a Deus coragem, para desempenhar a sua tão espinhosa missão, e, beijando Dulce nas faces repetidas vezes, começou assim:

— Minha filha, meu pequeno anjo, tu já me não amas, como antigamente... Espera, não me interrompas! Sei, que tens pezares, que tentas occultar-me, a mim, que sou tua mãe: quero dizer, aquella, que te ama, como pessoa alguma no mundo pode amar; aquella, que penetra no fundo da tua alma innocente, e lhe lê os mais secretos pensamentos!!

«Para que me foges, quando ás vezes te surprehendo a chorar? Para que enchugas a occultas esse pranto, que só deverias verter no seio de tua mãe?!.. Acaso Raphael será menos teu amigo? já te não vejo rir e brincar com elle, como dantes!..

Dizendo isto, Candida fitou os olhos em sua filha, que, sem o saber, corou e abaixou os seus: passado, porém, o primeiro momento de perturbação, respondeu com vóz pouco firme:

— Mãe, é que... Raphael... foge de mim... anda sempre triste, e ás vezes é duro para commigo... Mas isto, que me importa? não sou eu tambem...



Dulce não continuou.

— Que hias dizendo, minha filha? perguntou Candida.

— Nada, mamã; não era nada... também eu ás vezes não sou boa para Raphael...

— Então, minha filha, visto não te dares bem com elle será preciso separar-vos: teu thio já fallou n'isso, e eu vou dizer-lhe, que sim.

A estas palavras, Dulce deu um pulo, levantando-se com precipitação, e, pondo as mãos no peito, fez-se palida e soltou um pequeno grito.

Candida apertou-a em seus braços e disselle: — Dulce, minha filha, meu anjinho, que foi isso? diz-me, que tens?!

— Nada, mamã, respondeu a menina affastando-a com suas pequeninas mãos...

E, deitando-se, continuou:

— Uma dôr, que não vale nada, porque já passou: não vê a mamã, como estou boa?!

— Dulce, tu enganas-me! mas eu não me deixo illudir! Amas Raphael, mais do que tua mãe: se te separassem d'elle hoje, tu morrerias?... Responde, mas responde com franqueza...

— Não, mamã, eu não morria... mas parece-me, que não poderia viver, como vivo agora? Não é elle meu irmão?...

— A amizade, que um ao outro tendes vos constitue irmãos, mas de facto não o sois pelos laços de familia: ha n'isto uma grande differença, que não conheces, porque não comprehendes ainda, pobre creança! a affeição, que tens a Raphael! Um dia virá, minha filha, em que seja forçoso separar-vos: teu thio, que é o protector de nós todos, não pôde viver sempre: depois da sua morte, que resta a Raphael e a ti?... por unica herança a miseria!!! Raphael tem ainda um recurso, o seu braço e a sua intelligência; elle é homem, mas tu, pobre e frágil creatura, terás de subjeitar-te a uma vida de privações, se elle te abandonar, ou mesmo, se não poder prover á tua subsistencia com seus ganhos.

« Teu thio, que é um santo homem, calculou tudo isto, e, prevenido o futuro, que te espera, quer obstar-lhe fazendo, que Raphael nos deixe agora, para ir procurar fortuna ao Brazil; esperando, que em pouco tempo elle possa voltar, tão rico, quanto baste para te despozar, sem receios da miseria. São estes os desejos de teu thio, os meus, e estou certa, que são também os teus e os d'elle. Ora diz, diz, minha filha, não queres ser a noiva de Raphael?!

— Oh! mamã, o que é ser noiva? perguntou a menina com um sorriso de candura.

— Não te lembras, minha filha, d'aquella precissão de raparigas, todas vestidas de branco, que n'outro dia vieram á igreja? Reparaste n'aquella, que levava a fronte coroada de ro-

zas, que te sorria com bondade e a quem tu lançastes flores?! Pois era essa a noiva; linda e alegre, como os anjos! E tu, minha filha, também um dia rirás, como ella, quando Raphael te levar á igreja assim coroada, e as raparigas vezinhas te lançarem uma nuvem de flôres!

— Oh! mamã, exclamou a menina com as faces orvalhadas de pranto e os olhos radiantes de felicidade, como hade ser bonito!!.. Um bello sol, muita flôr, e eu vestida de branco e pela mão de Raphael!!!.. Oh! mamã, eu quero ser noiva!!..

— Pois bem! sel-o-has, minha filha; da-me um beijo e dorme agora.

— Mas Raphael? quando parte? quando poderá voltar?

Candida, por uniça resposta, beijou sua filha nas faces e entoou uma canção, com que costumava adormecel-a, quando a pobre menina soffria.

Pouco a pouco o somno ceirou-lhe languidamente as palpebras, e ella adormeceu com os labios ainda entreabertos por um sorriso de candida felicidade.

Sua mãe então levantou-se, contemplou-a por alguns instantes, e, tomando a luz, saio vagarosamente do quarto.

— Pobre anjo! murmurou ella...

Algumas lagrimas lhe deslisaram pelas faces! Candida encaminhou-se para a sala, em que deixara o abbad e Raphael: achando, porém, a porta cetrada, por um sentimento de delicadeza não quiz entrar: o coração palpitava-lhe com violencia e este coração de mãe aconselhava-lhe, que escutasse: era perdoavel a indiscrição, porque alli dentro decidia-se talvez a sorte de sua filha. Candida encostou-se, pois, á porta e escutou. Reinou por alguns momentos o mais profundo silencio: affim o abbad levantou se da cadeira, em que estava, foi a um pequeno quarto contiguo, abriu um armario e tirou d'elle uma bolca de retroz verde, por cujas malhas se viam brilhar algumas moedas d'ouro; abriu também uma caixinha, da qual tirou um broxe de diamantes, e foi collocar tudo sobre a meza, a que Raphael se achava encostado chorando.


— Meu filho, lhe disse elle, aqui tens a tua pobre herança: é toda a tua fortuna no presente e no futuro: para despozar Dulce não chega a abandonal-a?... não podes, nem deves; eu te prohibo de o fazer! Que esperas conseguir com isto para o futuro?

— Nada, meu querido thio, porque nunca pensei n'isso! Viva do presente e para o presente! Cada dia saudava com prazer o novo sol, que vinha allumiar a minha felicidade, não suspeitando jamais, que seria forçoso um dia dexal-a, para a vir procurar no futuro!!..

— Pois bem ! meu filho, confesso, que fui eu o culpado : desde ha muito, que deveria ter-te preparado para isto : comtudo ainda é tempo : depois das reflexões, que te fiz, insistir em ficar, é loucura ! Parte, vai procurar fortuna ! em alguma hora ella te serrirá propicia ; porque levas na alma um poderoso incentivo, a ambição do amor !.. D'aqui a poucos annos voltarás para viveres feliz, nos braços d'uma espoza fiel e pura e no seio d'uma familia, que te ama e amarão com todo o extremo !

Dizendo isto, o abba de com as lagrimas nos olhos e tremulo de commoção abraçou Raphael.  
(Continúa)

HENRIQUETA ELIZA.



### DELIRIO

A. A. E.

Quoi ! le fils du néant a maudit l'existence !

LAMARTINE (*Meditations poetiques.*)

Esp'rança filha do Ceu !  
Oh ! desce a minha alma afflicta !..  
E rasga o sombrio veu,  
Lançado pela desdita !

Nunca o martyrio teceu  
Mais negra c'roa de dôres !..  
Ai ! jamais alguém soffreu  
Tão amargos dissabôres !..


Esp'rança, troca-me em rozas  
Os espinhos d'esta vida !  
Das minhas crenças formozas  
Deixa-me uma renascida !..

Não vens ? oh ! a vida odeio !  
Não se pode assim viver ? !..  
Cruel dôr rasga-me o seio !  
Quero ao tumulo descer !..

Oh ! perdão, Senhor, perdão !  
Foi um brado de demencia !  
Heide bemdizer a mão  
Que me dá esta existencia !..

8 de Maio de 1862.

HENRIQUETA ELIZA.



### LITTERATURA MODERNA

(Continuação)

Proseguiria a dissertação sobre os principaes autores portuguezes de todo o genero de

litteratura, se não achasse que era melhor tratar de escriptores estrangeiros, por certo menos conhecidos do que os nacionaes : não obstante não deixarei de mencionar um illustre portuguez, que tem illustrado com seus escriptos Portugal : quero fallar do sr. Castilho : como poeta tem acarretado ao seu paiz grande fama, e pode-se dizer affoitamente, que é o primeiro poeta portuguez. Os ciumes do Bardo é a mais bella de suas composições.

Depois d'isto nomearemos alguns litteratos portuguezes, que andão mais em voga, taes, como Rebello da Silva, Cesar Machado, Eduardo Coelho, Andrade Ferreira, Ernesto Biester, Cesar de Lacerda, Teixeira de Vasconcellos etc, etc, etc.

São tantos, que seus nomes encheriam uns poucos de numeros do maior jornal de Portugal : para o que, tentem.

Passemos agora aos estrangeiros.

### Autores Francezes

Principiarei por Victor Hugo, para mim o melhor poeta e um dos primeiros romancistas francezes. As poezias de Victor Hugo, que eu saiba, não são muitas : porém essas, principalmente algumas, são divinas : arrebatão-nos a ethereas regiões, d'onde comtudo é forçoso voltar ao mundo das realidades. Dos romances de Victor Hugo tenho lido parte : citarei o Han d'Islandia, Bug-Jargal (escripto aos 16 annos) etc : N. S. de Paris é uma lindissima obra : todas as d'esta celebridade franceza são mimosas e não enfastiam ; isto não se encontra em George Sand, Alphonse Karr etc : alguns gostao das produções d'estes autores, eu, porém, não lhe acho graça. Talvez seja por não ter lido as principaes. Victor Hugo, com a publicação dos Miseraveis de Paris, quiz dar mais uma prova authentica de quanto vale e de quanto pode fazer.

Passemos agora a Lamartine, de quem é verdade tenho lido pouco, porém isto não obsta. Em todos os seus escriptos nota-se um ar de tristeza, que ás vezes chega a ser demasiado ; não obstante tem lindos pensamentos e estão assaz bem escriptas. A Genoveva, Graziella, o Jocelyn, Raphael etc. são excellentes obras. Quem propender para a tristeza e sentimento deve-as lêr, porque dar-lhe-hão bastante conforto.

No numero seguinte concluiremos com Méry, Paulo Feval, Alexandre Dumas etc.

(Conclúe)

A. P. D'ALMEIDA.

**A D.** \* \* \*

Reçois donc ma pensée  
.....  
.....  
.....

Ma muse que les heures  
Bercent rêvant  
Qui, pleurant quand tu pleures  
Pleure souvent.

VICTOR HUGO (*Les voix intérieures.*)

Oh! é bello o fresco lyrio (\*)  
É bella a virente rosa,  
É bello o lindo martyrio,  
Porém tu és mais formosa.

Tu és de pureza um anjo,  
Tu és meu unico amor,  
De meus sonhos o archanjo!  
Serei sempre teu cantor!..

Serei... quando o sol reluz,  
E quando a lua gentil,  
Espalhando sua luz  
Se avista n'um ceu d'anil.

E serei... quando em abril,  
Da primavera ao sorriso,  
Desponta a musa infantil;  
E sêl-o-hei no paraizo!..

25 de Abril de 1862.

A. PINTO D'ALMEIDA.

(\*) As rimas d'esta poesia foram-me dadas pelo nosso poeta e collaborador o snr. Simões Dias.

## Effeitos do amor

Romance original

(Continuação.)

Em seguida saio do quarto do joven com os nossos dous mancebos: dirigindo-se a D. Luiz, disse-lhe:

— Sr. salvasteis-lhe a vida, pelo que muito vos agradeço: se soubesseis a bondade da menina Luiza, ficariéis admirado.

— Agradecido, pelo vosso elogio, retrucou D. Luiz; porém, quem lhe salvou a vida, fosteis vós, e não eu.

— Como quizerdes, disse o medico, que se chamava André, e que era um medico, como ha poucos, sabio e bom.

Houve então uma pausa, que Jorge interrom-

peu, perguntando a D. Luiz, se não era melhor alugar uma carroagem, do que ir a pé.

— Sim, tendes razão, Jorge, meu amigo, respondeu D. Luiz: estou muito fatigado pela emoção, que acabo de soffrer.

Jorge, vendo então passar uma carruagem desocupada, chamou o conductor, que sem detença alguma se dirigio para elles.

Depois de terem todos tres entrado na carruagem, D. Luiz, dirigindo-se ao medico disse-lhe:

— Doutor, estou tão penhorado por me terdes conservado a minha amada Luiza, que exigo, que venhaes jantar commigo.

— Dispense-me v. s.<sup>a</sup> mas hoje é impossivel, porque tenho muito, que fazer.

— Não admitto desculpas, replicou Luiz: haveis de forçosamente vir hoje jantar comigo.

— Seja feita a vossa vontade, disse o medico, resignando-se.

— Assim mesmo é, que o quero vêr, doutor. Em seguida, voltando-se para Jorge:

— E vós, meu amigo, tambem haveis de jantar commigo.

— Perdõe-me V.....

— Chut! disse Luiz devagarinho, interrompendo Jorge, não me trateis por Exc.<sup>a</sup>, eu vol-o peço encaradamente.

Accrescentou em voz alta:

— Já disse, que não admitto satisfações.

— Estou completamente resignado, disse Jorge com custo.

### CAPITULO 5.º — A PROVIDENCIA

No dia seguinte D. Luiz e Jorge voltaram a casa de Luiza, que tinha melhorado consideravelmente dêsde a vespera.

Em todos os dias, que se seguiram, os nossos dous mancebos continuaram a ir a casa da menina Luiza, e a demorar-se lá umas poucas de horas, até que afinal ella ficou completamente livre de perigo.

Um dia, estando Luiza já em convalescença, D. Luiz, como de costume, foi ter com Jorge para irem ambos visita-la: porém, pela primeira vez, aconteceu, que Jorge não estava em casa o que em lugar de causar pena ao nosso mancebo, pelo contrario o alegrou, não, porque já não fôsse amigo d'elle, antes cada vez o estimava mais, mas sim por se lembrar do prazer que ia gozar tendo uma conferencia a sós com a linda Luiza.

Luiz, segundo usava, bateu á porta do quarto de Luiza: esta appressou-se em dizer, que entrassem, pensando, sêr seu amante e Jorge; e vendo, porém, entrar só D. Luiz, ficou muito confusa, pois que era a primeira vez, que iam fallar a sós. O joven ficou tambem acanhado, mas não tanto, como sua formosa amante.

(Continúa)

A. P. D'A.

## CHRONICA DE COIMBRA

Noticias l meus caros leitores.

No theatro de D. Luiz representou-se o drama de Cezar de Lacerda — *Os filhos dos trabalhos*. — composição abundante em scenas de bello effeito, que nos fazem esquecer d'outras demasiado prolixas.

O desempenho agradou.

Jacinto (Eduardo) foi o typo d'odioso cynico, que se apresenta na sociedade, escondendo suas mãos sanguinosas sob as luvas de pellica.

A pouca natural inflexão, que elle costuma dar á sua voz, conspirou um pouco contra a feliz interpretação do seu papel, mas apezar d'isso agradou.

Matta (Henrique) foi o sympathico joven, que tendo arruinado a sua pequena fortuna com as extravagancias d'uma mocidade libertina, encontra uma joven pela qual se apaixonou; e sente suspenso á beira do abysmo, onde prestes se iria precipitar, por este amor.

Perdigão representou com sentimento o papel de creado fiel (José Maria).

José Francisco (Nunes Barata e mendigo) houve-se com perfeita comprehensão.

Finalmente os outros actores agradaram geralmente.

A Sr.<sup>a</sup> Julia (Eufemia) sustentou o character da personagem, que representava, e se n'algumas situações o exaggerasse um pouco, n'outras mostrou ter estudado a fundo o seu papel.

As outras actrizes, salvo o tom emphatico em que fallam, agradaram.

São muito censuraveis as maneiras nada aristocraticas dos comparsas, que pareciam mais creados de botequim do que frequentadores da casa do Sr. D. Antonio d'Azevedo. Elles, confessamol-o, não são os culpados, mas sim o ensaiador, por isso apellamos para este.

O actor Marcolino já deu neste theatro uma recita, subindo a scena o *Segredo d'uma familia* e a comedia — *Pena de Talião*.

Marcolino no drama e na comedia deu provas do seu elevado merito dramatico.

Os outros actores agradaram, excepto Perdigão, porque alem de só ter um dia d'estudo de seu papel, este, que era de galan, não podia ser bem desempenhado por um centro.

A causa d'isto foi o desastre, que houve no theatro no dia 8 de Maio, quando se repelia a *Probidade*, pois cahindo uma trave, no palco, molestou alguns actores principalmente Matta, que já tinha desempenhado o papel de *Augusto da Silva*, no *Segredo d'uma familia*.

No mesmo dia houve um Sarau poetico no theatro academico, sob a presidencia do Sr. Antonio de Castilho.

Poucos foram os poetas concorrentes, mas alguns mancebos d'um auspicioso porvir. Tambem concorreu a poetisa coimbrencense Amelia Janny.

Neste theatro representou-se ultimamente o *Prestigiador*, drama traduzido do francez.

O actor Simões tem-no desempenhado do papel do protagonista (Beaujolais) d'este drama mais uma immurchecivel flor de sua corõa.

Callado (Darmentieres) serviu-se mais uma vez do seu talento dramatico, para ganhar as palmas dos espectadores.

P. Leite (Conde de Varennes) foi o nobre e generoso fidalgo.

Cruz (Vol-au-vent) com poucos dias d'estudo de seu papel houve-se por tal forma, que lhe podemos, sem mentir, agourar um bello futuro no palco.

Crespo (Condessa de Varennes) devia mostrar-se mais sensibilizado nas situações.

Castro (Helena) e Bandeira (Luciano) interpretaram e desempenharam bem os seus papéis.

Na terça feira 13 houve a recita da despedida do actor Simões. Representaram-se alguns actos de peças já vistas e uma nova comedia, ou antes farça intitulada *Tribulação e ventura*. Foi uma noite d'entusiasmo e lagrimas e risos.

Distribuiram-se e recitaram-se muitas poesias offerecidas ao eximio e sympathico actor, que tantas saudades nos deixa.

Dizem que o actor Taborida vem aqui dar algumas recitas. Veremos.

Os *benemeritos* empregados do correio continuam a fazer colleções de jornaes, á custa dos Ensaes. Oxalá que estes abusos tenham fim.

Pedimos ao illustre collega do *Minho*, que nos envie o seu jornal a esta redacção e não á *Imprensa Litteraria*.

P. S. Pedimos desculpa aos nossos amaveis leitores do atrazo da publicação d'este numero.

Desculpam? Sim?

Vosso do coração,  
SILVESTRE.

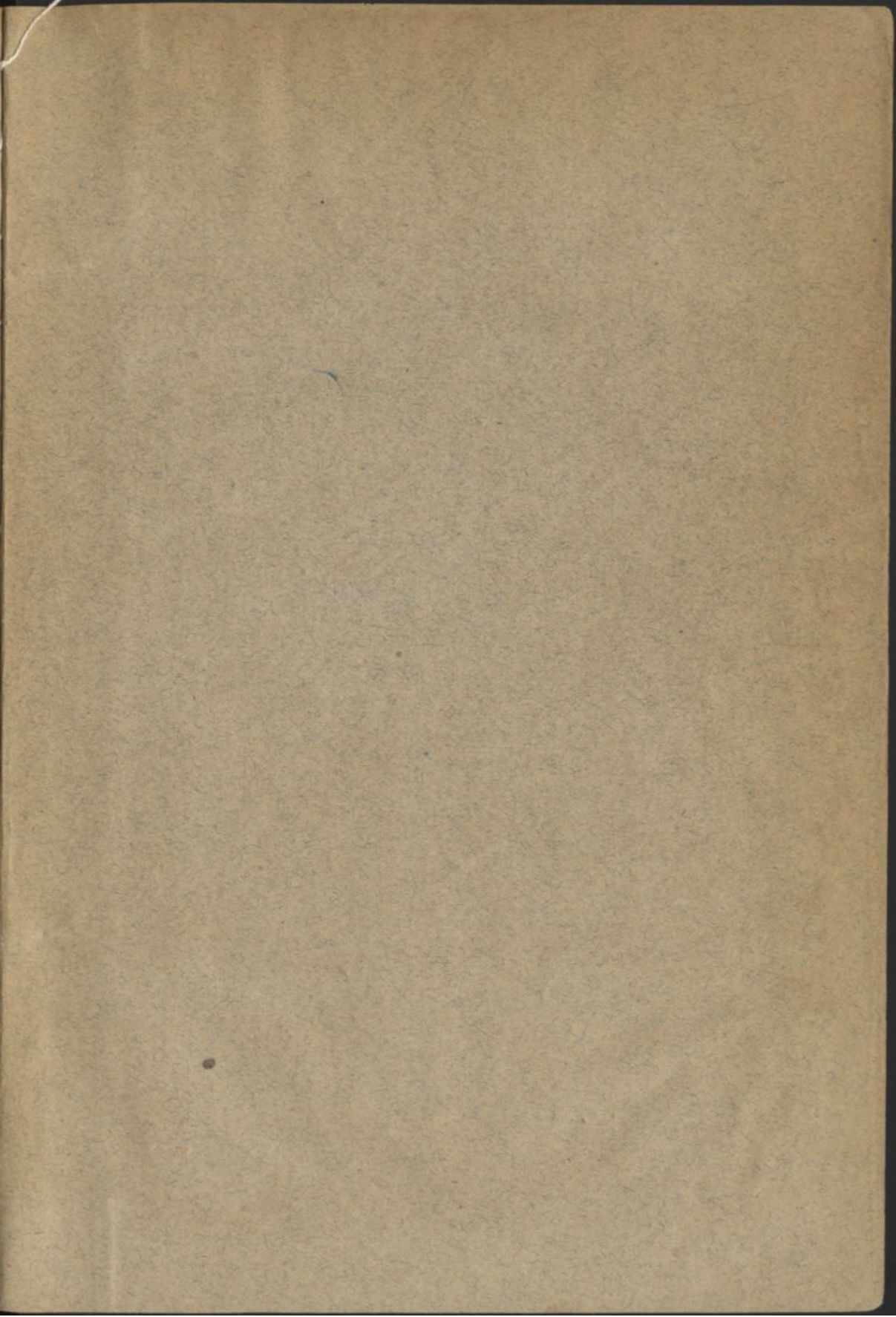
## ERRATAS

A pag. 78 onde se lê — um pouco mais puro; era da provincia — deve ler-se — um pouco mais puro da provincia.

A pag. 79 onde se lê — conhecees — leia-se conhece-se.

Na mesma pagina Ferdinando em logar de Ferdinando; a sua imagem em ves de uma imagem. etc. etc.





BIBLIOTECA MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL  
19 NOV. 1985  
COIMBRA

